

ROSALIA DE OLIVEIRA LEMOS

FEMINISMO NEGRO EM CONSTRUÇÃO:

A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO

DE MULHERES NEGRAS

DO RIO DE JANEIRO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
APRESENTADA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

UFRJ

1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE  
JANEIRO

*MESTRADO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE  
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL*

ROSALIA DE OLIVEIRA LEMOS

*FEMINISMO NEGRO EM CONSTRUÇÃO: a  
organização do Movimento de Mulheres Negras do Rio de*

*JANEIRO*

RIO DE JANEIRO

1997

ROSALIA DE OLIVEIRA LEMOS

*FEMINISMO NEGRO EM CONSTRUÇÃO: a  
organização do Movimento de Mulheres Negras do Rio de  
Janeiro*

Dissertação apresentada no Mestrado  
em Psicossociologia de Comunidades e  
Ecologia Social, da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito para obtenção do título de  
Mestre.

ORIENTADORA

Prof.a. Dr.a. Maria Lúcia Rocha-Coutinho

RIO DE JANEIRO  
1997

ROSALIA DE OLIVEIRA LEMOS

*FEMINISMO NEGRO EM CONSTRUÇÃO: a  
organização do Movimento de Mulheres Negras do Rio de  
Janeiro*

Dissertação apresentada no Mestrado  
em Psicossociologia de Comunidades e  
Ecologia Social, da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito para obtenção do título de  
Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.a. Dr.a. Maria Lúcia Rocha-Coutinho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.a. Dra. Isabel Fonseca Cruz  
Universidade Federal Fluminense

Prof.a. Dr.a. Jacyara C. Nasciutti Rochael  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

Às cinco mulheres que me ajudaram a construir este trabalho: Jurema Werneck, Vânia Santana, Jurema Batista, Suzete Paiva e Sandra Belo.

Aos meus filhos Teule e Rudá pela ausência nesta importante fase de crescimento.

Ao Filinto, verdadeiro companheiro.

À Edna, por me liberar das tarefas domésticas.

À minha mãe pela força de vontade de viver. À minha irmã Creuza, uma jovem que sabe viver a vida. Ao meu irmão Jorge, pela ousadia.

Às várias mulheres negras e brancas que, de certa forma, contribuíram e estimularam esta pesquisa.

À Angela Borba, uma exemplar feminista.

À Glória Queiroz, que participou da minha caminhada desde meus quinze anos.

À Isabel, pelo apoio nesta investida acadêmica.

À Prof.<sup>a</sup> Maria Lúcia, pela dedicação e cuidado em vários momentos da construção deste texto.

Às Prof.<sup>as</sup> e mestres Maria Cecília e Jacyara, por tornarem suas salas de aulas local de crescimento e reflexão acadêmica.

À Maria Inácia, por sua força e determinação.

À CAPES, por possibilitar o apoio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

À saudosa Lélia González, in memoriam, mulher negra, guerreira!

AXÉ!

## RESUMO

Diante da carência de reflexões e sistematização de trabalhos sobre os movimentos sociais, em especial o de Mulheres Negras, este estudo teve o compromisso de resgatar os motivos que levaram as mulheres negras, no Rio de Janeiro, se organizarem. É apresentado, um pouco dos sonhos, das vivências e perspectivas das ativistas e militantes que fizeram parte deste fato, que - sem dúvida alguma - redefiniu o mapa social e político no Estado.

Através desta pesquisa, não só foi possível identificar os motivos que levaram as mulheres negras a se organizarem, como também entender um pouco mais sobre o Feminismo Negro. Esta dissertação elege um período - de 1978 a 1996. A consciência de que, em outras épocas, inúmeras mulheres buscaram sua organização, em nenhum momento foi esquecida, entretanto, a delimitação do tempo-espço foi uma estratégia adotada, para tornar o estudo contextualizado na atualidade.

A hipótese inicial era que tanto o feminismo tradicional, quanto o Movimento Negro, não contemplavam a especificidade da mulher negra, tendo uma prática que os afastavam das reais necessidades deste segmento. Isto por que, os interesses de mulheres, culturalmente distintas, não são iguais, uma vez que não são iguais suas histórias de vida. Por outro lado, a questão de gênero apontava para a discussão sobre a especificidade do ser mulher, ou seja, o ser mulher negra, no interior do movimento negro.

Para atingir os objetivos da pesquisa, realizei cinco entrevistas com mulheres negras que participaram, em distintos momentos, da organização do Movimento de Mulheres Negras no Estado do Rio de Janeiro.

O que mereceu nossa atenção foi a identificação dos motivos que influenciaram esta organização, assim como as diferenças e os interesses, em relação aos movimentos negro e feminista, além do resgate histórico deste período.

Ao analisar cada entrevista - semi-orientada - seguimos os pressupostos da Análise de Discurso, preservando-se a fala original das entrevistadas. Assim, este texto é construído com as falas de Jurema Batista, Jurema Werneck, Sandra Bello, Suzete Paiva e Vânia Santana.

Entendo que este trabalho é uma colaboração, dentre tantas outras, no sentido de construir/reconstruir nossa história. Sendo oportuno, ainda, chamar atenção para a necessidade de sistematização de outras visões sobre este processo, seja no âmbito do Rio de Janeiro ou Nacional, para o enriquecimento do debate. Aliás, esta preocupação tem aparecido cada vez mais, no interior do Movimento de Mulheres Negras.

# ÍNDICE

**CAPÍTULO I** — INTRODUÇÃO, 1

**CAPÍTULO II** — GESTOS, OLHARES E FALAS SOBRE:  
o movimento negro, 13

**CAPÍTULO III** — O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS  
NO RIO DE JANEIRO, 55

- 1 - 1950- Conselho nacional da Mulher Negra
- 2 - 1978 - REUNIMA
- 3 - 1983 - NZINGA
- 4 - 1985 - BERTIOGA
- 5 - 1987 - Garanhuns, I Encontro Estadual de Mulheres Negras
- 6 - 1988 - I Encontro Nacional de Mulheres Negras
- 7 - 1989 - GAECO
- 8 - 1990 - Fórum contra a esterilização em massa, II Encontro Estadual de Mulheres Negras
- 9 - 1991 - II Encontro nacional de Mulheres Negras
- 10 - 1992 - Fórum Global das ONGs e CRIOLA
- 11 - 1993 - II Seminário Nacional de Mulheres Negras
- 12 - 1995 - BEJING
- 13 - 1996 - E'LEÉKÒ, Rede Latino Americana e do Caribe de Mulheres Negras

**CAPÍTULO IV** — A FACE NEGRA DO FEMINISMO: problemas e perspectivas, 115

- 1- o feminismo negro em construção
- 2- desafios para sua consolidação

**CAPÍTULO V** — RELATIVIZANDO NUM BREVE PONTO FINAL, 154

BIBLIOGRAFIA , 164

LISTA DE FIGURAS, 169

LISTA DE APÊNDICES, 170



## ABSTRACT

This work aims at identifying the motives which led Negro Women to organize themselves and give rise to the Negro Feminist Movement which from 1978 to 1996 in city of Rio de Janeiro. I also try to re-establish the activists' dreams and perspectives which go beyond their organization.

*A liberdade individual começa pelo autoconhecimento. A pessoa livre não vacila em se embrenhar em suas próprias zonas de sombra. Em obrigar seus fantasmas íntimos a saírem à luz e enfrentarem a realidade. Em olhar cara a cara, com equanimidade, as feras e os anjos que lhe povoam a alma"*

*( Carmem Silva, 1969:44)*

ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA  
GARANHUNS, SETEMBRO DE 1987

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO

FEMINISMO NEGRO EM  
CONSTRUÇÃO: a organização das  
mulheres negras do Rio de Janeiro

por Rosalva de Oliveira Lemos  
Orient. Maria Lúcia Rocha-Coutinho

- EICOS/97 -

CONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS  
11-21 DE SETEMBRO DE 1987

## I — INTRODUÇÃO

*E nós vínhamos com toda a sede, com toda garra de unir... de ampliar o espaço do Movimento negro, ou seja, que ele concebesse também a favela era uma extensão territorial que nós deveríamos fazer parte e queríamos ser reconhecidos (Sandra Bello).*

Esta dissertação traduz a aliança entre a academia e o Movimento de Mulheres Negras, resgatando, na fala das militantes, o processo de formação do Feminismo Negro no Rio de Janeiro. O trabalho estabelece um diálogo com as vivências destas mulheres no Movimento Negro e no Feminismo Tradicional, em que a ausência da percepção de gênero no primeiro era completada com a ausência da percepção étnica no segundo. Ou seja, falaremos sobre o investimento de cinco mulheres negras na criação de um espaço no qual se contemplasse raça, etnia e classe social.

Muitas teorias sociais têm sido incorporadas a partir de estudos produzidos nos Estados Unidos e Europa. Entendemos que está no momento de sairmos deste referencial alienígena para descobrirmos, a partir de nossas próprias experiências, nossas histórias e nossas alternativas, uma vez que, como uma sociedade de formação política e

demográfica distinta temos diferenciação não só na enunciação de nossos problemas, como também na análise e busca de solução para os mesmos.

Isto, porém, não quer dizer que não reconheçamos o papel importante desempenhado por destacadas feministas negras norte americanas, como bell hooks, no que aqui chamamos de Feminismo Negro. Também não queremos esquecer a contribuição de Patrícia Collins na discussão desta temática e, principalmente, o papel revolucionário desempenhado por Malcolm X, ao denunciar a crueldade da sociedade norte-americana em relação aos descendentes de africanos. No entanto, é de nosso interesse discutir neste trabalho como as mulheres que entrevistamos vêem esta questão em nossa sociedade.

No caminho para a construção deste olhar, em vários momentos, fui surpreendida por situações inusitadas. Resolvi trazer algumas delas, como meio de reflexão e de maior entendimento do processo da pesquisa e suas implicações gerais. O primeiro ponto que percebi estar vivenciando de forma peculiar relaciona-se com a linguagem.

A linguagem dos movimentos sociais baseia-se em simbologias que muitas vezes não são valorizadas na academia. Assim, ao chegar no Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social percebi que trazia conhecimentos que, ao serem expostos, eram comumente tidos como "panfletários e não acadêmicos". A primeira surpresa foi, portanto,

com a formalidade lingüística na academia. Se por um lado a academia sempre recorria aos militantes dos movimentos como fonte de informação para suas pesquisas, por outro, a relação de um militante em seu interior era conflitante.

Eu, como militante e graduada em química, vivi esta situação com muito sofrimento. Em primeiro lugar, ao ler um texto, tinha que tomar a distância necessária para analisá-lo “cientificamente”. Nestes momentos, o que sempre vinha em minha mente era: existiria ou não uma intercessão, na qual a paixão militante, a “identidade” e o compromisso com a ciência poderiam sobreviver sem a “mão pesada” - que sempre buscava a padronização do discurso e atitudes - no interior da academia.

Talvez este não seja um depoimento solitário, uma vez que inúmeras e inúmeros pesquisadores, oriundos do movimento social apontam para o mesmo conflito. Em recente reunião, promovida pelo Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, os pesquisadores oriundos de diversos movimentos sociais foram unânimes em apontar tal dificuldade.

Um dos pontos que mereceram maior atenção, resume nosso segundo momento de reflexão sobre o caminho percorrido para a construção deste relatório de pesquisa: o conhecimento. Se, por um lado, a academia busca unificar a linguagem sob a égide da classe dominante, por

outro, estudantes-militantes conflituam seus conhecimentos, classificando-os ~ na maioria das vezes ~ como sendo as vivências, superiores às normas acadêmicas.

Ao se julgar detentor de “toda experiência” do mundo, o pesquisador militante incorre num erro de também não respeitar a diversidade, a tradição e a cultura acadêmica. Ou seja, muitas vezes fica estabelecido um impasse, pois como diz o velho ditado, “nem tanto ao céu, nem tanto à terra”.

Articular os conhecimentos adquiridos na militância com a forma acadêmica de abordagem e análise exige um certo desprendimento dos dois lados em questão ~ da militância e da academia ~, no intuito de encontrar uma forma em que uma não anule a outra. Porém, esta não é uma tarefa fácil.

Este fato nos remete ao terceiro ponto de nossa caminhada: a tomada de distância necessária quando uma militante estuda a história do grupo étnico e social a que pertence. E, neste aspecto, vivemos tormentas constantes, pois ter vivido, conhecido e se relacionado de forma direta no seio do objeto de estudo induz, em muitos momentos, a uma leitura

parcial, emotiva e, algumas vezes, pouco científica<sup>1</sup> no sentido estrito do termo.

Como exemplo desta dificuldade, lembro-me da relação com as entrevistas na hora da transcrição<sup>2</sup>. Todas as entrevistas foram carregadas de cumplicidade e emoção, porém em uma delas levei um tempo maior, pois discordava da visão que a entrevistada tinha em relação ao movimento de mulheres negras. Na verdade, eu falava lá dentro com os meus botões: “mas ela questionava a gente por isso..”.

Ora, um dos princípios básicos de uma pesquisa (Thiollent, 1984) qualitativa é estabelecer uma distância em relação aos depoimentos ouvidos, mas a implicação no caso desta entrevista era tão significativa que não conseguia fazer sua transcrição. A solução adotada foi parar a transcrição, passando para outra entrevista, e procurar ter no tempo, o aliado para resolver o conflito entre a militante e a pesquisadora. Quando voltei a esta entrevista, já no final das outras, tive mais tranquilidade para perceber que, neste trabalho, a tarefa não era passar a minha visão ou a visão de uma parte do movimento de mulheres negras, mas, na verdade, dialogar com estas mulheres negras entrevistadas, para resgatar um

---

<sup>1</sup> Entendo que “pouco científico” são ações, que ao serem registradas, sofrem deturpações de qualquer natureza para cumprir o objetivo de responder apenas ao ego de quem efetua a análise.

<sup>2</sup> Isso por fazer eu mesma a transcrição das fitas, pois isto me possibilitaria lembrar dos gestos e das intuições das entrevistadas.



processo político social, e, para isto, eu deveria ser fiel e respeitar a diversidade encontrada nas falas destas mulheres negras.

Se, por um lado, alguns aspectos negativos advêm da cumplicidade cultural da pesquisadora com a pesquisa, por outro lado, abre-se uma infinidade de possibilidades positivas. A primeira, diz respeito ao fato de pesquisar a própria história e dar a ela uma interpretação, a partir de um referencial teórico e prático, que só as pessoas envolvidas podem ter. A segunda, é a facilidade em encontrar e contatar as pessoas a quem se deverá solicitar que fale sobre as questões definidas ou de interesse da pesquisadora, uma vez que, pertencendo ao grupo, se tem um maior conhecimento de cada linha de pensamento e atuação das pessoas e grupos envolvidos na militância. E, por último, a possibilidade de resgatar eventos, que estão muito mais no imaginário das pessoas envolvidas do que nos textos acadêmicos das bibliotecas da vida.

Finalmente, a terceira dificuldade que tivemos, no desenvolvimento da pesquisa, foi em relação ao próprio texto final. No movimento social, inúmeras são as interpretações para os fatos e acontecimentos, uma vez que não existe uma unicidade de atuação e de visão de mundo mesmo dentro de um único movimento, inúmeras são também as versões para o trabalho acadêmico. Assim, tivemos que assumir que este trabalho é apenas uma possibilidade, dentre as inúmeras que outras pesquisadoras

poderão desenvolver. Isto, sem dúvida, consolidou em mim, a importância da diversidade tão valorizada aqui.

Foi possível descobrir também que este movimento cotidiano de encontrar, na tela do computador, um pedaço da vida destas mulheres era graciosamente uma armadilha para que eu pudesse buscar um maior auto-conhecimento, ou seja, o meu referencial cultural e político. Assim, o amadurecimento pessoal que resultou deste encontro diário foi responsável pela forma final dada às palavras, que foram me impregnando durante estes quase 20 anos de militância.

É este produto que aqui apresento. Um produto advindo da paixão, da busca de compreensão da minha própria história, de meus pesadelos e esperanças. Um produto que não está acabado, definido. Um produto que tem sido compartilhado com as inúmeras mulheres e homens que tenho encontrado nas ruas, nos debates, nos bares, nas favelas, na academia... na vida. Um produto que fala um pouco da história de mulheres como Jurema Batista, vereadora na cidade do Rio de Janeiro: mulher, negra e guerreira. Um produto que resgata a militância feminista de Suzete Paiva, mulher apaixonada pelo Movimento Negro. Um produto que traz na figura de Vânia Santana, a solidão vivenciada nestes movimentos. Um produto que é fruto do diálogo com as idéias de Jurema Werneck, do

prazer de encontrar com Sandra Bello que, mesmo no momento difícil em que perdeu sua mãe, nos falou de suas histórias e impressões.

Este produto, portanto, traz cada uma das cinco mulheres por nós entrevistadas como co-autoras e, a pedido delas próprias, seus nomes não foram camuflados em siglas ou pseudônimos. Nele, as entrevistadas orgulham-se de manter seu nome e sobrenome verdadeiros, justificando que isto contribui para dar maior visibilidade à sua luta. E, para marcar a fala delas em todo corpo do trabalho, optei por adotar o termo NÓS.

Enfim, esta dissertação foi construída por estas mulheres que tiveram o desprendimento de dedicar parte de seus preciosos tempos para compartilhar comigo algumas inquietações e puderam me ajudar a analisá-las a partir de suas vivências no Movimento de Mulheres Negras. Por isso tudo sou muito grata a todas elas.

O caminho trilhado nesta dissertação foi dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, que consta de três partes, será discutido, de forma sucinta, o Movimento Negro. Na primeira parte situo a formação da sociedade brasileira e o alijamento étnico que orientou sua construção. A seguir, apresento a relevância do Movimento Negro no Brasil. Por último, procuro mostrar como a mulher negra se insere e se relaciona com este

movimento, e aponto alguns dos motivos que as levaram a buscar uma organização própria.

No segundo capítulo, dedico-me a debater aspectos importantes da organização de mulheres negras, bem como sua relação com o Feminismo Tradicional. Optei pela construção cronológica dos eventos para apresentar os passos seguidos na busca da construção desta nova instituição: O Feminismo Negro no Rio de Janeiro.

A seguir, no capítulo três, cujo título é *Feminismo Negro*, apresento as impressões que as mulheres entrevistadas têm sobre este movimento, bem como os problemas e as perspectivas que vêm para a sua consolidação.

Por último, no capítulo quatro, traço algumas considerações e conclusões acerca das questões desenvolvidas ao longo do trabalho. Contudo, sei que elas são interpretações parciais, pois, no interior do próprio Feminismo Negro, existem versões que corroboram e outras que refutam nossas reflexões nesta dissertação.

Na construção do trabalho, optei por não reservar um capítulo específico sobre metodologia. No entanto, gostaria de assinalar alguns pontos importantes sobre a metodologia adotada. As cinco mulheres negras que entrevistamos foram escolhidas a partir de meus conhecimentos, enquanto militante, deste Movimento. As entrevistas

foram semi-orientadas e os eixos, abaixo destacados, serviram para nos orientar durante a entrevista.

1. Um pouco de sua história pessoal;
2. Os motivos que levaram as mulheres negras a se organizarem;
3. A existência ou não de diferenças entre o Feminismo Tradicional e as bandeiras e lutas das mulheres negras;
4. A existência ou não de diferenças entre o Movimento Negro e as bandeiras e lutas das mulheres negras;
5. As perspectivas para o Movimento de Mulheres Negras.

Optamos por entrevistas do tipo semi-orientadas porque, segundo Queiroz (1983), elas possibilitam que “o pesquisador de tempos em tempos efetue uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar”. Ainda recorrendo a esta autora, neste tipo de técnica, “o informante fala mais do que o pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta o diálogo é o pesquisador” (p.:47).

O roteiro semi-orientado foi um facilitador para a investigação das categorias imaginadas e foi feito com muito cuidado, não só para garantir a espontaneidade no relato dos fatos considerados mais importante para a entrevistada, como para garantir a não contaminação da conversa a partir da vivência da pesquisadora.

As entrevistas transcorreram com bastante naturalidade, não apenas pelos motivos já apontados anteriormente, como também por terem ocorrido em locais escolhidos pelas mulheres.

Outra vantagem deste tipo de pesquisa reside no fato, observado por Queiroz (1983), de que se trabalha com depoimentos pessoais, pois

*eles se concentram ou sobre um lapso de tempo mais reduzido...ou sobre uma série de acontecimentos marcantes que permita aprofundar informações e aumentar os detalhes a respeito de algo que foi bastante delimitado (pág.:50)*

O fato da entrevistadora conhecer as mulheres entrevistadas ajudou na coleta de dados. Este ponto, aliás, mereceu maior atenção e cuidado de minha parte, pois induzia à falsa impressão de “facilidade” da entrevista, já que existia um grau de intimidade entre entrevistada e entrevistadora. Na tentativa de minimizar a parte negativa deste fator, tentei priorizar dois pontos fundamentais: o primeiro foi a tomada de distância e, o segundo, o controle da contratransferência. Assim, pude evitar que a interferência ocorresse dentro de um nível que, segundo Queiroz (1983), “pode ir ao ponto de anular a possibilidade da pesquisa” (p.:45).

As entrevistas foram gravadas pois, como assinala ainda a autora,

*o gravador trouxe praticamente o abandono do registro escrito imediato. A demonstração da riqueza de detalhes e da conservação dos dados que permitia, foi longamente comprovada na década de 50 (pág.: 46).*

A transcrição integral das fitas mostrou-me o universo amplo de cada entrevista e possibilitou fazer os recortes que considereei necessários para a construção desta dissertação.

Assim, convido você, leitor ou leitora, a um passeio pelo período que vai de 1978 a 1996 na construção do Feminismo Negro do Rio de Janeiro, começando por discutir, no próximo capítulo, o Movimento Negro na sociedade brasileira.

Paralelamente a outros aspectos, neste capítulo pretendemos aumentar o conteúdo de nossa análise, introduzindo ainda o conteúdo da raça/etnia que, juntamente com as relações de gênero e classe social, permeiam todas as relações humanas. Veremos a seguir, as influências destes aspectos no processo de organização política das mulheres negras, no Rio de Janeiro.

Exercendo pressão transformadora, o Movimento Negro surge visando contestar a exclusão social e econômica vivida pelos afro-descendentes em esfera mundial. Procuraremos trabalhar aqui os motivos que levaram ao aparecimento de um movimento negro, sua relevância

<sup>1</sup> Atualmente, a literatura que trata da diversidade cultural do Movimento Negro, encontra-se tanto no papel, quanto na internet. A respeito da literatura que trata da diversidade cultural, veja o trabalho de análise dos diversos grupos e organizações em atividade política.

## CAPÍTULO II — GESTOS, OLHARES E FALAS SOBRE: o Movimento Negro<sup>3</sup>

... mas análises concretas de fatos reais poderão mostrar como as vivências humanas apresentam um colorido de classe e um colorido de gênero (Saffioti, 1992:191)

Parafraseando a autora acima, neste capítulo pretendemos aumentar o colorido de nossa análise, introduzindo ainda o colorido da raça/etnia que, juntamente com as relações de gênero e classe social, perpassam todas as relações humanas. Veremos a seguir, as influências destes aspectos no processo de organização política das mulheres negras, no Rio de Janeiro.

Exercendo pressão transformadora, o Movimento Negro surge visando contestar a exclusão social e econômica vivida pelos afro-descendentes em esfera mundial. Procuraremos trabalhar aqui os motivos que levaram ao aparecimento de um movimento negro, sua relevância

---

<sup>3</sup> Atualmente, a terminologia para designar a diversidade existente no Movimento Negro, orienta colocá-lo no plural, porém faremos a opção pelo singular por considerarmos pouco relevante neste trabalho a análise dos diversos grupos que compõem esta articulação política.



político-social e, por último, a relação dos homens envolvidos neste movimento com as mulheres negras.

### *1- um nascimento contestador...*

A literatura está repleta de autores clássicos ~ tais como Gilberto Freyre(1975); Sérgio Buarque de Holanda (1971) e de contribuições recentes valorosíssimas como Moura (1988), Skidmore (1989), Fernandes (1979) e Schwarcz (1993), dentre outros ~ que se dedicaram ao estudo do processo de formação da sociedade brasileira e da relação inter-étnica. Estas obras foram desnudando os estigmas e colocando uma lupa nas visões preconceituosas acerca da raça/etnia<sup>4</sup> negra no Brasil.

Procuraremos iniciar nosso capítulo buscando apresentar a dimensão que a pesquisa nos coloca ao trabalhar este tema, uma vez que a própria auto-definição dos afro-descendentes é múltipla. Segundo Moura (1988):

---

<sup>4</sup> Pretendo utilizar raça/etnia no lugar de raça, por entender que os seres humanos são originários de um mesmo tronco, ou seja, pertencem à uma mesma espécie humana, não tendo sentido classificar raças diferentes, uma vez que, pela definição clássica, as raças são conjuntos de seres com genes diferentes. Porém, segundo estudos atuais da engenharia genética, num mesmo grupo a variação genética é consideravelmente grande, aproximando muitas vezes o mapa do DNA à de grupos diferentes fisicamente.

No recenseamento de 1980, por exemplo, os não-brancos brasileiros, ao serem inquiridos pelos pesquisadores do IBGE sobre a sua cor, responderam que ela era: acastanhada, agalegada, alva, alva-escuro, alvarenta, alva-rosada, alvinha, amarelada, amarela-queimada, amarelada, amorenada, avermelhada, azul, azul-marinho, baiano, bem branca, bem clara, bem morena, branca, branca avermelhada, branca melada, branca morena, branca pálida, branca sardenta, branca suja, branquiça, branquinha, bronze, bronzeada, bugrezinha escura, burro-quando-foge, cabocla, cabo verde, café, cefé-com-leite, canela, canelada, cardão, castanha, castanha clara, cobre corada, cor de café, cor de canela, cor de cuiá, cor de leite, cor de ouro, cor de rosa, cor firme, crioula, encerada, enxofrada, esbranquiçado, escurinha, fogoió, galega, galegada, jambo, laranja, lilás, loira, loira clara, loura, lourinha, malaia, marinheira, marrom, meio amarela, meio branca, meio morena, meio preta, melada, mestiça, miscigenação, mista, morena bem chegada, morena bronzeada, morena canelada, morena castanha, morena clara, morena cor de canela, morenada, morena escura, morena fechada, morenã, morena prata, morena roxa, morena ruiva, morena trigueira, moreninha, mulata, mulatinha, negra, negota, pálida, paraíba, parada, parda clara, polaca, pouco clara, pouco morena, preta, prefinha, puxa para branca, quase negra, queimada de praia, queimada de sol, regular, retinha, rosa, rosada, rosa queimada, roxa, ruiva, russo, sapeca, sarará, saraíba, tostada, trigo, triqueira, turva, verde, vermelha, além de outros que não declararam a cor. O total de cento e trinta e seis cores bem demonstra como o brasileiro foge de sua realidade étnica, da sua identidade, procurando através de simbolismos de fuga, situar-se mais próximo o possível do modelo tido como superior” (p.: 63).

Com esta vastidão de designações, somos levadas a pensar que a maneira como os afro-brasileiros se vêem e se (auto)denominam<sup>5</sup>, encontra suas raízes no processo de formação da sociedade brasileira, que se pautou na escravidão de nações consideradas inferiores e, portanto, passíveis de serem dominadas. Assim, eles próprios parecem ter

<sup>5</sup> Talvez o termo mais apropriado fosse afrolusobrasileiro, pois a sociedade brasileira foi formada por africanos, índios e portugueses, mas optamos pelo termo afro-brasileiro por já fazer parte de nosso cotidiano, referindo-se a esta mistura de 3 diferentes etnias.

incorporado este sentimento de inferioridade étnica presente no discurso oficial.

Para Gomes (1994):

*Nas condições históricas em que se processou a colonização do Novo Mundo, o trabalho compulsório decorreu de necessidades impostas pelos mecanismos do sistema colonial. Assim o elemento mercantil-escravagista comandou todo o movimento colonizador. A bem-sucedida empresa colonial nutriu-se, inevitavelmente, de ideologias auto-justificadoras, que se traduziram numa série de concepções e atitudes desfavoráveis diante dos povos dominados....E as noções de selvageria desenvolvidas nos séculos XVI e XVII constituíram as potencialidades e previam o destino daqueles que a subjugavam. Essas antigas e vagas noções, em contato com as novas circunstâncias, cristalizaram-se em valores e comportamentos nem sempre idênticos, mas invariavelmente enfatizando a suposta superioridade européia (p.: 26).*

Durante a colonização do Brasil, não só ocorreu a ignorância na subjugação das outras culturas e a exploração econômica de alguns grupos - mais especificamente, o indígena e o africano -, como se constatou um equívoco na forma de *olhar* estas outras culturas, pelo fato dos colonizadores não partilharem e, muito menos, respeitarem os valores do *Outro*.

Visando garantir a supremacia, os colonizadores disseminaram informações absurdas, fruto de um imaginário prepotente, propagando idéias errôneas sobre os povos africano e indígena. Para ilustrar, vale mencionar a afirmação de Jean Bodin (citada em citação Gomes, 1992) de

que “os habitantes das regiões meridionais tinham fortes inclinações à lubrificidade, e que tal luxúria, incontrolável, conferia resultados inquietantes” (p.: 26).

Estas imagens eram construídas pelo colonizador numa tentativa de ampliar o seu poder, a sua superioridade. Como bem definiu Memmi (1977),

*Longe de procurar o que poderia atenuar seu exílio, aproximá-lo do colonizado, e contribuir para a fundação de uma cidade comum, o colonialista salienta, ao contrário, tudo aquilo que os separa (p.: 69)*

Pirsig (1991,79) fala que “a discriminação é a divisão do universo consciente em diversas partes” e, neste sentido, para os negros a separação foi acentuada no cotidiano de suas vidas e a eles foram relegadas as piores partes do universo consciente. Por isso, eles passaram a sofrer inúmeros estigmas.

As idéias desenvolvidas por Skidmore (1989) servem para corroborar o que até então discutimos. Quando o autor analisa a teoria racista no Brasil, faz uso do discurso feito por Hermann Soares, orador da turma de 1913, da Faculdade de Direito do Recife, que dizia que “a raça latina não tem perseverança, não tem energia, não tem caráter” (p.:79). Evidente que este estigma era fundamentado no processo de miscigenação

das sociedades Latino-Americanas, em especial o Brasil, constante preocupação dos povos europeus.

Skidmore (1989) cita, ainda, uma outra passagem deste orador que apresenta parte da ideologia dominante naquele momento histórico:

*os acontecimentos se agravavam quando os colonizadores se misturam “à raça indígena, de grande indolência...apesar da sua perspicácia”, depois com “esses infelizes vindos da África... descendentes da raça negra, desprestigiados de inteligência e de caráter, como todos os filhos da Etiópia”(p.80).*

Muitas foram as teorias que se propagaram visando justificar o tratamento dispensado aos negros. Gomes (1994), citando Hoffmam, mostra que, para os europeus, o comércio africano

*parece desumano aos que não sabem que esses pobres homens são idólatras, ou Maometanos, e que os Mercadores Cristãos, ao comprá-los de seus inimigos, tiram-nos de uma cruel escravidão, e fazem com que eles encontrem nas ilhas onde são levados, não somente uma servidão mais doce; mas mesmo o conhecimento do verdadeiro Deus, e a trilha da salvação pelas boas instruções que lhes dão os Padres e religiosos que se encarregam de fazer deles Cristãos e pode-se crer, que sem essas considerações, não se permitiria tal comércio (p.:31).*

Esta citação não nos deixa dúvidas a respeito da crença dos europeus na sua superioridade e bondade “divina”. Assim, o racismo latente foi atualizado nas Américas, tanto a nível de leis quanto na prática, e impulsionou o desenvolvimento de relações raciais pautadas por códigos diversos.

Como a meta da colonização no Brasil era a expansão do império colonial das metrópoles européias, extraindo das imensas terras a sua riqueza e carreando-as para a Europa, poucos foram os investimentos para se consolidar uma nação propriamente dita, considerando-se que uma nação deveria ter como pressuposto básico o respeito a todos os seres que nela habitam.

O que ocorreu no processo de colonização foi uma verdadeira agressão à natureza, onde as espécies que nela habitavam, incluindo-se os índios e negros, pertenciam ao senhor latifundiário. Quem sabe não está aí o cerne do “desenvolvimento econômico” empreendido pela classe dominante que põe em risco a vida da população mundial na atualidade. Isto ocorre porquê este modelo de desenvolvimento, segundo Mies (1991), é altamente centralizador de riqueza e disseminador de miséria. E todos sabemos que no grupo dos mais miseráveis estão os negros e miscigenados.

Assim, a visão utilitarista do ambiente - e de tudo que nele vive -, em que povos diferentes do europeu são inferiorizados e sempre tidos como “O Outro” (Todorov: 1993), provoca uma relação negativa, em que os recursos naturais existentes na Terra são de propriedade do Homem, mais especificamente, do europeu branco, o dominador. A busca do

domínio do ambiente, visando a acumulação de riquezas é uma e suas principais prerrogativas.

E, para conseguir a acumulação de riqueza, os colonizadores usaram toda sua criatividade ambiciosa. Era comum a utilização da religião e da espiritualidade dos povos subjugados, para os portugueses atingirem seus objetivos, tudo na mais “pura intenção” de perpetuar a espécie europeia. Segundo Moura (1988),

*da mesma forma como se justificava a escravidão do negro pela sua condição de “bárbaro”, justificava-se, concomitantemente, a perseguição às suas religiões, por serem fetichistas, animistas e demais designativos (p.: 53).*

A escravidão no Brasil, pautou-se no sonho do enriquecimento rápido. E, segundo teóricos do século XIX, devido à natureza luxuriante dos trópicos o branco se rendeu à mestiçagem, o que teria contribuído para a não demarcação dos limites entre as raças no Brasil. Tal fato teria sido reforçado, ainda, com a cumplicidade, existente na época, dos poderes jurídico e religioso, que faziam a famosa “vista grossa” quanto às relações entre senhores e escravas. Não eram toleradas, no entanto, ligações extramaritais (Silva, citada por Gomes, 1992, p:36). Esta explicação é hoje em dia contestada por análises mais rigorosas, que apontam para o fato de que, nas colônias portuguesas na África, por

exemplo, nota-se uma baixa taxa de miscigenação. Assim, esta questão decerto merece estudos mais profundos.

O fato é que desta “tolerância” nasce o mulato, um ser “híbrido”, que serviu como embrião para diversas teses, umas de apoio e outras de repúdio a esta prática de mistura de etnias. Segundo Skidmore (1989), os mulatos

*eram olhados como perdidos para a raça superior - um processo que, se a miscigenação fosse praticada em larga escala, poderia vir a ameaçar seriamente a predominância numérica da raça “superior” (p. 71).*

Raeders ( em Schwarcz,1993), ao se referir a essa mistura de raças da população brasileira, afirma: *“trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia”(p.: 13).* Talvez essas imagens escondiam o medo da perda de poder com a miscigenação. Se, por um lado, alguns cientistas sociais viam a negatividade da mistura, outros, dentre eles Gilberto Freyre, viam no cruzamento entre as etnias algo muito positivo e enaltecendor.

Darcy Ribeiro(1995), um defensor da miscigenação na atualidade, afirma que:

*Somos, em consequência, um povo síntese, mestiço na carne e na alma, orgulhoso de si mesmo, porque entre nós a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Um povo sem peias que nos atenham a qualquer servidão, desafiado a florescer, finalmente, como uma civilização nova, autônoma e melhor. Somos uma*



*nação etnicamente unificada e coesa, sem qualquer contingente oprimido a disputar autodeterminação (pp:13-14).*

Se esta teoria sobre o orgulho do brasileiro pela mestiçagem fosse verdadeira, não teríamos casos de racismo em relação aos mestiços. Que orgulho é este, que ignora e discriminava - e discriminam até os dias atuais - esta outra parcela da população brasileira?

Assim, é certo que não “somos uma nação etnicamente unificada e coesa, sem qualquer contingente oprimido a disputar a autodeterminação”. Esta crença é mais uma das armadilhas dos alicerces da perpetuação do mito da democracia racial<sup>6</sup>. Poderíamos citar inúmeros incidentes que mostram o quanto o racismo está presente nesta sociedade. É o caso, por exemplo, do candomblé, cujo estudo não é incentivado em nenhuma escola como o é, o da religião católica.

O fato é que a concentração de melanina, substância química responsável pela pigmentação da pele, marca este corpo negro e consolida o preconceito étnico-racial. De acordo com Skidmore(1989), os defensores da migração europeia para o Brasil, no final do século XIX, entendiam que

*a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte, porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que*

---

<sup>6</sup> Mais adiante faremos uma breve discussão sobre este assunto.

*elas. (A migração branca reforçaria a resultante predominância branca)(p.: 81)*

Desta concepção sobre a importância da miscigenação, e na esperança do branqueamento da sociedade surgiram várias teses. Dentre elas, Skidmore (1989) relata a do presidente do Museu Nacional, que dizia:

*os mestiços “obviamente inferiores aos negros” como “mão-de-obra agrícola”, tendo “pouca resistência às moléstias”; sua superioridade consistia, na sua opinião, em estarem “física e intelectualmente muito acima do nível dos pretos” (p.: 82).*

O mulato teve, assim, um papel determinante, uma vez que estava na chamada “fronteira” entre negros e brancos. Este novo grupo social, ainda pouco estudado, foi iludido a pensar que as poucas vantagens conquistadas por sua tez mais clara, o livraria do preconceito. Doce ilusão. Entretanto, o mulato desempenhou importante papel na abertura de espaço para os afro-descendentes e na contestação ao racismo.

Por outro lado, foi este mesmo grupo co-responsável pela consolidação do mito da *democracia racial*. Para Moura (1988), este mito

*significa que, por mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominadora introjetou em vastas camadas de não-brancos os seus valores fundamentais. Significa, também, que a nossa realidade étnica, ao contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não-brancos procuram criar uma realidade simbólica, onde se refugiam, tentando escapar da inferiorização que a sua cor expressa nesse tipo de sociedade. Nessa busca simbólica, eles desejam compensar-se da discriminação social e racial de que são vítimas no processo de interação com as camadas brancas dominantes*

*que projetam uma sociedade democrática para eles, criando, por outro lado a ideologia do escamoteamento capaz de encobrir as condições reais sob as quais os contatos inter-étnicos se realizam no Brasil. (pp. :63-64).*

A pretensa democracia racial preconiza a igualdade de direitos entre todos os moradores deste país. No entanto, ela torna-se um mito, uma vez que esta igualdade não existe de fato, o que é visível quando se observa, por exemplo, que o acesso aos bancos escolares de boa qualidade é limitado à população branca e o acesso aos cargos importantes de primeiro escalão também é limitado aos brancos. Vive-se uma farsa de igualdade, onde os presídios e manicômios traduzem esta realidade cruel. A maioria dos presidiários é composta de negros e miscigenados (prostitutas, crianças e idosos de rua). A situação econômica dos afro-descendentes é, portanto, muito séria. De acordo com dados de Reichmann (1995):

*Em 1980, somente 2,7% da população economicamente ativa de pretos e pardos ocupavam posições de chefia (podemos estar certos de que muito poucas mulheres negras encontrava-se nesta posição), ao mesmo tempo em que 55% dos negros estavam engajados em trabalho manual. Dados de 1987 para Grande São Paulo indicaram que o desemprego era 2 a 3% maior entre negros do que entre brancos em todos os setores econômicos, com as mulheres negras tendo o maior índice de desemprego (13,9%). A participação da população negra na construção civil e em serviços domésticos era o dobro da branca. Entre todos os setores (exceto o de serviços domésticos), os brancos ganhavam salários 57 a 73% mais altos do que os pretos e pardos trabalhando nas mesmas ocupações. Quatro vezes mais brancos do que negros eram empregadores (p.: 497).*

Vários argumentos são apresentados para explicar esses dados. No entanto, independentemente de qualquer explicação ou polêmicas que possam surgir em torno deles, os dados nos mostram que a população de origem africana sofre com o racismo, um racismo que foi chamado pela Folha de São Paulo de Racismo Cordial<sup>7</sup>.

A crença de que há oportunidades iguais para todos, é definida como o mito da democracia racial, funcionando muito mais simbolicamente do que de forma concreta, corroborando a posição de González (1982). É possível, ainda, que sua origem esteja na “tolerância” que os iberos tiveram para com os negros no Brasil. Esta “tolerância”, no entanto, mutilou pessoas, separou crianças de seus pais, estuprou meninas negras e mestiças.

Podemos recorrer a um grande número de pensadores e a uma vastidão de posições teóricas para entender o processo de formação da sociedade brasileira, incluindo-se aí o mito da democracia racial, uma vez que é vasta a literatura sobre o período escravagista. Mas, tornando nossa a posição de Winant (1994),

*podemos dizer que, apesar de suas contribuições consideráveis, a literatura sobre o tema racial no Brasil padece de uma série de problemas debilitantes, inclusive de uma negligência para com*

---

<sup>7</sup> Racismo Cordial é o título do livro publicado a partir das análises das pesquisas feitas pela Folha de São Paulo sobre o racismo no Brasil. Particularmente, não nos foi possível ver cordialidade na forma como são tratados os afro-descendentes aqui.

*as dimensões discursivas e culturais da raça; uma crença exagerada na onipotência das elites no que concerne à administração dos problemas raciais; e uma tendência a minimizar as tensões e conflitos que participam da dinâmica racial. Tais limitações derivam em grande parte de uma tradição arraigada de reducionismo de classe, manifesta nos estudos clássicos do período inicial do pós-guerra (os revisionistas), e que permaneceu latente mesmo na obra mais recente (os estruturalistas) (p.:120).*

Ao tentar apresentar uma proposta de readequação desta sociedade, mesmo que seu perfil ainda não esteja totalmente definido, as inúmeras lutas empreendidas pela população oprimida, inclusive os negros, ao longo de toda a existência deste país contrariam a visão de harmonia entre os diferentes grupos e demonstram que a contestação ao modelo dominante era constante. A título de ilustração, vale lembrar a Revolta dos Malês, a dos Alfaiates, a Cabanagem, a Sabinada e a Balaiada, entre outras (Salle, 1988). Todas elas contaram com a participação fundamental do negro, do trabalhador sofrido e explorado.

Este conjunto de atitudes em busca de uma mudança na relação entre dominador e dominado serviu para mostrar que o problema no Brasil não era só de luta de classe. Como assinala Winant (1994).

*ainda que seja legítimo examinar as conexões entre raça e classe, o reducionismo surge quando a independência e profundidade do fenômeno racial permanecem desconsiderados" (...) Ao escrever sobre a dinâmica racial, os revisionistas tenderam a ignorar a mudança sócio - histórica da raça no Brasil (pp.: 116 e 117)*

Este mesmo autor, ao criticar a abordagem estruturalista, afirma que

*esta perspectiva considerou a raça como característica central da sociedade brasileira. Os autores 'estruturalistas reenforcaram radicalmente o objeto da teoria racial. Não buscam explicar como o racismo sobreviveu numa suposta democracia racial', nem como uma verdadeira integração poderia ser realizada. Em vez disso, consideram como a ordem social brasileira manteve as desigualdades sociais sem encontrar conflitos e oposições significativas"(p.: 118)*

No que diz respeito às oposições significativas ao sistema, cabe lembrar o papel desempenhado pelo Movimento Negro que, sem dúvida alguma, vem, ao longo dos séculos, contestando a exclusão vigente no país, apesar de ainda não ter conseguido alcançar o seu objetivo maior, que é a democracia racial/étnica. Suas ações, no entanto, foram - e são - o termômetro para graduar o caminho na construção deste objetivo. Corroborando mais uma vez com as idéias de Winant (1994), podemos afirmar que os Movimentos Sociais, como o Movimento Negro,

*recriam a sociedade civil expandindo o território da política. Tornam públicos os temas que eram antes considerados pessoais ou privados - ou seja, impróprios para a ação coletiva. Nestes grupos encontrava-se sob novas formas (pela primeira vez) uma gama de temas democráticos radicais - religiosos, feministas, localistas, mas principalmente "humanistas". (p.: 123)*

Foi nesta perspectiva humanista que o Movimento Negro se organizou, sendo esta organização nosso próximo tema de discussão.

## 2 - relevância do Movimento Negro

Eu vejo muitas mulheres negras bonitas, arrumadas, com carros bonitos, carros do ano. Poxa, a coisa tá melhorando. Eu acho que o Movimento Negro em si deu uma contribuição para isso, porque falou: "Olha, você é gente". Essa de só dirigir fogão não, vá lá, pega um carro (Jurema Batista)

A observação feita pela vereadora Jurema Batista aponta para uma das questões que discutiremos neste item sobre a relevância do Movimento Negro. É importante frisar que, em nenhum momento a frase da vereadora associava o valor material às conquistas políticas do movimento negro. Este comentário tenta exemplificar o papel que o movimento negro desempenhou, no estabelecimento de denúncias sobre a vivência da negritude como negatividade pelos descendentes africanos em nossa sociedade. Isto é, à força de ouvir repetidas vezes que "ser negro é ruim", os descendentes de africanos acabaram por incorporar uma imagem negativa de si mesmos, imagem está que só recentemente vem sendo contestada com maior ênfase e freqüência. Então, o fato da mulher negra estar exercendo outras profissões, que a possibilitem ter um carro deve ser objeto de orgulho e felicidade para a comunidade.

Memmi(1977), em seu livro *O Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*, afirma que “o colonizado em revolta começa por aceitar-se e querer-se como negatividade” (p.:118). Esta negatividade, introduzida pelo colonizador, é fruto da imposição do modo de vida, enfim, da cultura do colonizador como única possível e da visão do outro, o colonizado, e de sua cultura, como negativa. E é no movimento de tomada de consciência e de revolta do colonizado contra esta situação que lhe foi imposta, que nascem os movimentos de contestação.

O segundo aspecto que podemos destacar, e que é decorrência do primeiro, diz respeito ao enaltecimento de valores positivos no negro, acarretando a elevação da estima dos afro-brasileiros. Assim, com o constante discurso afirmativo da negritude foi possível apontar novos valores ligados à estética, inteligência e sociabilidade dos afro-brasileiros.

Para Munanga (1983), este novo conceito de negritude:

*... foi elaborado por volta de 1935 nos meios intelectuais negros de Paris...eles descobriram que, embora tivessem assimilado plenamente a cultura ocidental, no plano social, a discriminação continuava sendo praticada com base na diferença de pele... Aimé Cesaire, Léopold Sédar Senghor e Lég Damar, seus inventores, o definiram como “consciência de ser negro, simples reconhecimento de um fato que implica aceitação e tomada de responsabilidade de seu destino de negro, de sua história e de sua cultura”(p.: 79)*

A formulação do conceito, no entanto, é posterior à sua realização social e política. Negros em várias sociedades já estavam em movimento



no sentido de desenvolver a consciência e aceitação de sua etnia. Como bem o definiu Memmi (1977), *“Ao mito negativo, imposto pelo colonizador, sucede o mito positivo de si mesmo, proposto pelo colonizado”* (p.: 119). E, assim, foi possível trabalhar a auto-estima do negro quotidianamente, uma vez que, como assinala Vânia Santana, uma de nossas entrevistadas, a

... auto-estima não é uma coisa que tá lá e você tem para a vida toda, você tem que estar alimentando isso, antenada nas coisas e evidentemente, não deixar com que as atitudes racistas, a prática racista, a sociedade racista, venha aniquilar o seu eu, o seu self.

Este movimento de revolta contra a visão do negro como inferior ao branco está presente também em outras sociedades. Malcolm X, por exemplo, em 1937, já falava do tempo em que, para ser presidente de sua turma no ginásio nos Estados Unidos, teve que mudar suas atitudes, o que o levou a uma negação de sua negritude:

*Naquela ocasião, não tinha realmente o sentimento de ser um negro, porque estava me esforçando arduamente, por todos os meios possíveis, em ser branco* (p.: 41).

O que Malcolm X deixa claro anos depois, em sua autobiografia finalizada por Haley (1992), é que esta atitude ia além de uma negação da negritude, uma vez que envolvia a introjeção dos valores dos brancos em negros americanos. Até a tomada de consciência, por parte da população negra, desta imposição dos valores do europeu branco, os simbolismos das

relações étnicas/raciais têm momentos dolorosos. O mesmo militante negro, Malcolm X, discorre sobre o trauma psicológico a que estavam submetidos os afroamericanos, quando optavam pelo alisamento de seus cabelos. Malcolm X, ao falar do ato de alisar seus próprios cabelos, afirma:

*Foi o primeiro passo realmente grande a caminho da autodegradação: suportar toda aquela dor, literalmente queimar minha carne, só para fazer com que meus cabelos ficassem parecendo com os de um branco. Eu me juntava à multidão de homens e mulheres negros da América que sofreram uma lavagem cerebral tão grande até acreditarem que os pretos são “inferiores”- e os brancos “superiores”- e que devem até mesmo violar e mutilar os corpos que Deus criou para tentarem parecer “bonitos” pelos padrões dos brancos. (pp.: 62-63)*

Este mesmo sentimento negativo de dor também foi vivenciado por Suzete Paiva durante sua infância e adolescência e foi um ponto de muita emoção durante sua entrevista:

Eu nesse período esticava cabelo, eu tomava três surras por dia... para pentear o cabelo ... Nessa época eu estava com meu cabelo tipo Romeu, de franjinha... usava pasta, cara de normalista: Tia Teteca. Era o padrão da Normalista, acabei incorporando. Mas foi por muito pouco tempo, pois era uma merda ir lá fazer o cabelo, doía.... queimava! Era chapinha baiana, marcel. Fazia assim chhhiiiiiii. Era um grito e uma porrada, pois eu dava chutes na mulher e apanhava também. Passei henê na Judite, você se lembra da Judite? “ô neguinha, aonde vai você? Vou na Judite passar henê”(música). Era a mulher mais famosa, lá de Padre Miguel. Ela colocava um pano preto na gente e passava o henê quente. Quando ela veio com a panela quente, eu pum.... chutei. Aí a surra, minha mãe me batia muito.

Neste depoimento é possível imaginar o sofrimento por que passam várias crianças, adolescentes e mulheres negras. Aqui, um fato que a princípio poderia parecer mais surpreendente é que a própria mãe, uma outra mulher negra, estava tão imbuída dos valores de beleza brancos dominantes, que via no alisamento do cabelo da filha uma obrigatoriedade que, podemos acrescentar, era certamente o meio dela se tornar mais “limpa”. Isto se dá porque os cabelos “carapinhados”, o “pixaim”, são vistos como “ruins”, e tão “sujos” que, para ficar “melhores” e mais “limpos” devem ser alisados. Não dá para traduzir em palavras o quanto esta constatação é dolorosa para todos nós homens e mulheres negros que vivenciamos isto: é o sofrimento para garantir que a diversidade seja escamoteada, escondida, “amansada”. Isto prova que, mesmo depois de mais de cem anos da “Abolição da Escravatura”, ainda se vive uma escravidão à estética branca, pois o ato de alisar o cabelo, como bem o definiu Malcolm X, significa querer ser branco, negar a condição de negro.

Assim, o movimento de afirmação e de valorização do *ser negro*, a consciência da negritude, desempenha papel importante na busca de identidade de um povo que sofreu e sofre diversos estigmas. Não podemos negar que as ações do Movimento Negro brasileiro, ao incentivar o uso do cabelo natural para mulheres e homens, contribuiu para diminuir o

sofrimento físico e psicológico por que toda mulher e criança negras passaram<sup>8</sup>.

No processo de afirmação de um grupo é muito comum o surgimento do sentimento de raiva contra a situação definida pela diferença estipulada pelo opressor, opressor este que continua, no entanto, a servir de parâmetro. Assim, para Memmi (1977)

*A afirmação de si do colonizado, nascida de um protesto, continua a definir-se em relação a ele. Em plena revolta, o colonizado continua a pensar, sentir e viver contra e portanto em relação ao colonizador e à colonização. (p.: 119)*

Jurema Batista, uma de nossas entrevistadas, ao falar sobre este sentimento inicial de revolta, afirma:

Quando entrei no Movimento Negro eu era uma pessoa muito raivosa, eu tinha muita raiva das coisas, sabe? Engraçado, né? Uma raiva... eu também acho que é isso mesmo. né? Acho que o oprimido quando toma consciência de sua opressão ele reage com muita brutalidade mesmo. Depois acalma. É que a gente percebe... não sei quem me disse que esse país era igual, todo mundo era irmão, e quando a gente vai ver não é nada disso, vai dando uma sacaneada na negrada, não foi Princesa Isabel nada que assinou, não foi ela que deu a libertação. Contaram muita mentira para a gente, para estar subjugado, então é isso mesmo, é uma reação natural ter raiva do branco.

---

<sup>8</sup> Os homens também alisavam seus cabelos, porém esta prática era mais presente entre as mulheres e meninas. Depois de colocar henê (creme de alisamento), os homens colocavam uma toca, feita com pedaço de meia fina amarrado numa das extremidades. O cabelo ficava ondulado e rente à cabeça, ou seja, "amansado".

E, aqui, mais uma vez vale citar Memmi (1977) que, em sua análise sobre esta tomada de consciência do colonizado, afirma acerca da agressividade de que, muitas vezes, acompanha sua revolta:

*Incerto de si mesmo, entrega-se à embriaguez do furor e da violência. Incerto da necessidade desse retorno ao passado, reafirma-o agressivamente. Incerto de poder convencer os outros, provoca-os (p.:119)*

As reações de raiva e revolta contra esta situação de opressão secular são normais, e ocorrem juntamente com a busca constante dos valores positivos em si e no grupo. Assim, o Movimento Negro brasileiro, vencendo as etapas iniciais de sua institucionalização, vê no sucesso do movimento americano BLACK IS BEAUTIFULL, um aparato político para que negros e negras brasileiros passem a se admirar. Vânia, uma de nossas entrevistadas, assim fala sobre esta influência:

O fato de você ter um Black Power lá tem uma influência no Black Power aqui, vem de alguma maneira, vem por uma revista, vem pelo Soll: "The Black is beautiful"... Os anos 70 de fato é um período que vimos a organização dos estudantes, organização dos trabalhadores, é um momento de efervescência política, e um momento de efervescência política é sempre um momento glorioso, pois floresce as idéias. Eu acho que o fantástico é que ninguém está certo, porém ninguém também está errado, porém todo mundo está buscando seu espaço.

Ao consolidar seu espaço enquanto porta-voz da luta por uma democracia racial, o Movimento Negro coloca na ordem do dia a

discussão sobre o racismo. De acordo com Rouanet (1994), o surgimento deste movimento, juntamente com outros movimentos de busca de identidade, aponta para o fato de que

*Vivemos numa época em que as categorias de "identidade nacional" ou "étnica" ou "cultural" voltam a circular como se fossem novíssimas; em que pertencer as etnias ou estados nacionais passa a ser mais importante que pertencer ao gênero humano... (p.: 80 )*

Entendemos, então, que a busca da "identidade negra" foi uma maneira de dizer aos grupos dominantes que o negro e o miscigenado pertencem ao gênero humano, uma vez que, ao longo da formação de nossa sociedade, este conceito de negro e mestiço como humano foi sempre desconsiderado. E mais, constituiu uma tentativa de se definir a partir de seu próprio olhar, utilizando suas próprias categorias e não a partir do olhar e de categorias alienígenas. E se ainda hoje discutimos esta questão, a partir de uma ótica distinta das anteriores, é porque, como assinala Roaneut (1994), rediscutir temas passados é um instrumento para acender a chama da ética na sociedade atual. Segundo este autor,

*Não é que a história esteja verdadeiramente se repetindo: como as respostas possíveis ao desafio do Outro não são limitadas, temos a impressão de estarmos revivendo o já vivido quando as condições históricas concretas impõem a atualização de uma dessas repostas já experimentadas no passado (p.: 81)*

E foi a busca de atualização da realidade de exclusão vivida no passado por negros e miscigenados - e ampliada na sociedade atual - que

possibilitou ao Movimento Negro investir na mudança radical de valores entranhados simbolicamente e vividos fisicamente por homens e mulheres negros ao longo da história moderna. Sabemos que tais valores, como já afirmamos anteriormente, são herança de uma sociedade escravagista, um estado que julga serem normais e naturais tais atitudes discriminatórias. Num mundo em que o “negro” e o “branco” se relacionavam como escravo e senhor, este último tinha prerrogativas que aquele não possuía, nem nunca poderia possuir diante das relações de poder cristalizadas, e, assim, o negro passou a ser tido como “coisa”, atitude indispensável para a manutenção das relações de produção.

Segundo Ribeiro (1995),

*Nós viemos dos zés-ninguéns gerados pela índia prenhada pelo invasor ou pela negra coberta pelo amo ou pelo feitor. Aqueles caboclos e mulatos, já não sendo índios nem africanos e não sendo também admitidos como europeus, caíram na ningueidade. A partir desta carência de identificação étnica é que plasmaram nossa identidade de brasileiros. Fizeram-no um século depois, quando, através dos insurgentes mineiros, tomamos consciência de nós brasileiros como um povo em si, aspirando a existir para si (pág.265). (...) Surgimos, portanto, como um produto inesperado e indesejado do empreendimento colonial que só pretendia ser uma feitoria. A empresa Brasil se destinava era a prover o açúcar de adoçar boca de europeu, o ouro de enricá-los e, depois, minerais e quantidades de gêneros de exportação. Éramos, ainda somos, um proletariado externo que posto para servir ao mercado mundial. Criá-lo foi a façanha e a glória das classes dominantes brasileiras, cujo empenho maior consistia, e ainda consiste, em nos manter nessa condição (p.266).*

A sociedade brasileira, portanto, é fruto dessa mistura em que os “zés-ninguéns”, em sua maioria negros e mestiços, continuam a ser explorados e excluídos em nossa prática quotidiana. Assim, tentando reagir a esta condição de subordinação aos valores do europeu branco, imposta pela ideologia que formou nossa sociedade, o Movimento Negro desempenha importante papel na luta pela cidadania dessa imensa população negra e miscigenada de que fala Ribeiro (1995), privilegiando o aspecto cultural peculiar ao povo negro.

A partir dos anos 80 vê-se, na proliferação de blocos Afro, um espaço de busca de auto-estima e identidade étnico/racial. Vale ressaltar aqui o papel importante que os blocos Olodum e Ilê-Ayê vêm desempenhando, em Salvador, e o Agbara Dudu, no Rio de Janeiro, desde o início dos anos 80 até os dias atuais. Tais atitudes podem ser consideradas como ações afirmativas, uma vez que visam a elevação da auto-estima desta população negra e miscigenada. Vale ressaltar, entretanto, que o conceito de identidade negra, mais do que uma tentativa de busca de unificação e padronização de atitudes, assume o papel de ser o canalizador de reações contra o racismo. Ou seja, não nos parece que a identidade negra deva ser entendida como duplicidade, ou cópia xerox, na qual todos os negros são vistos como iguais. Na verdade, sua importância reside no desenvolvimento de uma cumplicidade, na qual o



reconhecimento da diferença induz à não aceitação de práticas discriminatórias de qualquer natureza.

O movimento negro, cujo papel inicial foi principalmente o de buscar uma identidade e denunciar o racismo, juntamente com um enaltecimento dos valores positivos da população afro-brasileira, aponta agora para a necessidade de se consolidar parcerias para organizar ações concretas visando a erradicação do preconceito étnico/racial.

Gostaríamos de ressaltar este último aspecto, isto é, o nascimento da consciência de que todo tipo de atitude racista deve ser extirpada da sociedade. E, neste sentido, não está em jogo agora se a pessoa racista é branca ou negra, mas sim o investimento na extinção de toda e qualquer prática racista presente no dia a dia. E, para desenvolver esta empreitada, a palavra chave é parceria.

Como exemplo, podemos citar a ação impetrada pelo CEAP<sup>9</sup> contra a veiculação da música do cantor Tiririca, *Veja os cabelos dela*, que traz em sua letra racismo explícito contra a mulher negra. Tal fato foi importante se pensarmos que, no passado, tivemos diversas letras que incorreram no mesmo crime<sup>10</sup>, sem que se pensasse em punição. Bonnini,

---

<sup>9</sup> Centro de Apoio às Populações Marginalizadas

<sup>10</sup> A LEI CAO, de 05/01/89 - define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Esta Lei foi alterada em 21/09/90, esclarecendo os crimes as penas aplicáveis aos atos discriminatórios ou de preconceito de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional, praticados pelos meios de comunicação

Lemos e outras (1996) por exemplo, em trabalho apresentado na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em São Paulo, enunciaram uma série de denotações preconceituosas e racistas contra a mulher negra, presentes em letras da MPB (Música Popular Brasileira).

Suzete, outra mulher negra por nós entrevistada, chama a atenção no entanto, para um fato importante, que é a necessidade de amadurecimento para se trabalhar questões como essa, uma vez que, ao lutar contra e denunciar atitudes racistas, setores da sociedade tentam reverter o foco de denúncia e passam a apontar o negro como o racista.

A coisa do Tiririca, eu acho que está corretíssimo, mas temos que fomentar uma tática, uma estratégia para isso não voltar contra nós. A nível do sentido da antipatia... A gente tem que usar isso de forma pedagogicamente falando. De ir penetrando no coração do outro e avançar”.

Assim, dentro de um jogo econômico desigual, as batalhas, como a luta contra o poder da gravadora da música *Veja os cabelos dela* dos meios de comunicação, em geral, são sempre muito difíceis.

É certo que ainda não encontramos uma forma para alcançar a unidade em ações que visem eliminar as práticas racista, mas esta fase

---

ou por publicação de qualquer natureza. (Fonte: Revista Zumbi 300 anos - Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações do Rio de Janeiro (Sinttel-Rio) - 1995.

atual do movimento negro poderá ser potencializada para que as ações não continuem a ocorrer regidas pela emoção e pela revolta que nortearam o início desta organização.

Talvez isto ocorre mediante a falta de um projeto político explícito entre a militância, que geralmente tem dificultado uma visão mais ampla das lutas desenvolvidas.

Esta falta de percepção do TODO pode ser ilustrada para justificar inclusive a intolerância e o preconceito que, em determinadas ocasiões, vigora entre negros e miscigenados. A mesma análise pode ser feita em relação ao machismo presente na militância masculina - e até muitas vezes na feminina - no interior do Movimento Negro.

Para nós, o desafio atual está em parte bem representado na seguinte afirmação de Saffioti (1992):

*Não basta que um dos gêneros reconheça e pratique as atribuições que lhe são conferidas pela sociedade; é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades - direitos do outro gênero (p.: 193).*

Assim, acreditamos que somente baseados neste entendimento dos papéis de cada um, é que tanto os homens quanto as mulheres deverão continuar a escrever a história da busca de autodeterminação<sup>11</sup> pelos

---

<sup>11</sup> O conceito sobre autodeterminação é referenciado em Miller (1991) que ao analisá-lo sob a ótica feminina diz que: "sem o poder de colocar suas determinações em prática, a mulher continuará a levar

descendentes de africanos. É imprescindível, portanto, que cada pessoa reconheça não apenas o preconceito e o racismo presentes nesta sociedade, como também, as responsabilidades e direitos de todas as pessoas e grupos envolvidos no enfrentamento deste racismo.

Podemos dizer que o que levou, em grande parte, negros e brancos a serem racistas foi o tipo de educação que lhes foi dado e que sempre privilegiou e enalteceu os valores e elementos culturais dos brancos e discriminou os dos afro-descendentes, levando estes últimos, como assinalamos anteriormente, a desenvolver sentimentos de raiva e revolta contra os primeiros. Jurema Batista, baseada na sua experiência como parlamentar, chama a atenção, com muita propriedade, para o racismo do negro em relação ao branco, que surgiu e está presente até mesmo em seu próprio gabinete:

Aqui no gabinete eu vejo quando chega um branco para trabalhar o pessoal quer pegar no pescoço. Eu falo: gente, não é isso, meu problema não é com o branco, é com o racista seja ele que raça for, inclusive o negro.

Assim, é preciso começar a desenvolver a idéia de que a luta é contra o racismo de modo geral, e não contra o branco. Tal fato, poderá, de certa forma, apontar para uma nova etapa do próprio Movimento

---

uma vida limitada e controlada por outros - justamente aqueles menos capazes de fazer determinações válidas" (p.: 145)

Negro. É preciso abandonar antigos discursos e organizar produções acadêmicas e ações de intervenção e denúncia tendo consciência de que muitos problemas sociais, inclusive o racismo, são fruto de uma sociedade que tem dificuldade em lidar com a diferença.

Acreditamos, como afirma Jurema Batista, que:

Agora, eu acho que a gente está vivendo um momento muito legal, né? A principal luta do Movimento Negro para mim foi dizer que nesse país tinha racismo, foi desmontar o mito da democracia racial.

É possível, assim, ver a extensão e a importância deste Movimento que, através das ações de denúncia, elevação da auto-estima e reconhecimento do racismo independentemente da etnia, demonstrou a diversidade e a multiplicidade nos enfrentamentos. Porém, ainda temos muito que investir na contração do mito da democracia racial e de atitudes que venham oprimir o outro entre nós mesmos.

Isto porque, por estar inserido num sistema em que as relações são pautadas por códigos culturais já muito enraizados, o Movimento Negro também não ficou imune às contradições na busca de uma sociedade democrática, que revise não só as questões relativas à etnia, como também aquelas que dizem respeito ao gênero. Como bem o observou a vereadora Jurema Batista:

Nós mulheres negras conseguimos dizer o que o racismo e o machismo nos colocou. Que a gente diz que a gente é oprimida pelo sistema, mas também é oprimida pelo companheiro dentro de casa, né? O companheiro negro que não tem poder na sociedade, em casa o machismo dá à ele uma superioridade, então a relação é uma relação de poder de opressão. Então a gente tá vivendo um momento agora, que é o momento de realizar, né? Eu tenho dito muito isso, eu acho que agora é o momento do anúncio, acabou a denúncia, agora é o momento do anúncio.

Para nós, mulheres negras, o surgimento da Organização de Mulheres Negras é, tanto uma decorrência das contradições existentes na sociedade brasileira, como também uma derivação dos Movimentos Negros e Feminista. Acreditamos que é a isto que Jurema está chamando de fase do anúncio: o momento em que as mulheres negras se anunciam e questionam sua opressão enquanto gênero e etnia. Mas isto é o nosso próximo ponto de análise, no item a seguir.

### *3 - homens e mulheres: unidos pela melanina<sup>12</sup> !*

*a ironia é que essas mulheres brancas não tinham mais respeito por aqueles negros do que os*

<sup>12</sup> A melanina é um polímero de dihidroxidol, sendo assim um pigmento de cor vermelha, encontrado nos cabelos e pele dos seres humanos (fonte Raw, I et alli, 1981:684).

*homens brancos tinham pela mulheres negras que têm "usado" desde os tempos da escravidão (Malcolm)*

Da mesma forma que a luta dos negros e afro-brasileiros contra o racismo não impediu a existência de racistas negros, o fato do Movimento Negro ser um movimento contestador, e contra a opressão dos negros pelos brancos, não garantiu aos homens nele envolvidos, a consciência das responsabilidades e direitos das mulheres, bem como a opressão que se exerce sobre elas.

Ao nos reportarmos para a relação das mulheres negras no interior do Movimento Negro, devemos analisar dois aspectos fundamentais que nortearam os comportamentos tanto dos homens como das mulheres negras. O primeiro diz respeito a uma visão que identificava o outro gênero ~ a mulher ~ a seus atributos sexuais. O outro aspecto, ligado ao primeiro, refere-se à limitação da atuação política da mulher, com base neste patriarcalismo latente.

No que se refere ao primeiro ponto, a relação do homem negro com a mulher negra, já na opinião de Malcolm X (Haley, 1992), ela devia ser modificada pois, segundo ele,

*o homem preto jamais conseguirá o respeito de ninguém antes de aprender a respeitar suas próprias mulheres!... O homem preto precisa hoje começar a defender, proteger e respeitar as suas mulheres pretas! (p.: 213)*

Da mesma forma que a relação entre homens e mulheres negros originou críticas e a necessidade de sua reformulação na sociedade norte-americana, também aqui no Brasil o mesmo conflito se estabeleceu, ou seja, os homens negros brasileiros não fugiram à regra. Em recente artigo, por exemplo, Joel Rufino (Barbosa, 1994), um historiador negro, fala que a mulher ideal é a mulata<sup>13</sup>, pois reúne a beleza da branca e a facilidade da preta.<sup>14</sup> Nas palavras deste autor,

*A parte mais óbvia da explicação é que a branca é mais bonita que a negra e quem prospera troca automaticamente de carro. Quem me conheceu dirigindo um Fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que já não sou um pé-rapado: o carro como a mulher é um signo. Há no Brasil uma multidão de pretas bonitas, mas a forma da beleza é branca. A preta que se aproxima dela passa a cabrocha, jambete, mulata, etc. Um brasileiro é que percebeu isto bem, ao explicar a queda nacional pela mulata: é a mulher ideal, pois tem, ao mesmo tempo, a beleza da branca e a facilidade da negra (p.: 163)<sup>15</sup>.*

Este texto ~ lamentável, porém rico em termos de possíveis análises ~ desnuda o quanto não estamos isentos de práticas preconceituosas. A primeira diz respeito à ratificação da ideologia dominante de que a mulher branca é mais bonita do que a negra. A segunda se refere à comparação da mulher a um carro ~ um bem a ser adquirido. A terceira está ligada a um preconceito social pois, associa o sucesso ao carro que a

<sup>13</sup> Este termo só agora será adotado por nós, uma vez que ele foi construído sob aspectos pejorativos na linguagem. Entendemos que "mulata" seja a mulher negra brasileira, sem esquecer que existe hoje uma profissão ocupada por mulheres negras e mestiças denominada mulata. Sobre este assunto ver Giacomini (1994)

<sup>14</sup> Grifo meu



pessoa dirige, chamando o pobre de pé-rapado, já que o Fusca a que se refere Rufino (1994), é o carro mais usado pela parcela mais pobre da população. A quarta está associada à afirmação de sua preferência por negras na época da miséria e a mudança com relação ao tipo de mulher ideal, depois da “ascensão social”, o que o faz optar por uma branca. Finalmente, a última reproduz a violência que nos é imposta simbolicamente (Petit, 1992), uma vez que as mulheres negras são vistas como “quentes” ou “fáceis” sexualmente.

Suely Carneiro (1995) refuta veementemente o texto de Joel Rufino e traz à tona a discussão acerca da cumplicidade do homem negro com o branco, quando o tema é machismo:

*Estamos diante daquilo que o poeta negro Arnaldo Xavier considera o único espaço de cumplicidade efetiva existente entre o homem negro e o homem branco: o machismo. Eles estariam de acordo e seriam cúmplices pelo menos nisso, no direito que ambos se dão de oprimir, discriminar e desumanizar as mulheres brancas ou negras. Aquilo que no início do texto seria a hipotética africanidade de Joel Rufino se revela como o denominador comum da maioria dos homens de diferentes culturas, raças e etnias (p.: 550).*

O que Joel Rufino escreve hoje é o reflexo do pensamento que perdurou por muito tempo na militância negra, isto é, o uso da mulher negra na sua condição de gênero qualificado como inferior e passível de

---

<sup>15</sup> BARBOSA, Wilson do Nascimento e SANTOS, Joel Rufino dos. *Atrás do Muro da Noite ( Dinâmica das Culturas Afro-Brasileiras)*. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.

apropriação e abandono, como bem escreveu Suely Carneiro em seu artigo citado acima.

Por diversas vezes, as mulheres negras tiveram conflitos que freqüentemente chegaram à violência, porque o Movimento Negro privilegiou a luta racial/étnica em detrimento de uma análise de gênero. Jurema Batista lembra o primeiro contato que tivemos com o Movimento Negro, no Instituto de Pesquisa da Cultura Negra, no ano de 1980, e que pode bem ilustrar esta visão da mulher negra como objeto sexual, por parte dos homens vinculados a este movimento:

Eu me lembro daquela primeira vez que nós fomos no IPCN, tu levou uma cantada. Uma pessoa que vê o outro como um ser político e não interage??????

Suzete, que organizou uma articulação de mulheres no IPCN, revela, também, em seu depoimento, um fato surpreendente ocorrido quando as mulheres negras tentaram se reunir, em busca de uma organização própria dentro deste Movimento:

Percebia um mal estar. Além do mal estar, tinha uma coisa assim, dias de nossas reunião, eu acho que era as quartas feiras. Antes era duas vezes por semana. Mas depois ficou nas quartas. Nos dias das reuniões não tinha sala, estava ocupado. Eles diziam que iam fazer uma reunião aqui. O mais incisivo era o Paulo Roberto, o Orlando ficava meio assim, entendeu? Até que um dia veio a discussão, briga! A Pedrina se emputeceu, ela segurava mais por causa de mim. A gente funcionava

em cima e também já estávamos tendo atrito com a Wilis. Sebastião chegava, mas não espezinhava muito não, mas o mais afoito era o Paulo Roberto, os outros faziam também, mas faziam o tipo "come quieto". Ele era quem ia para a linha de frente. Até que um dia teve uma discussão, um dia a Pedrina entrou assim e disse que a mulher podia se reunir quem qualquer lugar, até que fosse na rua, na praça, na esquina. Eu falei, não! não tem que ser em lugar nenhum tem que ser aqui, essa porra de casa aqui é nossa e a condição sinequanão dela existir é que ela seja nossa, então a gente peitar este espaço. Este espaço é nosso tanto quanto. É participando da Assembléia sim, disputando espaço, disputando poder. Aí, pol, pintou um objetivo. Eu comecei a perceber que para mim não bastava eu estar num grupo de mulheres feministas, porque eu queria a disputa pelo espaço de poder.

Uma análise atenta nos mostra que até hoje, no IPCN, nenhuma mulher integra a chapa de diretoria na atual administração da referida entidade.

De acordo com Sandra Bello, outra de nossas entrevistadas, a reação dos homens do Movimento Negro ao nascimento da organização de mulheres negras foi muito negativa:

Por dentro do Movimento negro, os homens não conseguiam entender que nós somos parte do movimento negro, que nós viemos a acrescentar a questão racial da mulher negra, na especificidade, enquanto mulher negra. Eles se fecharam, se trancaram... dizendo que nós estávamos fazendo um movimento à parte..

Durante o nascimento da sociedade Ogboni<sup>16</sup>, no mesmo dia que em se iniciava o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, os homens diziam que este encontro era uma reunião de ‘sapatonas’. Um grupo de homens fez apologia à união dos homens do Movimento Negro visando eliminar o possível mal, advindo da organização específica de mulheres negras. Segundo eles, o I Encontro Nacional era um encontro de lésbicas e não “sobraria” mulheres negras para eles. Talvez eles temessem aquele momento, por materializar um espaço nacional de lutas e bandeiras de um segmento negro específico sem a hegemonia dos homens.

---

---

**RACISMO E MACHISMO | DE TODO DIA**

---

---



Limpar a raça melhorar a aparência  
quando não faz na entrada faz na saída  
é homem da casa  
cabelo ruim parece macho  
a coisa fica preta

nariz de porco  
urubu do flamengo  
fala baixo  
coisa de mulher  
fico histérica  
trabalho de preto  
boneca de pixe  
não é inteligente  
comporte-se !  
não grita !  
beijola  
só serve na cama

1

SOS RACISMO 252-6683

IPCN - PROGRAMA DIREITOS HUMANOS E CIVIS

---

---

<sup>16</sup> O termo refere-se a uma sociedade secreta de homens, que participaram da Revolta dos Malês, em Salvador, no ano de 1807 (Moura, 1995: 23)

Jurema recorda-se de outras situações que exemplificam esse poder político dos homens no Movimento Negro.:

... quando falavam assim: “quem vai?” Sempre um indicava o outro que era homem que iria falar e sempre chamava a gente para secretariar as reuniões e chamavam as mulheres para fazer cartazes e para montar negocio de comida. Sempre era uma coisa de bastidores, “coisa de mulher”: recepção... Tinha uma relação do que se esperava da mulher na sociedade... Então a gente tinha que peitar mesmo sob o ponto de vista político na hora de falação, representação ...

Estes enfrentamentos foram o embrião para a percepção da opressão vivida pelas mulheres negras no interior do Movimento Negro. Jurema Werneck entende que a organização das mulheres negras:

... não foi um racha em relação ao movimento negro, foi sim um salto de qualidade, por conta das necessidades sobre a reflexão sobre a própria diversidade...

E, somos levadas a corroborar com Jurema, auxiliadas pela reflexão de Saffioti (1992), que afirma

*Ao lidar com as diferenças que separam gêneros, é necessária muita cautela, a fim de não se contribuir para incrementar a distância. O aumento das diferenças pode obscurecer as identidades de classe, estabelecendo fissuras político-ideológicas nestes grupamentos verticais e, portanto, introduzir cunhas em suas lutas (p.: 191).*

Sandra Bello chama atenção, ainda, em sua análise, para a questão das diferenças de classe e a conseqüente existência de ideologias distintas dentro do movimento:

nós éramos! Nós temos uma ideologia. Temos um encaminhamento diferenciado, pois somos de outra classe, apesar de sermos negros, que é o que nos une..... o negro favelado ai passar por outras experiências que um outro negro de uma certa forma - graças à deus - não precisou passar.

Para Sandra, a questão que identificava a luta dos negros e negras pobres com o Movimento Negro - em sua maioria constituído por pessoas de classe média - era o combate ao racismo na sociedade e isto foi significativo. Esta luta em torno de um objetivo comum possibilitou que as mulheres pudessem apontar para um outro tipo de preconceito, inclusive no interior do Movimento Negro, que era o preconceito em relação ao gênero feminino. Estas semelhanças e diferenças nas lutas de homens e mulheres negros leva Jurema Werneck a nos dizer com propriedade que:

... tem muitas mulheres do movimento de mulheres negras que continuam no movimento negro. Também tem outras mulheres do movimento negro, jamais vão passar na porta do movimento de Mulheres Negras ... também ter a ver com suas origens filosóficas.

Esta ponderação de Jurema aponta para o fato de que, assim como nem todos os homens tinham claro a questão do gênero, nem todas as mulheres negras tinham como meta de atuação o feminismo.

Talvez pela dificuldade em se ver num papel de respeito e divisão de poder com a mulher negra, o homem negro não se via inserido neste novo

acontecimento e, por ser novo, não sabia como se comportar diante desta "tomada de poder" pela mulher.

Para Vânia Santana o motivo que a levou a não permanecer no movimento negro foi que

...o assédio sexual era um problema gravíssimo. Não seamos não seamos nem um pouco ingênuas a respeito. O espaço de realização das mulheres tinha que ser à sombra de um homem, eu ficava bastante impressionada que o papel das mulheres, evidentemente não vamos estar falando aqui de Lélia Gonzàlez e nem de Beatriz Nascimento porque elas não se prestavam a esse papel, pelo menos nunca vi isto publicamente, num fórum íntimo já não sei. Ai você ajeita a mesa, você põem o microfone e alguém vai falar. Isso realmente, já com meu passado de casa, com minha iniciante trajetória política, achava isso uma prática inconcebível para mim pessoalmente, porque também fiz muita coisa, muito trabalho de secretaria sendo feito, quer dizer, qual é a possibilidade de você tomar para si o microfone. Eu acho que isso também fizesse com que as mulheres negras viessem buscar seu espaço, tomar o microfone.

O que Vânia trouxe em sua fala foi o desabafo e a denúncia do papel secundário relegado à mulher negra no interior do Movimento Negro, o que reforça mais uma vez, nossa reflexão sobre a contradição vivida por seus militantes.

Para Sandra Bello, o surgimento do Movimento de Mulheres Negras, representou um momento importante até mesmo para a resolução do

conflito que começou a ser vivido pelos homens a partir do crescimento da organização das mulheres negras. Segundo ela,

... na medida que nos organizamos, vamos nos transformando, eles vão repensar no seu papel enquanto homem.

A respeito deste “repensar a questão da relação dos gêneros”, Jurema Werneck constata um fato importante:

... não é à toa, que o presidente da mais antiga instituição do movimento negro, estava na passeata de 8 de março de 1995, o Amaury. De fato é um salto de qualidade, porque até uns tempos atrás, nos primórdios do movimento de mulheres negras, na década de 80, dava confusão, dava briga, dava xingamento. Agora, o homem vai lá e ninguém estranha a presença dele, tanto que não causou nenhum frisson, ninguém notou particularmente que ele estava ali. Era tão natural ele estar ai, não estava fazendo mais do que a obrigação. Ninguém anunciou que “está aqui o Amauryyy”, para todo mundo gritar. Não ele só estava lá, chegou permaneceu, não sei que horas ele foi embora, mas que eu vi o Amaury lá eu vi, e isso é um salto de qualidade. Acho que também foi uma melhoria do movimento negro. Acho que o processo é o mesmo nas comparações em relação às feministas: mil tensões, mil desconfianças, mil sacanagens..

Estas reflexões, presentes nas falas, gestos e olhares das mulheres entrevistadas, pontuam um dos momentos mais significativos para a mulher negra no cenário político atual, que é a sua organização. Suzete Paiva, uma das militantes mais próximas da organicidade do Movimento Negro, lembra a respeito do início da participação de mulheres como ela:



Aí que eu chego no IPCN, não tem mulheres, só homens... Quando eu coloquei o pé aqui, o primeiro apelido que me deram foi o de xereta, Jorge Cândido, pois eu queria saber de tudo.

A experiência vivida por Suzete corrobora a discussão de que quem tem informação tem poder. Esse poder, porém, era de propriedade dos homens do Movimento Negro e não das “xeretas”, como eram classificadas as mulheres negras que queriam participar ativamente da discussão política e não apenas passivamente, confeccionando cartazes, recepcionando, fazendo comida e desempenhando tantas outras tarefas conferidas à mulher como atividades “naturais”.

No próximo capítulo trataremos de alguns aspectos do processo de organização de mulheres negras no período que vai de 1978 ao ano de 1996, bem como do nascimento do Fórum de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, fundamentais para que se possa melhor entender o histórico da formação do Feminismo Negro.

### CAPÍTULO III — O MOVIMENTO DAS MULHERES NEGRAS NO RIO DE JANEIRO

“Tudo que move é sagrado, e remove as montanhas com todo o cuidado meu amor...” (Milton Nascimento)

Vimos, no capítulo anterior, a relação das mulheres negras com o Movimento Negro. Neste capítulo, faremos uma breve discussão sobre as vivências das mulheres negras no Feminismo Tradicional. Tentaremos, também, apesar da escassez da literatura sobre o tema reconstruir momentos importantes que contribuíram para a construção do Feminismo Negro, sempre tomando como referência as falas das mulheres entrevistadas. Para contextualizar as ações ocorridas no Estado do Rio de Janeiro, teremos que recorrer a situações que extrapolam o território regional, referenciando-nos, quando necessário, em fatos nacionais.

## *1- Sentidos Sobre o Feminismo Tradicional*

O feminismo pode ser considerado um dos maiores avanços na busca da democratização das sociedades contemporâneas.

Marta Suplicy, no prefácio do livro de Massi (1992) - que faz uma leitura do cotidiano e do imaginário de mulheres de classe média -, nos fala que

*Nas últimas três décadas o movimento feminista passou por duas fases distintas e vive um terceiro momento que muitos chamam de pós-feminista. O primeiro momento se caracterizou pela luta de igualdade de direitos, o que no exterior, nos anos 60, levou a uma briga com o homem/inimigo, e no Brasil nos anos 70, não deu mais do que alguns números do jornal O Pasquim (...) chamando as feministas de mal-amadas e sapatonas, mas que determinou a coloração pejorativa do feminismo no Brasil por muitos anos. (p.: 13)*

Para Suplicy (Massi,1992),

*Este primeiro momento feminista, provavelmente fruto da ideologia patriarcal introjetada e da identificação com o opressor, tentava provar que a mulher pode ser igual ao homem, repudiava o sem-valor do feminino, e vivia o masculino como superior a ser almejado e copiado (p.: 14)*

Durante este período, foram registrados episódios curiosos ocorridos entre as mulheres negras e as feministas, em sua esmagadora maioria brancas. Lélia González (1982), por exemplo, analisando a participação

de mulheres negras durante o Encontro Nacional da Mulher, no Rio de Janeiro, em março de 1979, afirma:

*nossa participação causou reações contraditórias. Até o momento, tínhamos observado uma sucessão de falas acentuadamente de esquerda, que colocavam uma série de exigências quanto à luta contra a exploração da mulher, do operariado etc., etc. A unanimidade das participantes quanto a essas denúncias era absoluta. Mas no momento em que começamos a falar do racismo e suas práticas em termos de mulher negra, já não houve mais unanimidade. Nossas falas foram acusadas de emocional por umas e até mesmo de revanchistas por outras; todavia, as representantes de regiões mais pobres nos entenderam perfeitamente (eram mestiças em sua maioria). Toda a celeuma causada por nosso posicionamento significou, para nós, a caracterização de um duplo sintoma: de um lado, o atraso político (principalmente dos grupos que se consideravam mais progressistas) e do outro, a grande necessidade de negar o racismo para ocultar uma grande questão: a exploração da mulher negra pela mulher branca.” (pg.: 101).*

E era justamente esta exploração da mulher negra pela branca, que levava as mulheres negras a criticar as feministas: elas não incorporaram, em seus discursos, a questão da opressão da mulher negra ou, mais precisamente, o racismo. Para Vânia Santana, uma de nossas entrevistadas:

Pelo que eu conheço do Movimento Feminista, eu acho que não é aquela idéia de que nunca tenha incorporado questões das mulheres negras, acho que o movimento feminista nunca discutiu racismo.

Corroborando a observação de Vânia de que nunca se discutiu sobre racismo no Feminismo Tradicional, mais recentemente, Sandra Azeredo

(1991), pesquisadora e feminista branca, faz a mesma crítica, agora dirigida ao meio acadêmico:

*A minha própria experiência é de em 1980 ter escrito um livro sobre identidade sexual e social da mulher, juntamente com meu grupo de reflexão no Rio. Apesar do livro conter experiências de 50 mulheres, muito diferentes umas das outras, o termo "mulher" do título está no singular representando uma identificação através da opressão, (...) nem uma vez mencionamos o dado cor da pele ou "raça" dessas mulheres (p.:129)*

Quando, nas reuniões feministas, falávamos da ausência de questões ligadas diretamente às mulheres negras, as feministas diziam que queríamos dividir o movimento, que a questão na verdade era a opressão de gênero.

Jurema, outra de nossas entrevistadas, faz uma reflexão bastante oportuna a este respeito:

*... elas tinham essa dificuldade de entender a gente, eu acho que ali tinha uma coisa: faltava boa vontade dos dois lados, agora, eu acho que cabia à elas ter mais boa vontade, porque elas tinham desta sociedade burguesa, machista e racista, mais elementos que a gente tinha. Elas jogaram pesado mesmo. Mas tudo bem, a gente na verdade está sempre querendo que alguém faça o papel de Princesa Isabel, elas não fizeram isso (risos)*

Na verdade, o riso da vereadora Jurema Batista exprime o absurdo deste processo de ocultação da questão racial, muito bem observada por Azeredo (1994):

*em nenhum momento as críticas que estavam sendo feitas nos Estados Unidos ao feminismo ocidental desde pelo menos 1981*

*nos serviram de inspiração. Isto fica claro no desconhecimento entre nós das produções das mulheres de cor nos Estados Unidos - não existem traduções entre nós destas produções . Mas a parcialidade da inspiração aparece sobretudo, na ausência desta discussão entre nós mesmas. (p.: 216.)*

Esta observação da autora leva-nos a ousar introduzir alguns comentários. Em primeiro lugar, vale informar que, já no ano de 1980, Branca Moreira Alves “ *desenvolve muito bem a questão da articulação entre classe, raça e sexo em nível teórico*” (González, 1982:100) e Pedrina de Deus (1983), militante do Movimento Negro e umas das principais articuladoras da organização de mulheres negras no IPCN, no ano de 1978, já refletia sobre temas relacionados à articulação entre etnia e gênero feminino.

O que Azeredo (1994) nos mostra, no entanto, é que esta discussão, apesar de presente teoricamente nas reuniões, ainda não havia sido incorporada de fato na prática da militância feminista. Contudo, de forma ambígua, este mesmo feminismo foi importante para algumas mulheres negras. É o seguinte depoimento de uma mulher negra, presente no III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, em 1985, em Bertioga, e que faz parte dos anais deste evento nos diz:

*... eu procurei o feminismo para me dar um apoio, para me dar respaldo porque eu não me encontrava dentro de minha casa, então eu me identifiquei com o feminismo, fui procurar um grupo feminista. E ao quando eu cheguei no feminismo, eu de repente me identificava como negra mas não tinha nenhum relacionamento com a comunidade, com o trabalho cultural, quer dizer essa relação é mais pela necessidade que a mulher*

*negra sente, porque ela é tão discriminada, tão massacrada como mulher e como negra (p.: 35)*

O depoimento acima mostra, inclusive, que nem todas as mulheres negras começaram sua militância em movimentos comunitários, de bairros, favelas e igrejas ou no Movimento Negro. Esta fala anônima revela mulheres que entraram primeiro no feminismo e lá puderam descobrir a questão étnica já vivenciada em outros locais, como na vida social ou no trabalho.

Lamentavelmente, nem sempre a teoria é acompanhada da prática e vice-versa, mas o fato é que a produção acadêmica sobre as questões de gênero e etnia foi muito escassa durante um longo tempo e a distância entre o cotidiano e a reflexão mostram esse dado.

Além dessa distância entre a teoria e a prática, Azeredo (1991) aponta ainda para um dos problemas da produção acadêmica em relação à discussão sobre raça e gênero:

*Em alguns Seminários, nós ainda continuamos a chamar (quando chamamos) as mulheres negras para falarem apenas sobre raça (p.: 129)*

Ou seja, tanto nos Seminários acadêmicos quanto na militância feminista observou-se que o lugar de fala da mulher negra era sobre o tema racial apenas. No III Encontro Feminista, ocorrido em Bertioga, em 1985, por exemplo, as duas oficinas realizadas sobre Racismo contaram, em sua maioria, com a presença de mulheres negras e miscigenadas, isto é, havia

um número insignificante de mulheres brancas refletindo também sobre a questão racial. Vale pontuar, entretanto, que apesar desta ausência étnica, este foi um momento de grande importância, uma vez que se abriu uma fresta para o debate sobre feminismo e racismo. Foi ainda possível ver que os problemas enfrentados pelas mulheres negras estavam presentes em outras sociedades, como mostra o depoimento, que também consta dos anais deste encontro, de uma mulher da República Dominicana que participou desta oficina:

*Como militante política, primero yo me di cuenta que mi problema, enquanto mujer, no lo podía plantear en mi organización política, "porém" escogi organizarme en instancias feministas. Cuando yo llegué a la instancia feminista yo me di cuenta que mi problema de negra yo no lo podría plantear. Yo tuve que meterme en otra instancia donde se tomaba en consideración otra especificidad. pero lo que pasa es que en la República Dominicana es difícil encontrar un grupo de mujeres que enfoque la cuestión negra. (p.: 77).*

Como já afirmamos, esta dificuldade em ter as questões específicas da mulher negra discutidas no projeto político do feminismo pode ser ilustrada por outras passagens ocorridas entre mulheres negras e brancas, em encontros feministas, como veremos adiante. Por outro lado, cabe assinalar aqui, que as mulheres negras em geral haviam assimilado um ponto de vista distinto em relação ao feminismo, como assinala Jurema Werneck, uma de nossas entrevistadas:

*... as mulheres negras recusavam... não reconheciam nas suas bandeiras o feminismo, porque feminismo era*



uma coisa feia de Bety Friddan, de mulher feia que rasgava sutiã, de mulheres lésbicas que muita gente não queria se identificar... essas coisas assim, o pejorativo disso

Neste depoimento, Jurema Werneck apresenta o ponto de vista desenvolvido não só pela maioria das mulheres negras como também pela sociedade como um todo sobre o que era ser feminista: algo sempre relacionado com “coisa de mal amada”.

Uma das bandeiras feministas, que tinha grande importância para as mulheres negras, ainda que devesse receber enfoque distinto, era a do trabalho, uma vez que as mulheres negras sempre estiveram no mercado de trabalho, que explorou sua mão de obra violentamente. De acordo com Barcelos (1992), a mulher negra

*Estava na saga há cem anos atrás, hoje continua sendo a lavadeira “que consegue deixar as roupas alvas”. O fogão de barro mudou, mas a mulher negra ainda está na cozinha. É a faxineira, é a babá. Funções servisais e domésticas em que os baixos salários percebidos servem para garantir a sobrevivência, já que na estrutura familiar é na maioria das vezes cabeça do casal (p.: 174).*

Não é necessário enumerar aqui os diversos pesquisadores que estudaram a inserção da mulher negra no mercado de trabalho. Basta afirmar que, para todos eles, ela esteve desde o início da colonização brasileira; aliás, a utilização da mão de obra escrava por portugueses é anterior à entrada dos primeiros negros no Brasil. De acordo com Carise (sem data), em Portugal:

*A escravidão iniciou-se no século XV, precisamente em 1441, quando o Infante D. Henrique recebeu de Antão Gonzálvez os primeiros pretos apanhados na Guiné e oficiou-se a licença do papa Eugênio IV, concedida à Portugal, para cativar os chamados mouros e, com eles, africanos de todas as origens, contra quem existiam preconceitos bíblicos de que, “descendendo de Cã”, filho amaldiçoado de Noé, nasceram com este destino. (p.: 11)*

Assim, a mulher negra começou a atuar no mercado de trabalho como mão de obra escrava, antes mesmo do descobrimento do Brasil. Para Jurema Batista,

O trabalho é herança da escravidão (...) foi isso a carga ancestral que passou para gente, se agente não trabalha, a gente não vale: “trabalha, trabalha, trabalha, negro” (musica)

É interessante observar aqui que, em todas as falas das mulheres negras entrevistadas, o trabalho sempre foi uma constante, e a maioria delas começou a trabalhar cedo.

Outra bandeira priorizada pelo feminismo dizia respeito à sexualidade da mulher. Parece que esta bandeira não se enunciava da mesma forma para mulheres negras e brancas, pelo menos no que se refere a seus discursos. Como bem recorda Jurema Batista:

Eu me lembro daquelas reuniões que a gente fazia do Fórum Feminista, que a gente falava: não a gente tem que falar de carregar água sim! Que também mexe com a sexualidade porque a mulher que carrega água o dia inteiro, como ela vai ter vontade de fazer sexo? E o pessoal achava que era maluquice. Tipo assim: “não tem a ver bica d’água com feminismo” e a gente falava

que tinha, se eu vou discutir sexualidade vou ter que ter um pouco de condições de vida também, né?

Nesta fala de Jurema, nota-se que existiam outras prioridades básicas para a mulher negra, e que estavam inclusive associadas à sexualidade, como a busca da melhoria da sua qualidade de vida que, naquele momento, eram mais essenciais. Isto não quer dizer, no entanto, que a sexualidade não tivesse importância. Como assinala Vânia Santana:

A carga de tudo o que nós carregamos de herança de não pode isso, não pode aquilo, porra, tá na porcaria da sexualidade!

Algumas das bandeiras levantadas pelas mulheres negras na época, no entanto, como a direito a creches foram, num primeiro momento, banalizadas, no Movimento feminista, como Sandra recorda:

Quando nós reivindicávamos creche, o movimento feminista falava: Isso não é feminismo, porque a mulher tem que está sempre ligada à criança"? Claro, as crianças "delas" tem babá.

Sabendo-se que muitas destas babás eram mulheres negras, nota-se que, em grande parte como decorrência das diferenças econômicas e sociais entre as mulheres negras e brancas, os enfoques em relação a trabalho, sexualidade e creche deveriam ter merecido um tratamento diferenciado no feminismo. Contudo, isto não aconteceu. Como as falas de Sandra e Jurema Batista denunciam, ao tentar incorporar questões como a

importância da creche ou do saneamento básico ao feminismo, as mulheres negras eram criticadas.

As mulheres negras, assim, acabaram por negar o rótulo de feminista. Entendiam que as suas bandeiras eram bandeiras apenas de um movimento de mulheres e não uma luta feminista. Por isso, era comum as mulheres negras dizerem na época que faziam parte do movimento de mulheres e não do feminismo. Contudo, como afirmam Heilborn e Arruda (1995),

*A ação política das mulheres, bem como sua luta pela ampliação de espaço na sociedade, pode ser designada por duas referências: movimento de mulheres ou feminismo. Distintas, as duas formulações são, contudo, faces da mesma moeda; têm em comum o fato de que é o sexo feminino que toma a cena política (p.: 15)*

Para bell hooks (1994:166), feminista negra americana, no entanto, “a expressão “movimento de mulheres” reproduz a idéia de que, de algum modo, o feminismo é uma fazenda onde só devem trabalhar mulheres”. E, na cultura negra, o sentimento comunitário sempre foi mais trabalhado do que na cultura branca. Por isso, as inúmeras lutas traçadas pelas mulheres negras buscavam não só a melhoria da qualidade de vida destas mulheres, como a melhoria da comunidade como um todo. Na verdade, nos parece que este Feminismo Negro, que então se anunciava, era distinto, em muitos pontos, daquele que culturalmente se diferenciava, o Feminismo Tradicional.

Assim, é importante resgatar o papel desempenhado pelas mulheres negras na organização da comunidade negra e suas ações tanto no Feminismo Tradicional quanto no Movimento Negro, que desembocaram na criação do Movimento de Mulheres Negras, o próximo item a ser discutido.

## *2 - Sentimentos e Momentos do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro*

Falar sobre o Movimento de Mulheres Negras no Estado do Rio de Janeiro e não mencionar o papel que esta mulher desempenhou em suas comunidades, desde o processo de colonização do Brasil, tornaria este trabalho incompleto.

Segundo Moura (1995),

*Com o esfacelamento da família africana, é geralmente em torno da mulher que começa a se formar uma nova família negra entre os forros, assim como são principalmente elas que mantêm o culto (...) As mulheres respondem com bravura à situação: uma vez forras, e entre estas são maioria, procuram trabalho ligado à cozinha ou à venda nas ruas de pratos e doces de origem africana, alguns do ritual religioso, a comida de santo, e recreações profanas e propiciadas pela ecologia brasileira (...) É dela que dependerá muito o destino e a continuidade do grupo, o poder redefinido entre os sexos, a poligamia africana dos machos senhores superada pelo matriarcalismo que se*

*desenhava nos bairros afastados de Salvador, como depois aconteceu no Rio de Janeiro (p.: 34)*

Na afirmação de Moura (1995), nota-se que a estrutura social dos negros no período colonial e pós escravagista tem na mulher negra uma importante figura. Assim, foi a mulher negra urbana, no Rio de Janeiro, que manteve a tradição e serviu como âncora para vários negros, marginalizados pelo sistema.

Antes do período de efervescência na Praça Onze<sup>17</sup>, ainda em 1915, em São Paulo, uma das atividades desenvolvidas pela Frente Negra Brasileira foi a publicação, em jornais do movimento, “de informações, notícias, mexericos e destaques sobre a vida associativa da comunidade negra” (Moura, 1988: 215), num momento de extrema desvantagem econômica para o negro pós “abolido”. Estas publicações tornam-se, então, um referencial de auto-estima na afirmação da negritude. Sabe-se, por depoimentos orais, que as mulheres negras tiveram uma grande importância na estruturação e organização destas atividades.

Faltam-nos, também, informações mais precisas, sobre a importância das mulheres na criação do Renascença Clube, surgido na década de cinqüenta. Mas, podemos afirmar que foi neste espaço de lazer

---

<sup>17</sup> Quando diversos negros baianos se estabeleceram no Rio de Janeiro após a “abolição da escravatura”, foi a praça Onze, o local de maior concentração desta população que passa a se organizar culturalmente, dando origem ao Samba. Dentre os nomes de maior importância, destaca-se Tia Ciata.

que negros de classe média, ligados à cultura e ao teatro passaram a se encontrar no Estado do Rio de Janeiro.

Passamos agora a falar de alguns momentos importantes de organização das mulheres negras.

### *1950 — Conselho Nacional de Mulheres Negras*

É somente no dia 18 de maio de 1950, quando foi criado o Conselho Nacional de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro, que se registra a primeira forma de organização autônoma de mulheres negras, originada no interior de uma instituição mista, contemplando questões específicas das mulheres negras. Os dados aqui apresentados foram extraídos da Agenda da Mulher Negra, de 1989. Este Conselho foi um desdobramento do Departamento Feminino do Teatro Experimental do Negro, sob a direção de Maria Nascimento. Seus objetivos iam desde a educação a aulas de dança e música, entre outras.

Nota-se que, já em 1950, as mulheres negras viram que o Departamento Feminino não contemplava sua organização. Entendemos que este Conselho, ainda pouco conhecido, deva ser objeto de futuras

pesquisas, para que a historiografia do movimento de mulheres negras seja fiel aos seus eventos e instituições.

### 1978 — *REUNIMA*

A segunda metade dos anos 70 assinala um momento importante, e que é de nosso especial interesse, para o desenvolvimento do Movimento de Mulheres Negras. Assim, recorda esse período Suzete Paiva:

Aí eu pego o jornal, eu reencontro o jornal<sup>18</sup> e estava escrito no jornal, OMISSÃO DA MULHER NEGRA. Tinha uma poesia de Solano Trindade, sobre a questão da rainha do carnaval (...) Então eu fui discutir este tema: OMISSÃO DA MULHER NEGRA, com homens, com o Iêdo e o Amaury (...) e comecei a debater com eles, acho que foi uma coisa instintiva minha, né? E aí eles falaram que eu deveria ir para prática e ver. E aí eu fui mesmo! (...) Era uma crítica a não participação das mulheres.

O texto sobre a “A OMISSÃO DA MULHER NEGRA” serviu, assim, para aguçar a curiosidade de Suzete e despertar nela o interesse por entender porque era comum a não participação das mulheres negras no IPCN - Instituto de Pesquisa da Cultura Negra. No seu processo de militância, apesar de não concordar com a organização específica de

---

<sup>18</sup> Jornal que um militante do Movimento Negro que ela havia encontrado num ônibus lhe deu. Ela viria a encontrar esse militante anos mais tarde, no IPCN.



mulheres negras, ela reconhece as dificuldades vividas pelas mulheres no interior do Movimento Negro. Suzete identificava a opressão que os homens do Movimento Negro exerciam sobre as mulheres negras e, a partir deste texto, elabora outros que buscam questionar a presença da mulher como agente político no interior do Movimento Negro:

E aqui também eu discutia com eles, entendeu? E aí nisto eu continuei investindo (...) e escrevi um outro artigo no jornal do SIMBA, falando sobre a questão da OMISSÃO DA MULHER NEGRA, baseado no artigo anterior, e aí o jornal passou a ser uma cachaça para mim, eu escrevi outro OLHANDO PARA O SEU PRÓPRIO UMBIGO, no Sindicato do Bancários.

Infelizmente não tivemos acesso a estes textos mas, sem dúvida alguma, eles demarcam um momento histórico importantíssimo para a mulher negra dentro do Movimento Negro, que é a sua “tomada do microfone”, que expressa sua participação política mais efetiva. É, então, no ano de 1978, que algumas mulheres articulam a primeira organização de mulheres negras na atualidade. Ao recordar esse tempo, Suzete prossegue:

... veio Pedrina de Deus, veio Estela, tinha uma operária de laboratório farmacológico, trabalhava ali em Botafogo, chamada Dona Shirley, Oyr.. tem mais gente.. tem uma ex-companheira do Crispim de Niterói, acho que é Maria Helena, ou Helena.. E agente começou a tatear a discussão. Léa Garcia também veio. E começou o zumzumzum pela cidade, e aí eu comecei a tomar pé.

A meta neste momento inicial era incentivar o questionamento sobre a pouca participação das mulheres negras nas reuniões do Movimento Negro. A estratégia sugerida por Léa Garcia foi a de se articular uma “*grande reunião de mulheres negras*”. Como assinala Suzete,

Aí, chamamos de REUNIMA, que era a Reunião de Mulheres Aqualtune<sup>19</sup> (...) não era grupo, era uma ancestralidade, era uma questão de articulação, de um espírito, então todo mundo se considerava Aqualtune. (...) Já que a gente é negro e está resgatando essa bandeira de negritude lutar, nada melhor que mexer com a ancestralidade, e a ancestralidade então da máxima, da guerreira máxima, (...) daqui a pouco os homens daqui, Orlando, Paulo Roberto começaram a ficar apavorados, pois o grupo estava crescendo, porque não era o grupo, mas a reunião estava se tornando um ponto de encontro, vinha mulher de tudo que era parte, né? Aí a gente conseguiu reunir a mulherada, e a gente se perguntou: “e agora o que vamos fazer?”

No meio deste questionamento sobre que caminho tomar, surgem duas visões distintas acerca do rumo deste coletivo. A primeira, liderada por Suzete Paiva, entendia que as mulheres deveriam ficar inseridas no IPCN e a segunda, encabeçada por Pedrina de Deus, achava que as mulheres deveriam sair daquele espaço, uma vez que sempre ocorriam

---

<sup>19</sup> Suzete fala que pesquisaram vários nomes de mulheres negras que desempenharam papel importante na sociedade e escolheram o da princesa do Congo, vendida para um engenho, e que, depois de sua fuga, atuou com Ganga Zumba, no Quilombo de Palmares.

brigas, e deveriam criar um movimento próprio, com um grau maior de autonomia. Assim Suzete recorda essa época:

(...) já em 80. A gente começou fazer excursões na Vila Kennedy, com um grupo de pessoas de lá, tinham homens e mulheres. A primeira parte era comentar a questão do Movimento Negro, e dentro da discussão trazer a mulherada para discutir. E a Pedrina tinha um pouco desta questão do movimento feminista, então a gente batia de frente. Mas não chegava a ser briga

Esse “bater de frente” das duas correntes, que iria definir o futuro do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro, era, de fato, uma divisão de tendências, na qual uma achava que a criação de grupos e instituições políticas de mulheres iria dividir o Movimento Negro e a outra, entendia que o Feminismo Negro deveria ser incentivado como uma organização autônoma. Entretanto, esta cisão não fez com que a REUNIMA se desfizesse naquele momento. Segundo Suzete,

O racha que deu não foi de briga. A Azoilda também estava participando do jornal e a Cecília também (...) Então, a Oyr ia lá e vinha aqui, porque a Pedrina achou que tinha que sair daqui. Eu achava que não, ela vai sair e eu fico, quem quiser ficar comigo que fique, quem quiser ir com ela, vai. E a gente se esbarra por aí. (...) Porque a Pedrina não suportava mais cada dia que a gente chegava aqui tinha uma pitica.

Como se pode observar no depoimento de Suzete, os dois grupos passaram a buscar rumos distintos para o movimento de mulheres negras.

Antes deste “racha”, no entanto, o Aqualtune produziu uma cartilha que teve grande importância para o movimento de mulheres negras, como bem recorda Suzete:

1987  
tinha tido um racha do Aqualtune, antes de ter este racha falamos assim, vamos produzir alguma coisa, e a Pedrina falou assim, vamos produzir uma cartilha. Já tem o jornal e então vamos produzir uma cartilha. (...) A primeira produção que saiu foi sobre o trabalho doméstico.

Esta cartilha apresenta a primeira bandeira do movimento de mulheres negras, que se refere à valorização do trabalho doméstico. É importante assinalar aqui que não se trata da reivindicação do trabalho remunerado, reivindicação importante do movimento feminista da época, mas sim de uma denúncia e reconhecimento da valorização de um tipo de trabalho que a maioria das mulheres negras exerceu e ainda exerce, que é o emprego doméstico. A confecção dessa cartilha representava, ainda, a possibilidade de união entre estas duas visões que estavam surgindo dentro do movimento de mulheres negras.

Mas esta união não aconteceu e, entre mágoas e expectativas diferenciadas, o REUNIMA encerrou seu breve capítulo na organização do movimento das mulheres negras no Rio de Janeiro. Contudo, como assinala Suzete, antes do racha esta articulação de mulheres plantou sementes.

A herança deixada pelo REUNIMA foi bem aproveitada, dando um dos mais significativos frutos, que foi a organização do NZINGA - Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro.

*1983 — NZINGA: Coletivo de Mulheres Negras/RJ*

O NZINGA foi fundado em 16 de junho de 1983, visando integrar a discussão de gênero e raça e articulando ações de mulheres negras pobres e de classe média. Foi um grande desafio para a época, mas graças à participação de mulheres como Lélia González, Jurema Batista, Ivonete, Miramar Corrêa, Elizabeth Vieira, Ana Garcia e outras, o NZINGA alcançou uma enorme expressão, atingindo, inclusive, outras partes do país. Em 1984 chegou a São Paulo, no I Encontro de Mulheres Negras e, em 1986, ao Maranhão, através de convites para reflexão sobre o movimento de mulheres negras em construção ou consolidação nestes estados. Ele chegou a atingir até mesmo o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, em Bertioga, no ano de 1985, quando sugeriu a aprovação de uma moção contra o racismo na África do Sul.

Para Jurema Batista,

O NZINGA deu visibilidade ao movimento de mulheres negras, que é anterior à Bertioga<sup>20</sup>, engraçado, né? ... não era uma coisa organizada assim: "a partir de hoje tem movimento de mulheres negras", mas era aquela coisa da gente ir para rua, eu, você, Mira, Lélia, ... deu uma visibilidade..

Neste momento, estava consolidada a necessidade de dividir com outras mulheres negras e brancas, as inquietações vividas pelas militantes no interior do Movimento Negro. O *ir para rua*, a que Jurema se refere, é demarcado no registro da primeira reunião específica de mulheres negras, ocorrida dentro do Encontro de Entidades Negras do Rio de Janeiro, realizado em Moquetá, Nova Iguaçu, no dia 30 de outubro de 1983. Como não estava contemplada a discussão sobre gênero no Encontro, a estratégia foi participar do grupo de educação, inserindo aí a questão da mulher negra. Jurema Batista tem uma vaga recordação deste encontro, de que participou como representante do NZINGA:

Não me lembro quando foi, mas até a Lili tocou, não foi? Tocou piano. Ih! a gente vem brigando muito. Uma briga por espaço.

Neste briga por espaço, como bem assinala Jurema, no mesmo ano, durante a passeata de 8 de março, dia Internacional em Defesa dos Direitos da Mulher, registrou-se uma tensão entre mulheres negras e brancas. Uma mulher branca - do movimento feminista - pintou-se de

---

<sup>20</sup> No início da entrevista, Jurema Batista falou que o marco do movimento de mulheres negras teria sido o encontro de Bertioga. No entanto, no decorrer da entrevista ela lembrou do papel desempenhado pelo

preto e colocou um cartaz com os seguintes dizeres: “três vezes discriminada: mulher, negra e favelada”.

As mulheres negras presentes ficaram indignadas. Jurema Batista fala sobre o impacto que esta atitude provocou nela:

Eu sempre achei isso muito confuso, poderia ser algo de solidariedade, mas o que isso quis dizer para a gente era que elas estavam negando nossa presença no movimento feminista. Porque na verdade pintar a cara, era dizer que não tinha mulher negra lá para fazer esse papel. Tinha! Nós estávamos lá, tanto é que nós estávamos na passeata... então nos representar lá.... Eu vi umas coisas assim, as babás carregando carrinhos das patroas, das madames. Isso é muito complicado. Esse era o problema, não precisava ter representante, a gente estava lá, estávamos presente. Então a solidariedade era por exemplo, Bertioga ter espaço para as mulheres negras pobres estarem lá.

Para nós, mulheres negras, esta ação mostrou que, que de certa forma, as feministas estavam “maternalizando” a mulher negra. Além disso, foi necessário, que uma mulher branca se pintasse de preto para levantar uma bandeira que já deveria ter sido incorporada pelo feminismo, enquanto instituição representativa das mulheres de modo geral. Esta mulher branca, a nosso ver, poderia levar a denúncia, mas com sua própria cor, com sua própria cara. O certo é que as negras não precisavam ser representadas por uma mulher branca pintada de preto.

---

NZINGA e se surpreendeu com sua própria dedução.

Foi inaugurada neste momento, uma forma de militância de mulheres negras. Assim, no II Encontro Feminista Latino Americano, realizado no Peru, em 1983, três mulheres negras participaram, dando visibilidade a este grupo específico. A seguir, em 1984, representantes do NZINGA estiveram presentes na *I Conferência de la Mujer Negra de las Américas*, na Costa Rica, e no *African-American Women's Political Caucus*, em Baltimore-Maryland. Foram momentos de troca de experiências, uma vez que, no Rio de Janeiro, este grupo já desenvolvia atividades com o movimento de escolas e creches comunitárias, com o movimento negro, com o movimento feminista e com outros setores sociais.

Neste mesmo período, ocorreu o I Encontro de Mulheres de Favela e Periferia, marcando também o aparecimento do CEMUFP - Coletivo de Mulheres de Favela e de Periferia.

Demarcando um território que estava em vias de consolidação, o NZINGA cumpriu seu papel, porém teve uma trajetória um tanto complicada, uma vez que no ano de 1994 por gerenciamento interno de projetos teve a saída de Lélia e outras filiadas. No entanto isto não levou à extinção do Coletivo que continuando sua caminhada, em junho de 1995 lança seu primeiro boletim. Entre idas e vindas de várias mulheres, suas atividades paralisaram no ano de 1989, sendo retomada em 1995.



Hoje não temos notícias sobre as atividades do grupo, que tem como coordenadora Helena de Souza.

### 1985 — BERTIOGA

Durante um longo período ouvir a palavra Bertioiga era motivo de choro, lembranças ruins e muitas brigas e discordâncias entre as mulheres negras. Para algumas delas, este é o grande marco do movimento de mulheres negras; para outras, um episódio lamentável. Há, ainda, aquelas que, como nós, viram naquele encontro aspectos positivos e negativos para o movimento das mulheres negras.

De 01 a 03 de agosto de 1985, em Bertioiga, São Paulo, aconteceu o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe. O CEMUFP organizou um ônibus, com mulheres de locais de moradia e interesses diferentes, para participar do Encontro. Com a ida do ônibus, forte tensão ocorreu, pois as mulheres negras e brancas presentes no ônibus, foram com o intuito de participar de qualquer forma do encontro, mesmo não tendo cumprido os trâmites normais, que eram fazer inscrição prévia.

Jurema Batista<sup>21</sup>, uma das organizadoras do ônibus, assim se refere ao fato:

Porque que a gente teve o embate? Porque teve a história da taxa antecipada e que, na verdade, a maioria das mulheres negras não tinham aquela taxa para pagar.

Mas fora disso tinha a questão de tentar criar um fato consumado de que, “olha a gente não vai entrar, mas a gente veio aqui, na verdade para fazer um encontro aqui do lado de fora mesmo. Hoje eu tenho essa análise a gente queria mesmo dar o pontapé no racha do movimento feminista.

Este episódio demonstrou o rompimento com alguns pressupostos do movimento feminista, que não estava levando em consideração as diferenças étnicas, sociais e econômicas entre as mulheres. As organizadoras do ônibus convocaram uma entrevista, no centro da capital paulista, antes mesmo de ter chegado ao local do Encontro e, nesta entrevista, o CEMUFP fez críticas severas à organização do evento. Com isso, a tensão ficou explicitada antes mesmo do ônibus chegar ao litoral paulista.

Como toda ação provoca uma reação, as organizadoras do III Encontro optaram por uma ação política: não se deixar “render” àquela provocação. Assim, as organizadoras passaram a reagir com as mesmas

---

<sup>21</sup> Jurema tinha bolsa do NZINGA para participar do Encontro, mas optou por ficar no ônibus, uma vez que participou da organização do protesto.

armas usadas pelas mulheres do ônibus: não abrir mão de sua representação. Na verdade, as mulheres do ônibus apostaram na visão estigmatizada que a sociedade e, mais especificamente, a imprensa local tinham do feminismo.

Vânia Santana, que ainda se emociona ao falar deste episódio, assim vê a questão:

Eu sempre falo que essa história é muito mal contada. Eu vou morrer se um dia eu tiver que pedir para entrar em algum lugar. Ah! porque é pago? E não tinha que ser pago? Porque não tinha que ser pago? Como é que você adquire sua autonomia? Depois, tudo bem, o embate. Foxa foi dilacerante para quem estava lá dentro. Porra são outras mulheres que estão lá fora! Aí a gente fica na situação de que é a vítima. Eu me recuso terminantemente a ser colocada no papel de vítima. Coitadinhas... Coitadinhas a puta que pariu. Desculpe a expressão, entendeu? Eu não sou coitadinha nada, o sistema é um horror e eu tenho minha estratégia de luta contra ele e nessa estratégia de luta eu não posso me colocar numa posição de vítima, pois o mundo está caindo em cima de mim. Não vou fazer esse papel, sinceramente eu me recuso terminantemente fazer. Então é uma concepção política, é uma concepção política. Não iria? Iria sim, as que tiveram bolsas ou como iria aquele maior número articulado. No ano seguinte a gente teve a mesma estratégia de Bertiooga e não aconteceu o mesmo. Então eu pergunto: era uma questão de dinheiro, não era uma questão de dinheiro. Tinha que fazer o estereótipo, você veste para você a imagem do despossuído. (...) Aí eu fico pensando o seguinte, a coisa do conformismo, se conformou com a situação, o lance de correr atrás. Até naquela época foi muito engraçado, teve-se uma estratégia de correr atrás junto às instituições lembro-me que isso foi concomitante ao encontro de jovens de Moscou houve uma estratégia para apoiar fulano de uma viagem e tal.

É uma estratégia, e eu era de uma das instituições que foram consultadas. Aí você está pedindo às instituições que tem a preocupação com aquela temática. Tudo bem, é um jogo de aliança, agora lá dentro eu me recuso.

O que se pode perceber durante os três dias de sofrimento, tanto para quem estava dentro do ônibus, quanto para quem estava participando do III Encontro, era que esse sentimento, que ainda faz Vânia chorar, reforçava os estereótipos que, ao longo da história, foram delegados às mulheres negras.

Sandra, mesmo não estando presente, pois estava em Moscou, participando do Encontro Mundial de Jovens, acredita que:

... para mim, Sandra Helena Torres Bello foi um marco do feminismo eurocêntrico e o reconhecimento, não sei o reconhecimento, mas a visibilidade de um outro feminismo aí, que estava se formando. Nós falamos assim: "Ei, não é só isso que existe, existe uma outra coisa". Para mim, o que marcou a ida de 27 mulheres a Bertioga foi isso, foi mostrar a intransigência, porque foi claro. Uma amiga participou de um debate internacional, a pergunta foi matemática: Como 827 mulheres vão resolver o problema de 27?" Ali ficou claro uma luta de classes, de poder, de intransigência mesmo. Eu não estava lá, mas acompanhei o vídeo e estava na organização do negócio... Para mim Bertioga é um exemplo vivo, por isso que Garanhuns teve uma flexibilidade maior, já se colocou um percentual X da taxa para as mulheres negras... A questão racial hoje, já pontua no Movimento Feminista... e a questão para mim, mais ainda, é que existe um Movimento de Mulheres Negras. Isso para mim é fundamental, porque existe outro espaço de luta, não é mais reconhecido somente esse espaço que mais popularmente chamamos

o das brancas, mas existe um espaço. Isso para mim é ótimo... é se reconhecer.

Como se pode observar a partir dos depoimentos acima, as visões sobre o episódio ocorrido em Bertiooga são bastante diversas. Parece que todas, no entanto, reconhecem a sua importância. Em recente artigo publicado nos *Cadernos Feministas*, Ribeiro (1995) afirma a esse respeito:

*Em particular entre as brasileiras (brancas e negras) não havia sido construída ainda uma prática de trabalho conjunto. Explicitaram diversas questões<sup>22</sup>, quem é ou não feminista; que cara tem ou deveria ter o movimento feminista brasileiro; as possibilidades de alianças e rumos do movimento feminista” (p.:449)*

*Acreditamos que, naquele momento, nada iria impedir a ida do ônibus contendo estas 27 mulheres, dentre as quais muitas que nem sabiam onde estavam indo. Isto porque, como já foi assinalado anteriormente por Sandra Bello e Jurema Batista, a ida deste ônibus foi premeditada, para que houvesse o *racha no movimento feminista* e para que possibilitasse maior visibilidade ao *novo feminismo que estava se formando*. É este fato que faz Jurema Batista, já no final da entrevista, rever seu pensamento sobre o incidente:*

---

<sup>22</sup> Nota de rodapé feita pela autora reproduzida na íntegra: “Houve o episódio da chegada de um ônibus vindo do Rio de Janeiro, com mulheres negras de movimentos de bairros (favelas e periferia) e demais setores, como partidos políticos, as quais não haviam feito inscrição no Encontro e alegavam não ter dinheiro para fazê-la. Estas alegavam, ainda, ter vindo para ficar. Instalou-se uma longa discussão entre o grupo organizador (composta de sua maioria de mulheres brancas) e as negras (as que estavam no ônibus e outras, que envolveram-se no “problema”). Os conflitos estabelecidos configuraram-se pelas diferenças raciais, mas também pelas questões sociais.(p.449) .

... acho que Bertioga teve uma organização política mesmo, uma organização até mais ampla mesmo.

É nosso ponto de vista que o episódio do ônibus de Bertioga foi uma atitude para demarcar *o aparecimento de um novo grupo de mulheres* que trazia o discurso radical da luta de classe. Estas mulheres, inclusive, faziam críticas ao NZINGA, por ter em sua composição também mulheres negras de classe média.

Quando Jurema Batista diz que Bertioga foi um marco para a organização política das mulheres negras, somos levadas a corroborar com seu pensamento e reforçar o fato de que estas mulheres negras do Rio de Janeiro, não se articularam para garantir sua participação, não respeitando a organização de outras mulheres. Cabe acrescentar, ainda, que as mulheres negras que organizaram o ônibus para Bertioga assumiram todo o tempo o papel de *coitadinhas*, como bem o definiu Vânia, e iam de pires na mão pedir migalhas para se alimentar.

Eu acredito que as mulheres negras são muito fortes. A gente aprendeu a trabalhar muito cedo, a administrar a pequena economia e, de fato, nós não tínhamos nenhuma necessidade de implorar participação em nada. É uma questão de... Quando eu vi aquelas mulheres, poxa era um drama... É muito interessante olhar as coisas só de um lado, quando eu vi aquelas mulheres nordestinas e da periferia de São Paulo, tudo o que elas tinham feito para estarem ali... um pedágio, a venda de material, a renda, rede, a solidariedade de trazer o seu farnel.. Forra, eu fiquei pensando assim, (engasgos) Poxa, vieram do Nordeste, atravessaram o

Nordeste, porra, veio de que? (lágrimas minhas e dela).... O RJ com n possibilidades (pausa grande) Afinal de contas, a gente tem que esmolar o que de quem? E outra coisa que é importante que seja dita, quem tiver acesso ao relatório do II Encontro Latino Feminista Americano e do Caribe, que ocorreu no Peru, participou dele Jurema Batista, Abighil e Adélia e foram financiadas pela Fundação Ford, quando Patrícia Selle estava aqui, e ainda estava presente no Encontro... eu tenho foto de todas elas ninguém disse lá sobre a questão racial. A tarefa que saiu de lá foi a de mobilizar as mulheres aqui para participar, ia se mobilizar com antecedência. Não tínhamos porquê. Tinha um plano de pagamento. Eu tenho a certeza eu me recusava e continuo a me recusar a pedir esmola. O ônibus estava lotado, ninguém sabia porque estava lá, o que estava acontecendo.

Ao ser perguntada por nós sobre sua tarefa em articular a participação de outras mulheres no Encontro de Bertioga, Jurema Batista nos disse:

Ninguém me falou isso, não me comunicaram (risos). Que ótimo! teria feito com o maior prazer. Tanto que nenhuma de nós fizemos isso.

Em resumo, este episódio demonstrou, ao nosso ver, que um setor do movimento de mulheres negras, visando denunciar a pouca discussão no feminismo sobre a questão da classe social e racismo, oprimiu também outras mulheres negras, as que se encontravam naquele ônibus, pois eram vistas como traidoras, “burguesas” e outros tantos termos pejorativos por estarem participando do Encontro. Este senso comum, durante mais de dez

anos foram utilizados numa clara demonstração de falta de respeito e violência em situações de enfrentamento político.

No entanto, as mulheres negras que estavam participando do III Encontro resolveram se unir para tentar elevar sua auto-estima. Assim, as duas oficinas sobre feminismo e racismo que lá ocorreram foram um marco para o amadurecimento e a futura estruturação do Feminismo Negro, assunto que será tratado no próximo capítulo. A reprodução a seguir de duas, das fotos presentes nos anais do Encontro, ilustram nosso pensamento:





Este momento de intensa discussão vivido por nós, nestas oficinas de feminismo e racismo do Encontro de Bertioga, facilitou a participação de uma das organizadoras do ônibus, Sandra Bello, na comissão organizadora do VIII Encontro Nacional Feminista, no ano de 1986. Entretanto nenhuma oficina específica sobre feminismo e racismo foi realizada neste último evento.

No ano seguinte, no entanto, um salto qualitativo seria dado em direção à organização das mulheres negras em âmbito nacional.

*1987 — Garanhuns: Fórum de Mulheres Negras/RJ e I Encontro Estadual de Mulheres Negras/RJ*

No IX Encontro Nacional Feminista, em Garanhuns(PE), no ano de 1987, foi organizada uma reunião de Mulheres Negras para discutir sua especificidade. Sandra Bello<sup>23</sup> desempenhou um papel importantíssimo nesse momento, coordenando a oficina da *linha da vida* com diversas mulheres negras do país. Foi um momento de muita emoção, e vale resgatar a memória de Sandra, uma de nossas entrevistadas:

---

<sup>23</sup> Oriunda do movimento de favelas, participou da fundação do NZINGA: Coletivo de Mulheres Negras e era liderança do CEMUFP.

foi o encontro que teve maior participação de mulheres negras, em bloco organizado, discutindo (...) com flexibilidade também na taxa, no pagamento, no dinheiro, pois o dinheiro também é um problema, né?

Garanhuns foi também o momento no qual as mulheres negras começaram a apontar para a concretização do movimento em âmbito nacional. Neste Encontro, foi realizada uma reunião com as diversas mulheres negras presentes e o Rio de Janeiro foi indicado para ser o polo irradiador desta nova organização. A meta era a construção de um Encontro Nacional de Mulheres Negras.

O Estado do Rio de Janeiro foi indicado para organizar o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, não só por ter em Sandra Belo a principal articuladora da Oficina "Linha da Vida", como também pelo reconhecimento da intensa discussão sobre gênero, raça e classe social desenvolvida no estado e que resultou nas duas articulações de Mulheres Negras: o NZINGA e o CEMUFP.

Assim, como estratégia, logo após o retorno ao Rio de Janeiro, formou-se uma comissão para preparar o I Encontro Estadual de Mulheres Negras, visando mobilizar as participantes para o I Encontro Nacional. E é, neste momento, que nasce o embrião da concepção do Fórum de Mulheres Negras.

É interessante assinalar aqui, que a concepção de Fórum é uma herança do movimento feminista tradicional. No entanto, no caso das mulheres negras, existiam diferenças significativas, dentre as quais a ausência de entidades fortes. Em outras palavras, o que estamos tentando dizer é que o feminismo tinha uma tradição institucional mais consistente do que a que havia no caso das mulheres negras, fato que, de certa forma, contribuía facilitando a captação de recursos para as atividades desenvolvidas no Fórum Feminista. Ou seja, elas conheciam melhor as formas de captação de recursos, bem como dominavam a técnica de elaboração de projetos. Além disso, como afirma nossa entrevistada, Jurema Werneck,

acho que se fosse tecer um paralelo entre o Fórum Feminista e o Fórum de Mulheres Negras o ganho do Fórum de Mulheres Negras era, que ele era aberto e o feminista não. No Feminista você tinha que provar o discurso feminista. No de mulheres negras não, você faz parte, tudo bem que você faz um discurso, você às vezes pode não ter nenhuma bandeira, e até mesmo uma bandeira reacionária... mas ali você entrava e ia ver no que dava, mas no feminista não cabia.

O Fórum de Mulheres Negras do Rio de Janeiro era, de fato, um verdadeiro caldeirão de idéias e intenções, que contava com a participação de mulheres com diferentes visões sobre organização e militância política. As primeiras reuniões da comissão organizadora do I Encontro Estadual de Mulheres Negras, ocorreram na ASSEAF - Associação

dos Ex-Alunos da FUNABEM<sup>24</sup>. Neste primeiro momento, existia uma cumplicidade muito grande entre as mulheres. Sandra Belo, uma das principais articuladoras, assim se referiu a ele em sua entrevista:

Em 1987 o primeiro Encontro Estadual de Mulheres Negras, em Moquetá... foi um encontro que com muitas dificuldades conseguimos financiamento. Não existia ainda uma tendência, de y, x ou z. Esse Encontro foi convergente, foi a união das necessidades, das necessidades, do contato, do desejo de se organizar. A sua organização foi muito bonita. Claro que tinha divergência, mas não eram divergências de princípio. Era um momento de arregimentar... não se aprofundava nas diferenças ideológicas, e tal. O Primeiro Encontro Estadual de Mulheres Negras, para mim marcou no sentido de: "é necessário que as mulheres negras discutam suas espécies enquanto mulheres negras. E... para se contrapor do feminismo clássico e tradicional...."

Surgiram vários problemas financeiros e pessoais, mas existia algo interessante na falta de dinheiro, que era o compartilhar, o dividir, o sofrer juntas na estruturação de uma nova forma de organização de mulheres no Estado do Rio de Janeiro. Existia, ainda, a expectativa de que aquela era uma ação que daria muito o que falar - e deu!

O I Encontro Estadual de Mulheres Negras ocorreu em Moquetá, Nova Iguaçu, no ano de 1987. Neste momento ficou caracterizado que também não se conseguiria trabalhar com a diversidade de mulheres que compunha o Movimento. Esta diversidade não era apenas de funções; as

---

<sup>24</sup> Fundação Nacional de Bem Estar do Menor.

diferentes mulheres tinham também expectativas diversas e uma consciência feminista distinta em relação às organizações de mulheres. Ou seja, também entre as mulheres negras havia diferentes visões de mundo.

De acordo com Jurema Batista, tal fato desencadeou uma série de “choques” entre estas mulheres que, no seu entender, se deveram ao fato de que:

Como a gente é muito oprimido, não sei o que lá, muita gente não sabe muito o que fazer, não tem definido seus objetivos, aí começa um bater em choque com o outro. Tem espaço para caramba, para todo mundo aí, sabe? Tem espaço para cada um que goste de fazer determinadas coisas. Tem espaço, tem um tempo. E também como a gente foi muito tempo tolhido, aí parece que sobra pouco tempo, né? A vida não é tão grande assim, aí falta... tem pouco tempo para a gente fazer, as pessoas não tem diminuição do que quer fazer e acha que tem pouco tempo, aí mistura tudo, fica muito confuso na cabeça das pessoas. Fica peitando o outro.... Outra coisa que também percebo por conta da análise. E porquê eu acho que as pessoas deveriam fazer análise? Porque as são muito castradas, muito frustadas, têm muita inveja uma da outra., rola isso. Porque não consegue se realizar, acha que o outro o negro que está na frente. De é um impedimento, como ele acha que nego que tá na frente dele é um impedimento, ele começa a atacar aquele negro, ele ataca a pessoa errada.

Assim, hoje se percebe que neste início da estruturação nacional do Movimento de Mulheres Negras, deveria ter sido levada em conta a diversidade de mulheres envolvidas, diversidade esta que deveria ter

recebido um tratamento especial para que os objetivos pudessem ser alcançados com maior eficácia.

Um dos problemas ocorridos durante o I Encontro Estadual de Mulheres Negras foi a proibição da entrada de mulheres não negras. Isto causou constrangimento quando educadoras de uma escola comunitária foram impedidas de participar, o que gerou protestos. Nesta fase, ainda não estava claro que, independentemente da cor, as mulheres que estavam ali, queriam entender e discutir o que é ser mulher negra, uma vez que a maioria ou era moradora de favelas ou atuava com uma clientela composta basicamente de afro-brasileiras.

Outro fator que se verificou foi a insistência masculina em participar, pois os homens entendiam que o Movimento de Mulheres Negras era um prolongamento do Movimento Negro organizado. E isto foi muito desgastante, tanto para quem estava organizando, como para as demais participantes. Contudo, cabe registrar que houve homens solidários que, inclusive, ficaram responsáveis pela creche durante o I Encontro Estadual, permitindo que as mulheres com filhos participassem do evento.

Um dos temas que contou com a adesão de quase todas as participantes foi a oficina de sexualidade. Tal fato, ao nosso ver, demonstrou que esta bandeira, antes propriedade exclusiva do Feminismo

Tradicional estava sendo, agora, incorporada e valorizada pelas mulheres negras.

Tanto para a comissão organizadora do I Encontro Estadual de Mulheres Negras, quanto para as participantes foi possível ver na articulação regional a participação de um grande número de mulheres, o que, de certa forma, se repetiria no Encontro Nacional.

### *1988 — I Encontro Nacional de Mulheres Negras*

O sucesso do I Encontro Estadual de Mulheres Negras - 300 mulheres estiveram presentes - foi a força motriz para se criar a consciência de que o Encontro Nacional daria certo e seria um sucesso.

Neste momento, viu-se a necessidade de planejar as reuniões. Assim, o Fórum passou a acontecer em diferentes locais, visando incentivar a participação de um maior número de mulheres no Encontro Nacional. Das reuniões que ocorriam, muitas vezes nos bares, durante a primeira fase, passou-se a um momento no qual se inicia um planejamento destas reuniões. Entram em cena novas mulheres de diferentes pontos do Estado do Rio de Janeiro. Vânia, Malu, Lílian, Vanda, Lena, Helena e tantas outras. Sandra, assim se refere a este momento preparatório:

Foram feitas tantas coisas bonitas e significativas. Eu lembro que nós saímos daqui para um CIEP, em Jacarepagua, onde nós fomos apresentadas à bonequinha Abayomi, a primeira boneca sen linha e sem agulha, um trabalho de resgate. Nós íamos para Nova Iguaçu, Rocha Miranda com uma proposta comunitária, ..., uma proposta de base, de estar lá com as mulheres resgatando o seu saber, porque cada uma de nós sabemos fazer alguma coisa, mas nós temos que resgatar esse saber. Fazer desse saber, que nós sabemos, uma coisa para nos libertar.

De qualquer modo, caminhávamos por nossos próprios pés, fazendo reuniões onde morávamos: Cidade de Deus, Caxias, Andaraí, Morro dos Macacos, dos Cabritos, Niterói, entre outros lugares. Mulheres de diversos movimentos - de igrejas, bairros, favelas e tantos outros -, que haviam participado do I Encontro Estadual, procuravam a Comissão Organizadora do Encontro Nacional para ajudar a sensibilizar outras mulheres. Foi um momento de socialização do saber e entendimento do que é ser mulher negra. Foi um momento de festa, o momento da kizomba!

Deste modo, aconteceu de 02 a 04 de dezembro de 1988, em Valença/RJ, o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, contando com a participação de 453 mulheres. De acordo com dados contidos no Boletim Informativo n.º 06, de novembro de 1986, do NZINGA, assim de seu a organização deste Encontro:

*“Neste sentido, as divergências políticas - mais por questões de encaminhamento da própria organização - nos pareciam superáveis, na medida em que havia algo maior a ser realizado; O próprio ENCONTRO.*



*Ainda que a Comissão Executiva - as 14 mulheres responsáveis pela realização do ENCONTRO - tenha sido formada por representantes de vários setores do Movimento Social, trazendo cada uma a sua compreensão de como seria o evento, conseguimos manter uma certa unidade. Tanto é assim, que a nível nacional éramos conhecidas como o "grupo do Rio".*

O Rio de Janeiro teve um papel fundamental na organização do I Encontro Nacional. No entanto, mais uma vez problemas de ordem diversa impediram que registros, vídeos e fotos fossem concluídos, deixando uma lacuna no resgate completo do evento.

O movimento de mulheres negras passava por um momento de amadurecimento e começava discutir outros temas que lhe diziam respeito, como foi o caso das questões ambientais e de qualidade de vida.

1989 — *GAECO - Grupo de Ações Ecológicas em*

#### *Comunidades*

As reflexões sobre Ecologia no Movimento Negro se detinham na análise religiosa, comumente resgatando a relação com a natureza presente na maioria dos cultos afro-brasileiros, em especial o candomblé. O Grupo de Ações Ecológicas em Comunidades - GAECO, surgiu para

tentar ampliar esta visão sobre Ecologia, buscando desenvolver a Educação Ambiental junto à população afro-brasileira.

Outro dado interessante é que, quase sempre, quando o discurso ecológico ocorria no interior do movimento feminista priorizava-se a questão populacional ou a engenharia genética. A GAECO passou a apresentar um novo cenário ecológico, que chamava atenção para as valas de esgoto a céu aberto, a falta de água encanada, pavimentação, alimentação, educação e moradia que causaram a inúmeras pessoas os piores agravos ambientais. O Grupo denunciava, ainda, que o consumo no mundo, responsável por inúmeros problemas ecológicos, não era liderado pelos países pobres, mas sim pelos países ricos e brancos, como é o caso dos EUA e Europa.

A GAECO nasce, na verdade, dentro do Programa de Assentamentos e Reassentamentos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SMDS/RJ. O grupo inicial organizava debates e oficinas junto às famílias oriundas das áreas que sofreram deslizamentos nas chuvas de 1988.

A entidade buscava, no enfoque social e humano, a constatação da injustiça ambiental, uma vez que um número considerável de negros e negras ocupam locais insalubres, nas comunidades faveladas, túneis, marquises ou bancos de praças sem cerca. Seus participantes avançavam, ainda, na concepção de que a mulher não deveria discutir apenas a

questão populacional relacionada ao ambiente, mas deve, sim, “ir além do útero” em sua avaliação ecológica.

Visando articular questões relacionadas às mulheres negras, a GAECO criou um Boletim Informativo para divulgar suas idéias. As ações priorizadas pela entidade foram direcionadas, inicialmente, para adolescentes das favelas do Cantagalo, Candelária, Andaraí e Rocinha. No Morro do Andaraí, por exemplo, foram realizadas caminhadas para verificação do ambiente. Na Rocinha, que funcionava como sede provisória, foi realizado um curso para os moradores, que enfatizava que a existência das áreas pobres é decorrência do modelo de desenvolvimento econômico que extrai recursos naturais de forma irracional, favorecendo o *acúmulo de riqueza* nas mãos de poucas pessoas e a miséria e fome, na vida da maioria da população mundial.

No período que precedeu a II Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO/92, foram realizados diversos Fóruns que articulavam mulher negra e ecologia, possibilitando a participação do Grupo na Conferência Paralela, como uma das entidades organizadoras do Rio de Janeiro.

No Fórum Global/92 foi possível consolidar mundialmente a percepção de que a Ecologia e a luta Ecológica não devem se limitar à defesa das baleias, do mico-leão-dourado ou da Floresta Amazônica. As

ações desenvolvidas pelos seres humanos, em diferentes momentos, na busca de uma melhoria da qualidade de vida constituem o exercício da cidadania ecológica. E o Movimento Negro participou ativamente dessas discussões. Vale lembrar aqui três importantes atividades desenvolvidas pelo ECOAFRO: A TRIBUNA CONTRA O RACISMO, que ocorreu no Hotel Glória; a elaboração do TRATADO CONTRA O RACISMO, documento com quinze itens denunciando e apontando soluções para a situação ambiental vivida pelos descendentes africanos em todo o Planeta; e o Denúnciatro “A ECOLOGIA ALÉM DO ÚTERO”, que abordava a situação ambiental vivida por várias mulheres negras, nas comunidades faveladas.

Todas as ações desenvolvidas pela GAECO foram incorporadas pela entidade E’LÉÉKÒ, que será vista mais adiante. Destas ações, destacam-se a participação no Terra e Democracia, organizado pelo IBASE no mesmo ano, e a organização de inúmeras oficinas nos assentamentos e nas favelas do Cantagalo e Candelária.

Nesta fase, outros temas já prendiam a atenção das mulheres negras, como é o caso da esterilização que veremos a seguir.

1990 — Programa de Mulheres do CEAP<sup>25</sup> - Fórum Contra a  
*Esterilização em Massa*

Com as discussões avançando na direção de diversificar a temática relativa à mulher negra, instala-se, no dia 19 de novembro de 1990, no Sindicato dos Engenheiros, o Fórum Contra a Esterilização em Massa.

Mulheres e homens, negros e brancos, liderados pela médica Jurema Werneck, então membro do Programa de Mulheres do CEAP, e uma de nossas entrevistadas, discutiam as implicações sobre a população negra da disseminação da esterilização como “método contraceptivo”.

A função - bem cumprida - desta campanha levou o poder legislativo a elaborar um diagnóstico da situação no Brasil, além de esclarecer a população acerca da irreversibilidade da cirurgia.

Talvez uma das questões que deixou de ser discutida nesta campanha foi a da sexualidade e controle de natalidade, que se encontra na seguinte reflexão de Vânia Santana:

---

<sup>25</sup> Centro de Apoio às Populações Marginalizadas

O grande problema desta campanha foi a falta da discussão da sexualidade. Pois, se for para a mulherada continuar parindo do jeito que está parindo e depois continuar ter todas as crianças, ter toda a responsabilidade e ter toda a dor de cabeça... eu estou fora! E aí que está a história, a coisa que mais dói é você encontrar uma mulher que nos diz "eu já tive todas as crianças que eu queria e os que eu não queria.

Independentemente de não abordar a questão da sexualidade, a campanha foi oportuna, pois constituiu o primeiro momento em que mulheres negras lideravam uma bandeira definida, contando inclusive com a parceria das mulheres brancas e dos homens. De certa forma, este Fórum contribuiu para reforçar as ações do Fórum de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, que veremos no próximo ponto.

### *1991 - A consolidação do Fórum Itinerante e o II Encontro Nacional de Mulheres Negras*

As ações do Fórum de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, como já vimos anteriormente, se iniciaram em 1987, porém sua consolidação só vai se dar em 1990, com o nome de Fórum Itinerante de Mulheres Negras. Este vai tentar motivar um grande número de mulheres a participar do II

Encontro Nacional de Mulheres Negras e amadurecer as questões que foram apresentadas e levantadas durante a ECO/92.

Criou-se, nesta fase, o Boletim Informativo MULHERES NEGRAS EM MOVIMENTO, com o apoio do CEAP - Centro de Apoio às Populações Marginalizadas - e da VIII Região Administrativa do Rio de Janeiro.

O Fórum começa a exercer um papel de formação política, reflexão e denúncia. Como exemplo, no Boletim de jun./jul./91 foi denunciada a agressão sofrida por uma yalorixá<sup>26</sup>, na porta do IPCN, pelo ativista negro Jairo Pereira dos Santos. O Fórum assume o papel de ser a voz da mulher negra, silenciada pela violência cotidiana.

Por ocasião da vinda de Winnie e Nelson Mandela ao Brasil, em 1991, mais uma vez o Fórum assume papel importante e elabora um documento sobre a situação da mulher negra no país, que foi entregue à Winnie Mandela, juntamente com sugestões de cooperação nas áreas de educação, cultura, ciência e tecnologia.

Se por um lado era mais cômodo organizar as atividades do Fórum, naquele momento, usando a estrutura do Programa de Mulheres do CEAP, por outro, este fato constituiu um grande problema, uma vez que as

---

<sup>26</sup> Em Nagô significa a "mãe" dos òrisà. Segundo Eubein dos Santos (1984:43) é a sacerdotisa suprema do "terreiro", possuindo os maiores conhecimentos e experiência ritual e mística. Ela recebe e herda toda a força material e espiritual que possui o "terreiro" desde a sua fundação. Ela também é responsável pela guarda de templos, altares, ornamentos e de todos os objetos sagrados.

funções e atribuições de cada um deles não haviam sido discutidas e incorporadas pelas participantes, o que levou a uma confusão dos papéis. Isto porque, enquanto entidade ampla, o Fórum era composto por diferentes mulheres negras e as ações do Programa de Mulheres do CEAP acabaram, muitas vezes, por se misturar com as ações do Fórum. Faltou o delineamento do perfil do Fórum e o estabelecimento de sua relação com esta entidade. Faltou também independência e autonomia ao Fórum e, sem estas duas prerrogativas, nenhuma entidade sobrevive de forma desejável.

Mais lamentável ainda, foi a crise das lideranças, causada pela tensão existente entre as mulheres organizadas em entidades fortes, e as autônomas, ou pertencentes a entidades fracas. Além disso, Jurema Werneck apresenta uma importante reflexão:

E as pessoas não confiam em ONGs, não tem certeza para que servem, desconfiam das pessoas que trabalham para as ONGs, por que são remuneradas. Não que as pessoas dos grupos não recebam também esse mesmo dinheiro que vai para as ONGs, mas que as ONGs são mais explícitas, por que afinal, o movimento existe e o movimento movimenta dinheiro também, a gente não pode fingir que o dinheiro que entra no movimento entra pelas mãos das ONGs ...

Certamente este é um outro tema que merece estudos profundos, a relação do movimento de mulheres negras com as ONGs. No entanto, apesar de toda desconfiança existente em relação às ONGs, isto não



impediu novos avanços e nem que novas mulheres se entregassem à causa.

Esta fase foi marcada pelo aprofundamento das questões ligadas à especificidade da mulher negra. O GAECO-MUNEMA - Grupo de Ações Ecológicas em Comunidades -, como já falamos anteriormente, trouxe para o movimento a discussão sobre ambiente e ecologia, realizando Fóruns sobre Mulher Negra e Ecologia<sup>27</sup> e o curso de capacitação em Educação Ambiental para mulheres lideranças em suas comunidades.

O II Encontro Nacional exprimiu a diversidade de concepções políticas através das inúmeras oficinas que lá ocorreram. Mas, também se chegou a conclusão, neste Encontro, que era uma utopia a unidade nacional de mulheres negras. Muita briga, muita rivalidade surgiu entre Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Ribeiro (1995):

*Este Encontro permitiu o aprofundamento e o fortalecimento de discussões iniciadas no I ENMN e a avaliação dos trabalhos. Mais uma vez os debates foram intensos, demonstrando as diversas concepções políticas (p.: 452)*

Estas diversas concepções políticas, mal trabalhadas, acabaram por prejudicar o andamento do movimento. E mais, os problemas que

---

<sup>27</sup> Este Fórum ocorria com as mulheres negras do fórum de Mulheres do Rio de Janeiro, visando discutir as questões relacionadas com o ambiente, uma vez que é comum somente falar de ecologia-negro, articulando com a religião, o candomblé (Ver Lemos:1995.mimeografado).

ocorreram em âmbito nacional interferiram nas ações do Estado. Assim, o que foi vivido na Colônia do SESC influenciou o Fórum do Rio de Janeiro.

1992 — *Fórum Global das ONGs - ECO/92 e Fundação da ONG*

### *CRIOCA*

Durante a ECO/92, algumas mulheres negras participaram da elaboração do Tratado Contra o Racismo, enquanto outras colaboraram no de Populações, do Planeta Fêmea.

As ações do Movimento Negro foram centralizadas no IPCN, tendo Januário Garcia como articulador do ECOAFRO, que organizou debates e diversas atividades culturais relacionando Ambiente, Ecologia e População Afro-Brasileira.

Ainda buscando demarcar a denúncia sobre a situação vivida pelas mulheres negras, as participantes da GAECO, ao lado de outras mulheres, organizaram um painel em que constavam algumas situações de racismo ambiental a que elas estavam submetidas e participaram, vestidas com roupas pretas, da tenda armada na praia do Leme, para a vigília que lá ocorreu durante a Conferência.

Foram realizadas ainda, reuniões que apresentaram sugestões que foram incorporadas ao Tratado Contra o Racismo. As mulheres negras, através do Grupo CRIOLA - entidade de mulheres negras que se organizou neste período (setembro de 1992)-, participaram ativamente destas reuniões.

O Fórum de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, passou a desenvolver suas ações no espaço físico da Criola, realizando diversas oficinas em vários pontos do Estado do Rio de Janeiro. A meta era formar e atualizar as mulheres negras, de diversas comunidades, de modo a que elas pudessem buscar a melhoria da qualidade de vida da população local. Este período foi vivido intensamente por Geni de Oliveira e Jurema Werneck.

Podemos concluir que este momento apresentou muitos pontos positivos, como a multiplicação da militância a nível tanto individual quanto coletivo, devido à criação de entidades novas. Contudo, nossa incapacidade de trabalhar com a diversidade permaneceu.

1993 — *II Encontro Estadual e I Seminário Nacional de Mulheres*

*Negras*

O II Encontro Estadual de Mulheres Negras<sup>28</sup> ocorreu nos dias 5, 6 e 7 de novembro, em Miguel Pereira, contando com a presença de 130 mulheres, provenientes de 10 cidades. Os temas debatidos foram mais diversificados do que os do I ENMN, destacando-se aqueles que diziam respeito à saúde e organização política.

A foto abaixo, de Vera Neri, registra mais um momento de organização das mulheres negras no Rio de Janeiro



<sup>28</sup> Ao nos referirmos a esta articulação política, a partir deste momento, faremos uso, apenas, de sua sigla ENMN.

O I Seminário Nacional de Mulheres Negras aconteceu entre os dias 12 e 15 de novembro de 1993, em Atibaia, São Paulo. Segundo dados do relatório elaborado pelo Fórum de Mulheres Negras de São Paulo, estiveram presentes 48 mulheres, de 9 estados do Brasil.

O que nos fez mencionar este Seminário foi a sua reflexão sobre os Encontros Nacionais de Mulheres Negras, o que, de certa forma, é o reflexo das situações vividas pelas mulheres em seus estados. O relatório deste Seminário aponta para a necessidade de se investir no aumento de confiança entre as mulheres dos diferentes grupos, entidades ou as independentes, a fim de se evitar conflitos nas suas relações pessoais e políticas. Segundo este documento, a militância do MMN deve investir em “socialização de experiências, pesquisas, reflexões, assim como devem constituir em momentos de dar maior visibilidade à nossa força política”. Jurema Werneck apresenta a seguinte reflexão oriunda de sua participação no I Seminário Nacional, ocorrido em Atibaia/SP, no ano de 1993 sobre a falta de formação política que acompanha e atrapalha o movimento de mulheres negras:

Acho que o movimento não sabe muita coisa...uma coisa que me incomoda no movimento de mulheres negras, não é o não saber desafiante, aquele não saber de querer saber, de quem está querendo aprender, mas sim, o não saber do ignorante, que é daquelas pessoas tacanhas.

Para Jurema, as pessoas

perderam a dimensão da importância do sonho, o mundo só é esse mundo por que alguém sonhou muitas coisas a respeito dele, entendeu essas coisas assim? As pessoas vão lá e ficam nessa coisa e cadê o conteúdo?

Diante da falta de conteúdo, a reflexão e a ação não ocorrem, uma vez que faltam elementos essenciais para a tomada de decisão. Esta incapacidade gera um impasse difícil de ser entendido, como apontado por Jurema:

Agora nessa hora de tanto impasse, a reflexão poderia ter facilitado para entender que os impasses são parte do processo de crescimento, tem que estar buscando novas formas, mas não, não refletiu sobre isso, não refletiu sobre essas coisas todas e eu acho que isso contribuiu para afastar. mas de qualquer forma teve outra coisa que muito ajudou a afastar, foram as porradas, o discurso ético sempre incomodou também o movimento e mulheres negras, o Fórum do Rio de Janeiro com esse discurso ético, com essa proposta ética de uma ética onde as pessoas se incluíram na medida de sua necessidade, ou seja a diversidade sendo aceita, a ética que aceita o outro, que é uma ética até hoje bastante difícil de se assimilar.

Durante o II Seminário Nacional, pode-se registrar nas emoções das mulheres que dele participaram, uma dificuldade diante dos conflitos pessoais. Além disso, faltou a elas uma visão organizacional do Movimento de Mulheres Negras em âmbito nacional e regional. Jurema faz a seguinte afirmação a esse respeito:

a raiva foi distribuída, quer dizer essa raiva que eu trouxe das porradas que eu levei eu vou dar para você,

então eu fiquei com raiva de não sei quem, não sei quem com raiva de não sei quem. Só que era dentro de casa, e nós na verdade, nossa raiva não era ali que começava, na verdade diante daquelas porradas todas, o Fórum foi bastante coeso, se não refletiu, percebeu que, o que estava propondo era uma outra ética, estava propondo uma ética que não estava sendo aceita e bombardeado por uma outra ética bastante selvagem - selvagem não é uma palavra boa, não (muitos risos) - mas é cruel de qualquer forma, essa coisa muito violenta, (...) o critério era a derrubada do inimigo, matar ou morrer.

Neste momento, estava definido que, pelo fato de serem negras, as mulheres do Fórum do Rio de Janeiro não eram iguais e não percebiam e nem viam o movimento de forma igual. Na verdade, ao buscar a especificidade idealizada deparou-se com a diversidade que, se por um lado, enriquece as relações humanas, por outro, pode tornar impossível a construção de um momento conjunto.

#### *1994 — Fórum Itinerante e II Seminário Nacional de Mulheres*

##### *Negras*

No ano de 1994, o grupo CRIOLA organizou o Fórum com oficinas itinerantes que tratavam de questões relacionadas à saúde e cidadania da Mulher Negra. Estas oficinas receberam financiamento para proporcionar um espaço de reflexão para as mulheres negras.

Ainda neste ano evidencio-se o desgaste da relação entre algumas militantes negras, que culminou numa crise durante a realização do II Seminário Nacional de Mulheres Negras, de 09 a 11 de setembro de 1994, em Salvador.

O Fórum do Rio de Janeiro havia escolhido as delegadas que deveriam participar, como representantes Rio de Janeiro, deste Seminário, porém uma militante resolveu ir, desconsiderando a indicação do coletivo.

Para Jurema Werneck, esta situação foi causada por uma visão diferenciada sobre a questão da ética que sempre fôra uma prerrogativa do Fórum do Rio de Janeiro:

Eu acho que não havia um racha no Fórum do Rio, tinha dissidências, que não era um racha. Tinha discordância, na verdade tinha discordância em relação à uma representante, que não foi eleita, e porque não foi eleita como representante? Apenas porque não estava no processo, ela considerou o cargo vitalício, então não precisava ir à reunião, não precisava mandar palpites, não precisava mandar informes, não precisava nada! Ela existia na sua graça, então ela podia automaticamente estar indo. O Fórum convocou com cartas, aquelas coisas todas, quem foi, quem não foi se discutiu critérios. As pessoas elegeram critérios para participar. Um dos critérios importantes era estar acompanhando a evolução do Fórum, era um critério razoável. Uma única pessoa que se considerava vitalícia discordou e articulou por fora e serviu... acho que ela não foi na intenção do racha, ela foi na intenção de estar presente por considerar o cargo um direito seu e por conta dessas necessidades de ONGs, né? Esse negócio que tem que tá lá. Ela foi só com este intuito, mas só que tinham outros interesses e se apropriaram



do caso dela e transformaram aquilo na munição necessária para bombardear o discurso ético do Fórum do Rio de Janeiro. E ela não foi...não houve um racha aqui, acho que aqui tinham brigas pessoais, tinham desentendimentos pessoais, desconfianças pessoais, mais não havia um racha no Fórum. A volta depois daquela confusão toda...o racha...não foi um racha, eu acho, foi um desencanto, uma raiva não trabalhada. Porque as pessoas não forma mais à uma reunião do Fórum? Aquelas coisas assim: "Ah, eu não gosto de não sei quem, não gosto de não sei quem...". Ora, isso não é racha, racha é uma decisão política, eu vou romper com essa tendência. Não foi isso, não tem na da de racha, foi mesmo questão emocional. Um emocional não trabalhado, pois a raiva que se trouxe não foi uma raiva das companheiras, a raiva era o bombardeio, uma puta uma sacanagem, uma coisa horrível, se cassar direito a voz, se cassar o direito a tudo. Não se teve direito a nada, foi uma das piores coisas que eu já vi na vida. E o que veio aqui foi esta emoção mal trabalhada, então quando a gente tem essa raiva a gente vai passando adiante, acho que isso é que dá até hoje.

Assim, um problema de representação do Fórum de Mulheres Negras do Rio de Janeiro extrapolou as fronteiras do estado e contribui para que passássemos a nos questionar sobre o tipo de poder que queríamos implementar em nossa militância: um poder que baseado no senso comum masculino, que busca oprimir para reinar, ou um poder que procura estabelecer parcerias visando à melhoria da qualidade de vida das mulheres negras? Esta questão será tratada no último capítulo desta dissertação.

## 1995 — BEIJING

Quando, no ano de 1985, Lélia González foi à Naerobi representando o NZINGA, parte do grupo não entendeu o significado daquele ato. Só dez anos depois é que foi possível ver a importância deste evento, que reúne mulheres do mundo inteiro na busca de ações e troca de experiências que possibilitem a melhoria da qualidade de vida das mulheres.

Em 1995 houve uma articulação de várias mulheres negras, em suas ONGs, sindicatos e associações, para enviar representantes ao Encontro de Bejing. Glória de Oliveira esteve presente através da União de Servidores Públicos, Jurema Batista, foi enviada pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, Vânia Santana, pela FASE e Benedita da Silva, pelo Senado Federal. Todas participaram da Conferência Oficial. Essas mulheres e tantas outras que lá puderam comparecer, tiveram oportunidade de trocar suas experiências e articular atividades dignificadoras das mulheres negras.

De acordo com Ribeiro (1995),

*Na IV Conferência Mundial sobre a Mulher a intervenção das mulheres negras possibilitou ampliar a discussão sobre a questão racial em nível mundial. Explicitou-se que o racismo manifesta-se com mais ou menos intensidade em todas as sociedades, hierarquizando a relação entre as raças, privilegiando a raça branca em detrimento das demais.*

*Considerou-se que o racismo não está circunscrito a uma região ou cultura; é um fator determinante da exclusão social.*

*Embora com muitas tensões nesses debates, a questão racial negra teve grande visibilidade, envolvendo feministas brancas e negras, no convencimento da necessidade de inclusão de propostas na Declaração oficial, visando o desmascaramento do racismo e a definição de uma plataforma de ação que tenha por base a conquista de plena cidadania a todos os povos (p.: 456)*

Nota-se um amadurecimento, tanto das mulheres negras, quanto das brancas, mesmo quando Matilde Ribeiro acentua as tensões e brigas ocorridas até a elaboração final do documento. O certo é que o texto final deu - mais uma vez - visibilidade à mulher negra. Como um desdobramento desta Conferência, houve a rearticulação da Rede de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, fundada em 1991, na Argentina, durante o 6º Encontro Feminista.

1996 — *E'LEÉKÒ e Rede Latino Americana e do Caribe de Mulheres Negras*

Este é um ano de bastante fartura para o Movimento de Mulheres Negras. Em 24 de abril é criada a E'LEÉKÒ, que trata das questões de Gênero, Desenvolvimento e Cidadania. Esta entidade tem como meta o

desenvolvimento de pesquisas e projetos voltados para a melhoria das condições de vida das mulheres e adolescentes das áreas pobres de Niterói. Com sede no Espaço UFF de Ciências, ela procura, através do Projeto Etnociências, articular conteúdos do currículo escolar às diferentes etnia, buscando a valorização das culturas que são consideradas inferiores, como é o caso da negra e indígena.

Ainda em período de formação de seus quadros, esta entidade busca, através da realização de seminários e pesquisas, contribuir para a formação de militantes para o movimento de mulheres negras, sempre em eventos com a parceria dos demais segmentos do Movimento Negro e de Mulheres Negras.

Neste ano, as mulheres negras enfrentam mais um desafio, que é o da busca de uma nova forma de estar neste feminismo. Quando Jurema Werneck aponta para uma rediscussão da ética dentro do MMN, percebe-se não só a urgência dessa reestruturação como também a necessidade de se resgatar o trabalho de construção deste movimento que caminha para a maioria - vamos completar 20 anos! É preciso encontrar uma forma de garantir a continuidade da luta e o empenho das mulheres que ainda estão entre nós, assim como de outras que morreram com a esperança de ter garantida para a mulher negra a sua cidadania plena, como é o caso de Lélia Gonzàlez, falecida no ano de 1994.

Neste sentido, acreditamos que a concretização da Rede de Mulheres Negras Latino Americanas e do Caribe deve ter como objetivo central a consolidação dos sonhos de todas as mulheres negras. Como bem adverte Jurema Werneck, no entanto, é preciso esquecer questões pessoais e buscar o interesse coletivo:

É uma preocupação com a forma, anterior ao conteúdo. (...) essa ansiedade que tem acontecer alguma coisa, e o conteúdo é muito mais difícil e as pessoas estão inseguras, então a forma é muito mais rápida. Então diz-se que terá que ser uma comissão aí se encaixa lá. Vai ficar a tarefa de novo... a via tarefaira é muito mais fácil. A segunda, são razões pessoais, das pessoas estão preocupadas com a forma, porque é uma forma que lhe encaixa num cargo de representação, ou seja ... e aí não é uma questão do conteúdo do movimento, da ética do movimento, são questões pessoais mesmo. Essas pessoas tem recurso, tem acesso aos recursos para mobilizar uma cidade para discutir um interesse pessoal seu. Tenho certeza nesse momento, referendar uma pessoa que se auto indicou para representante da Rede de Mulheres Negras, não é um interesse coletivo.

E é com este sentimento em torno dos interesses coletivos que concluímos este capítulo, que teve o compromisso de trazer dados e vivências destas mulheres no processo de construção do Feminismo Negro, que será o nosso próximo ponto de discussão.

## **CAPÍTULO IV— A FACE NEGRA DO FEMINISMO: problemas e perspectivas**

Se a gente souber exatamente qual é o conteúdo desse movimento, a gente vai acabar dando um jeito nele, na cara que ele se apresenta. Mas, a preocupação com a forma tem duas razões, eu acho. Uma é porque essa ansiedade que tem acontecer alguma coisa, e o conteúdo é muito mais difícil e as pessoas estão inseguras, então a forma é muito mais rápida. A segunda são razões pessoais, das pessoas estão preocupadas com a forma, porque é uma forma que lhe encaixa num cargo e representação, ou seja ...e aí não é uma questão do conteúdo do movimento, da ética do movimento, são questões pessoais mesmo (Jurema Werneck).

Ao iniciar este capítulo com o que Jurema Werneck define como o grande desafio do Movimento de Mulheres Negras na atualidade - que é a preocupação com o conteúdo, ou seja, com as questões importantes para as mulheres negras -, estamos tentando caminhar em busca do aprofundamento de alguns conceitos importante para a organização do Feminismo Negro.

A terminologia Feminismo Negro é recente, porém as ações de mulheres negras podem ser referenciadas a algumas atitudes por elas empreendidas em determinados momentos da história da construção do Brasil.

No período da escravidão, por exemplo, as mulheres negras deixavam seus filhos na Roda<sup>29</sup>, o que, para a pesquisadora Sônia Giacomini (1996), demonstra uma forma de resistência da mulher negra, já que, recorrendo à Roda, elas estariam livrando a criança da escravidão<sup>30</sup>.

Outra forma de resistência foi a criação das Irmandades<sup>31</sup>, que funcionavam como amortecedor de choques para os negros “livres” que estavam em condições de miséria e se encontravam totalmente largados numa sociedade que não lhe oferecia espaço para o exercício de sua

---

<sup>29</sup> A Roda era, segundo Gonçalves (1987) um: “aparelho, em geral de madeira, do formato de um cilindro, com um dos lados vazado, assentado num eixo que produzia um movimento rotativo, anexo a um cilindro de menores. A utilização desse tipo de engrenagem permitia o ocultamento daquele (a) que abandonava. A pessoa que levava e “lançava” a criança na Roda não estabelecia nenhuma espécie de contato com quem a recolhia do lado de dentro do estabelecimento. A manutenção do segredo sobre a origem da criança resultava na relação promovida pelo abandono de crianças e amores ilícitos. ... Casas dos Expostos, Depósito dos Expostos e Casa da Roda eram designações correntes no Brasil para os asilos de menores abandonados. (p.: 38).

<sup>30</sup> Tal referência foi feita pela pesquisadora Sônia durante o Seminário Mulher Negra Hoje, realizado pela ONG CRIOLA, em 09 de novembro/96, no Hotel Ambassador, Centro/RJ.

<sup>31</sup> As Irmandades eram aglomerações religiosas de negros, que além de servir como referência cultural e social para os negros no período da escravidão, também apresentavam planos de compra de alforria. As Irmandades de Santa Ifigênia foram várias e, segundo historiadores, vários escravos foram resgatados com fundos sociais ligados a ela.

cidadania. Assim, tais Irmandades exerceram um papel de aglutinação, oferecendo um referencial cultural para os que se encontravam abandonados pelo sistema, “fazendo com que cada um se sentisse igual entre “os seus ”” (Moura, 1995).

Além de oferecer serviços sociais ausentes na política do estado, as Irmandades contribuíram também para alicerçar o aparecimento das primeiras instituições urbanas autônomas de negros, que centrarão suas ações na busca da liberdade dos escravizados (Moura,1995:37-38).

Após a promulgação da Lei da Abolição dos escravos, algumas mulheres negras passaram a organizar reuniões com os negros libertos, em que se valorizava e incentivava aspectos da cultura negra. Foi assim, que no Rio de Janeiro negras baianas, como Tia Ciata, deram a estes “libertos” uma alternativa social e cultural, e contribuíram para o aparecimento do samba na Praça Onze<sup>32</sup>.

No ano de 1950, como assinalamos anteriormente, foi criado o I Conselho Nacional da Mulher Negra, o que, de certa forma, pode ser traduzido como mais um passo na organização de um pensamento que une a etnia, e agora, também o gênero feminino.

---

<sup>32</sup> Ver Moura (1995)



Na atualidade, vimos, no decorrer desta dissertação, que durante a década de 80 diversos grupos e organizações de mulheres negras surgiram, apresentando uma alternativa ao feminismo, mais abrangente, já que diziam respeito a todas as mulheres, independentemente de sua origem étnica e social.

Ao longo deste capítulo, no entanto, nos deteremos na investigação de como as mulheres por nós entrevistadas perceberam o processo de nascimento ou renascimento, deste novo tipo de articulação política, o Feminismo Negro. Procuraremos observar suas definições do Movimento, como elas vêem suas principais bandeiras e as perspectivas de afirmação em nossa sociedade.

### *1 — o Feminismo Negro em construção*

Ué, existe feminismo negro? Feminismo é a forma de ver o mundo, não é negro nem branco: é feminismo. O que é ser feminista? É estar na sociedade, brigar pelo espaço da mulher, brigar pela solidariedade, ser fraterna, solidária. Essas coisas que os homens não fizeram até hoje. Isto para mim não tem outro nome, senão feminismo. (Jurema Batista)

Iniciar este tópico com a indagação e surpresa de Jurema Batista acerca do termo Feminismo Negro é muito significativo, uma vez que, como vimos no Capítulo III, a concepção de feminismo introduzida no Brasil - parece que foi no mundo todo -, em seu momento inicial, não discutia a questão das diferentes mulheres, e considerava que o fato de se discutir as especificidades de grupos distintos de mulheres - por sua classe social ou grupo étnico, por exemplo - poderia levar à divisão do feminismo. González (1982) assim se refere a um dos problemas deste feminismo:

*as categorias utilizadas são exatamente aquelas que neutralizam o problema da discriminação racial e, conseqüentemente, o do confinamento a que a comunidade negra está reduzida (p.:100).*

Este problema, como assinalamos anteriormente, levou ao surgimento de diversos tipos de tensão que acabaram por eclodir durante o Encontro de Garanhuns. Ao reagir à tentativa de homogeneização idealizada pelas feministas, no entanto, foi possível, para as mulheres negras, organizar o que estamos chamando aqui de Feminismo Negro. Elas explicitaram as diferenças entre as mulheres brancas e negras, que não eram contempladas no Feminismo Tradicional.

De acordo com Jurema Werneck,

A principal diferença entre o feminismo negro e o feminismo não negro, que é o branco que a gente fala, não?. Primeiro é esse: que é o feminismo negro e

chamando o outro de branco, é o discurso racial que está em questão. No feminismo original não tinha diferenças palpáveis, de classe social, de raça. Só existia a questão de gênero. Não encarou de frente esses conflitos que existiam por essas diferenças, então o discurso racial, o Feminismo Negro, encarna o discurso racial. É um feminismo que fala dessa coisa de ser mulher negra, acho que isto é principal diferença, quer dizer, que define todo o resto. E a inserção da negra, no mundo, na sociedade brasileira, vai provocar todas as outras diferenças subsequentes.

Assim, ao dar ênfase ao fato de que mulheres de etnias distintas são diferentes e que lutas e bandeiras distintas devem ser implementadas, o Feminismo Negro possibilitou a discussão do racismo no seio feminista o que, segundo González (1982), não vinha sendo contemplado porque:

*“as representações sociais manipuladas pelo racismo cultural também estão internalizadas por um setor que, também discriminado, não se apercebe que, no seu próprio discurso, estão presentes mecanismos da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial” (p.: 100)*

No entanto, a crença de que a questão maior da mulher era a da sua relação de opressão enquanto gênero feminino levou algumas feministas a considerar o nascimento do Feminismo Negro como uma oposição e não como uma forma de mostrar uma sociedade múltipla etnicamente.

Para Jurema Werneck, o surgimento desse Feminismo Negro, aponta para o fato de que:

... não apenas há uma diferença de raça, mas há um racismo subsequente à isso e descreve também as feministas originais, como portadoras do discurso racista. No momento em que não conseguiram encarar essa diferença e também na convivência do dia a dia, ou seja, na convivência entre negras e brancas, o racismo estava explícito, ainda que as feministas pregassem uma outra solidariedade, essas coisas todas. Essa diferença do discurso da existência do racismo, identificando nesse caso o racismo do lado de fora de si, na sociedade, no movimento feminista e nos outros movimentos todos, traz o movimento feminista negro... o desenvolvimento dessa coisa do cunho racial, ou seja, traz o discurso racial e identifica o discurso racista no outro.

Nossa principal pergunta aqui é: quais foram os motivos que levaram à formação deste Feminismo Negro? Poderíamos ousar dizer que o primeiro motivo encontra raízes quando as mulheres negras, que estavam direta ou indiretamente inseridas no feminismo quiseram de fato exercer o poder de se representar, iniciando uma série de questionamentos e de intervenções. O segundo, diz respeito ao fato de que a demarcação deste novo território de auto representação levou estas mulheres a agir de forma a afirmar e confirmar as diferenças étnicas, com constantes denúncias do racismo na sociedade, como foi visto no Capítulo II. A aparente ordem, antes estabelecida, foi perturbada, gerando a necessidade não só de um debate aberto, mas do nascimento de uma nova organização.

Assim, as opções deste feminismo em construção foram explicitar a opressão vivida pelas mulheres negras devido a ideologia racista

incorporada nas relações sociais, que a considerava inferior. Além disso, o fato da maioria das mulheres negras pertencer às classes mais exploradas economicamente, como já assinalado anteriormente, também denunciava as relações de classe estabelecidas na sociedade. Para Sandra Bello acredita que

quando nós nos organizamos, nós quebramos com a hegemonia do Movimento, desse Movimento que eu não chamo de clássico, mas eurocêntrico... de um feminismo importado. É um feminismo importado que nós não estamos dentro dele, nós mulheres negras. Estamos se estivemos caladas, aceitando a posição de submissão. Mas na medida que a gente começa a intervir e a apontar contradições, aí começa ainda na fase do ataque e defesa, ataque e defesa. Ainda não temos uma abertura para discutir as contradições.

Sandra Bello, assim, aponta para um dos grandes problemas vividos por esse feminismo que ela clamou de eurocêntrico: por não representar a mulher negra, ele desqualificava as tensões sociais ligadas às questões de etnia e classe social. Parecia que todas as mulheres eram iguais. Por outro lado, à medida que as mulheres negras começam a tomar consciência de sua exploração na sociedade, passando a denunciar o racismo nele latente, novas tensões surgem, ou, como bem nos fala Sandra, “à medida que a gente começa a intervir e a apontar as contradições, aí começa a fase do ataque e da defesa...”.

Acreditamos que as mulheres negras optaram muito mais pelo ataque do que pela defesa. Este ataque estava baseado na valorização de sua cultura. Uma vez que era importado, e trazia valores e atitudes européias e norte-americanas, o Feminismo Tradicional foi pouco atraente para a maioria das mulheres negras. Entretanto, não devemos nos esquecer da importância que este Feminismo teve para algumas mulheres negras que dele participaram. A partir de sua inserção no Feminismo Tradicional, elas puderam melhor se perceber enquanto mulher, e passaram a estudar o novo espaço de poder, visando um maior conhecimento para agir com mais segurança e sabedoria.

Na sua ação, no entanto, em nenhum momento deveria ser esquecida a sua realidade e o racismo que enfrentavam no dia a dia. Como afirma Pedrina de Deus (1983), a mulher negra *“já cresceu numa situação de desvantagem em relação à qualquer outro membro da sociedade (p.:172)*. Talvez as feministas brancas não fossem contrárias às organizações de mulheres negras que começaram a aparecer no Rio de Janeiro. O que elas não queriam - ou não estavam preparadas para fazer - era discutir o racismo e dividir o poder.

Informações contidas nos anais do 8º Encontro Nacional Feminista revelam um dado interessante, quando comparadas com as do II Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, ocorrido um ano antes: das 74

oficinas realizadas durante o primeiro, apenas uma contemplou a temática do racismo e outra articulou mulher negra e esterilização, enquanto que, no segundo, duas oficinas sobre racismo foram realizadas.

Corroboramos aqui, no entanto, com Azeredo (1991) que critica a forma de organização dos Seminários e Encontros sobre Gênero, que reserva para a mulher negra apenas a discussão sobre etnia. Isto faz parecer que o racismo só diz respeito à mulher negra, e não à sociedade como um todo. Se o feminismo fosse realmente, como Jurema Batista, apontou, uma postura política de vida, não sendo branco nem negro, tais questões certamente seriam trabalhadas por todas as mulheres, independentemente de sua etnia.

Esta falta de incorporação da discussão do racismo no Feminismo Tradicional ainda persiste nos dias atuais. Em recente reunião do CEDIM/RJ, no ano de 1996, para o lançamento do Projeto sobre a criação do Instituto da Mulher, vimos que em nenhum momento estava contemplado o combate sobre o racismo no documento. Quando levantamos esta ausência, ficou caracterizada como mais uma impertinência das mulheres negras, já que, segundo estas participantes, não haveria necessidade de se destacar a mulher negra, uma vez que a “problemática” que atinge a mulher é igual para todas,

independentemente de sua etnia. A sensação que dá é que estamos “dando volta em torno do próprio rabo”, como bem diz o velho dito popular.

Jurema Werneck ilustra com propriedade as contradições entre estas duas instituições (Baremlitt,1994) - o feminismo branco (Tradicional) e feminismo negro -, ao fazer a seguinte observação, ampliando nosso campo de análise:

... tem o subemprego, as questões do trabalho, o direito à procriação que é diferente, porque se a mulher branca reivindica o direito de evitar filhos, a mulher negra reivindica o direito de tê-los, criá-los e vê-los vivos até a velhice.

De fato, os enfoques nas bandeiras levantadas por mulheres negras e brancas são diferentes. Já foi visto no capítulo anterior que, em relação ao trabalho, enquanto as feministas brancas passaram a contestar seus pais e maridos e “foram à luta”, tentando um emprego, as mulheres negras estavam há mais de 500 anos no mercado de trabalho que explorava sua mão de obra. Assim, ela exigia direitos trabalhistas, redução na jornada de trabalho, ou seja, exigia melhores condições de trabalho, e não o direito de trabalhar.

Também o direito, como bem apontou Jurema Werneck acima, de “criar os filhos até a velhice”, confere outro ponto de diferenciação nos enfoques das bandeiras defendidas por negras e brancas. Nem é preciso



dizer que a taxa de mortalidade, em decorrência das condições de vida (saúde, alimentação e moradia, entre outras), de crianças e adolescentes sempre foi e continua sendo mais elevada entre os negros e mestiços pobres.

A visão em relação à procriação, de um modo geral, que o Feminismo Negro trouxe, e a que Jurema Werneck se refere, estava fundamentada na própria formação familiar da população afro-brasileira. Como assinala Moura (1995),

*A ausência da família nuclear é compensada pela vitalidade do grupo, que não segrega a criança ao meio infantil, incorporando-a na própria batalha pela sobrevivência (p.: 70)*

Ao contrário da mulher branca que vivia a bordar, dar ordens aos escravos e empregados e servir a seu marido e “senhor”, a mulher negra sempre assumiu o papel de “aglutinador” e “provedor” da família. Como já foi visto no Capítulo III, foi ela quem assumiu a criação de seus filhos, na época em que a sociedade escravagista matava, mutilava e separava a família negra.

No período pós-escravagista, o número de filhos possibilitava à família negra um maior número de pessoas trabalhando e, assim, contribuía, ou parecia contribuir, para a melhoria das condições de vida dos seus integrantes. Esta crença, sem dúvida, pode ser contestada, mas o

fato é que, durante muito tempo, diversas famílias negras viviam do “auxílio maternidade” e da ajuda mensal do governo a cada um dos filhos. Na atualidade isto não se verifica mais.

O tema família negra mereceria maiores estudos, uma vez que existe uma tendência acadêmica em se tentar reforçar a imagem de uma família universal, baseada no modelo nuclear europeu. A esse respeito, caberia indagar, como Woortmann (1982),

*que sentido faria uma tal unidade (uma “família nuclear”) para o africano, nascido e socializado num sistema social, onde essa última não tinha o mesmo sentido ideológico, e com padrões de parentesco muito diversos. (p.: 227)*

Ainda de acordo com Woortmann (1982), na famílias negras é a *unidade mãe-filhos que constitui o núcleo, a unidade central, tanto da organização quanto da ideologia familiar*. Assim nos fala este autor, em sua análise das mulheres negras da cidade de Salvador no momento atual:

*(...) a independência das mulheres pode ter a ver também com contextos culturais africano-cidentais, onde as mulheres tinham considerável independência nas esferas do parentesco e da economia. Num certo sentido, pode também ter sido favorecida pela escravidão urbana, sob a qual muitas mulheres deviam prover elas próprias sua subsistência como vendedoras ambulantes e no pequeno comércio de rua, assim como a de seus filhos, particularmente após a promulgação da chamada “lei do Ventre Livre”(ela própria referida em termos “matrifocais”)(p.: 298)*

Entretanto, a origem familiar das feministas tradicionais não estava referenciada em valores como os que acima apresentamos; logo, sua visão em relação à procriação, controle de natalidade e outros aspectos familiares, nunca poderia ser a mesma.

Outro ponto já mencionado anteriormente, e que merece ser retomado diz respeito à questão do trabalho. Quando o feminismo luta pela inserção da mulher no mercado de trabalho, está se referindo, como já afirmamos anteriormente, à mulher branca. O trabalho fora de casa nunca foi uma novidade para as mulheres negras, pois é secular sua inserção no mercado de trabalho. Talvez bell hooks (1994) esteja certa ao criticar o feminismo americano por ele não ter tido o caráter progressista e revolucionário, que ele se atribui. Não estamos entendendo aqui revolução no sentido de luta armada, mas sim no sentido de mudança do *status quo* atingindo realmente a base do patriarcado e as relações de opressão nele envolvidas. Segundo a feminista negra americana:

*Eu digo que assim que a gente começa a se opor ao patriarcado, é progressista. Se nosso verdadeiro programa é alterar o patriarcado e a opressão sexista, estamos falando de um movimento de esquerda revolucionário (p.: 174)*

Mas, ao que parece, tanto na sociedade norte-americana como aqui no Brasil, esta verdadeira revolução ainda se encontra a nível de idéia e, mesmo assim, não é compartilhada por todas as feministas. Sandra Bello

corroborava com este pensamento quando diz que o feminismo “*não tem um projeto de transformação da sociedade, mas está sempre se equiparando um modelo de mulher de uma outra sociedade... que já está pronta... na fase do devir*”.

O que foi vivenciado pelas mulheres negras no feminismo foi, não apenas a ausência de articulação entre as suas bandeiras e sua situação social e as das mulheres dos grupos dominantes, mas também uma tomada de consciência de que a forma de se olhar e se colocar no mundo era diferente da dominante.

Para bell hooks (1995),

*O feminismo é visto como um estilo de vida, como uma coisa que a gente torna, e não que faz. Eu me preocupo em fazer com que as pessoas pensem nele como um movimento para mudar alguma coisa. Não é só um movimento sobre salários iguais para as mulheres, o que acredito que um grande número de pessoas está disposto a aceitar (p.: 167)*

É a partir desta visão mais ampla do feminismo como um movimento que leva a uma mudança, que Jurema Werneck afirma acerca do feminismo no Brasil:

... o feminismo clássico não discutia a relação ...a sociedade brasileira como uma sociedade definida, nos seus viéses econômicos, essa situação econômica, as classes sociais, essas coisas. O feminismo clássico não colocava isso como ponto de crítica, do jeito que estava era o jeito. O movimento feminista só queria que as

mulheres fizessem parte de uma forma melhor dentro disso.

Esta mesma questão pode ser observada no Feminismo Negro emergente que, apesar de ter denunciado a falta de respeito com as mulheres negras dentro desta sociedade - que as esmaga na sua condição de gênero, classe e etnia - não buscou formas de modificar a situação que criticava veementemente. Além disso, este novo feminismo, apesar de questionar o Feminismo Tradicional, continuou tentando a utopia de ser o porta voz de todas as mulheres negras. Segundo Jurema Werneck:

o feminismo negro também não questionou essa forma de estruturação social essas classes definidas, esse poder que o núcleo tem e essas coisas todas. Mas, pelo menos estava dizendo: "que a gente estava do lado de fora, então a gente quer entrar e para a gente entrar a gente, vai empurrar você também feminista.

Este fato levou Vânia Santana a levantar o seguinte questionamento:

... eu queria saber qual é de fato a proposta muitíssimo original do Movimento de Mulheres negras ao movimento de mulheres. Qual? Só aquela que diz respeito à questão racial?

Decerto que não é somente sobre o racismo que as mulheres negras querem falar. E foi possível identificar um campo mais vasto no ideal de uma sociedade, na qual o racismo não seja um companheiro solitário, traiçoeiro e assassino. No caminhar da pesquisa, ficamos surpresas

quando nos deparamos com o texto de Pedrina de Deus (1983) que fala das bandeiras do Feminismo Negro no início de sua construção:

*Em primeiro lugar está o combate ao nível das idéias. É necessário que estejamos todos, homens e mulheres negras, empenhados na formação de contra-ideologia que desmistifique a dominação que interiorizamos (...) É a prática de reflexão, de descobrir em conjunto com outras mulheres negras quais os nossos pontos fracos, quais as causas históricas, sociais e culturais que nos fazem parecer verdade o que é mentira. Isto vai nos ajudar a tirar de nossa cabeça aquilo que a colonização racista nos reduziu: promotoras de prazer sexual e gastronômico. (...) 2) a luta pela a emancipação da mulher negra não tem por finalidade apenas formar mulheres seguras, capazes e brilhantes, que visem com isto adquirir privilégios individuais. Essa conquista das mulheres negras é um veículo para a transformação de vida de seu povo negro (...) 3) Evitar o engano de que a simples mudança na legislação que discrimina a mulher promoverá sua emancipação(...) Para nós, mulheres negras, que sofremos todas as contradições da organização da vida econômica da sociedade brasileira em dobro, só o combate ideológico dá um fim definitivo ao racismo e ao machismo (pp.: 173-174)*

Como pode ser visto no texto de Pedrina, já existia, pelo menos no papel, uma definição de bandeiras no início da construção do Feminismo Negro, que buscava, não só a erradicação do racismo como também a do sexismo. É também ponto fundamental, que além do combate ideológico ao sexismo e ao racismo, esteja presente a questão do combate à miserabilidade da mulher negra, já que é ela quem mais sofre com as políticas de achatamento salarial e dificuldades de acesso à educação, a trabalhos que não aqueles tradicionalmente realizados por elas, como os de empregada doméstica, faxineira, passadeira, lavadeira.

É a esta melhoria das condições de vida da mulher negra que Jurema Werneck se refere ao lembrar que:

Então as mulheres negras diziam: estar melhor não é só ter o direito ao seu corpo. Só o meu corpo me pertence, mas o meu corpo tem que me pertencer para eu poder morar bem, vestir bem, andar bem, comer bem, parir bem ou não parir bem, entendeu? E o meu corpo está presente para eu lidar com as outras coisa do mundo, e não para eu viver dentro dele como se eu fosse .... se tudo se encerrasse em mim.

Também é no que diz respeito à questão do corpo que reside outra diferença crucial entre as mulheres negras e brancas. Este aspecto foi alvo de críticas eloqüentes ao feminismo por parte de algumas militantes negras. Segundo elas, a sexualidade, mesmo sendo uma bandeira importante, não se apresentava com tanta prioridade para as mulheres negras. Tal fato se dá porque o corpo da mulher negra na sociedade moderna, em grande parte, já lhe pertencia. Ele já fazia parte do seu cotidiano, das suas danças, do equilíbrio com as trouxas de roupa ou com a famosa lata d'água na cabeça. Existia uma sincronia entre o corpo e as funções que ele desempenhava. Mesmo no período da escravidão, quando o corpo da mulher negra era propriedade do senhor de engenho, ao compararmos as roupas e a relação que as mulheres brancas e negras tinham com ele, podemos intuir que a forma de lidar com ele é bastante distinta. No caso das roupas, por exemplo, o corpo da mulher branca, ao

contrário da negra, sempre se escondeu por trás de enchimentos de arame e muito pano. Este fato levou, inclusive, alguns pesquisadores da época a associar a sexualidade à mulher negra, dizendo que estas eram mais sensuais e “ligadas aos prazeres da carne”, do que as mulheres brancas. Este fato, no entanto, merece todo o nosso repúdio.

Contudo, de acordo com análise de Jurema Werneck:

O corpo...eu me lembro muito bem, as feministas clássicas, as de origem européia, as européias, as brancas elas tem outra relação com o corpo - tinham - elas tiveram que reaprender a viver nesse corpo e sentir as coisas que tem nesse corpo que vem mesmo da cultura européia, uma cultura mais fechada do frio, do isolamento, do fechado para si... Então nosso corpo, é claro que ele... o conhecimento do corpo, a presença do corpo como um bem, um lugar onde habito, que é minha parte nesse universo, isso já é um conhecimento impresso mais que na nossa cultura, é impresso e nos pertence, mas ele não é um bem de consumo. Ele não é um bem de consumo! Para as mulheres religiosas ele precisa ser cuidado de tal forma que ele propicie o caminho dos orixás, por exemplo.

De certa forma, para as feministas brancas, o corpo foi encarado como objeto de consumo, tipo “*eu preciso de tantos gozos por semana*”, o que nos faz corroborar com a crítica feita por Jurema Werneck ao afirmar que este discurso “*foi muito, um discurso muito liberal do movimento feminista, tudo tem que ser apropriado pelo uso, pelo consumo que eu faço dele*”.



Werneck ainda nos lembra um fato importante ao acrescentar que:

O conceito de corpo para gente era outro, que é uma coisa que foi mais notada pelo olhar das feministas brancas do que do nosso. Porque é na voz delas que a gente vai ver elas dizerem, que a gente se toca mais do que elas. Elas, para se tocarem tinha que ter as oficinas, que é uma oficina de toque, “hora de você agora, vai lá e passa a mão no corpo de sua amiga”.

Na cultura de origem africana, isto não acontecia. Podemos citar como exemplo o próprio samba, que tem o corpo como veículo de concretude.

Ainda segundo Jurema Werneck, a utilização do corpo pela mulher negra:

...depende de tantas coisas, tantas mulheres negras colocam o corpo a serviço de tantas outras coisas, corpo como lugar de trabalho, corpo como presença de orixá, corpo como não sei o quê, entendeu? (...) o discurso feminista clássico propunha uma uniformização das participantes, todas iam usar os seu corpos com suas mil maravilhas, todas iam viver sua sexualidade (...) Agora, como nas mulheres negras não se teve a presença daquelas teóricas ditando as regras tão intensamente, as pessoas...tinham mulher de tudo quanto é jeito. Tem as crentes que não vão advogar em hora nenhuma esse uso do corpo assim liberado, em compensação as de candomblé já pregavam com uma facilidade impressionante, em compensação as sindicalistas do movimento de prostituta, (...) não era só em relação ao corpo, mas em relação à tudo, ou seja, na verdade, ao contrário das reuniões do feminismo clássico, do cotidiano, tinha dialética maior no movimento de mulheres negras - tem - porque a diversidade é .... entendeu?

Vê-se que, ao contrário da “uniformidade” presente no discurso inicial das feministas brancas, o Feminismo Negro constatou uma enorme diversidade entre as mulheres na sua relação com o corpo, o que dá um perfil diferenciado às suas lutas e bandeiras. Isto exigiu - e exige - do Feminismo Negro, no entanto, aprender maneiras de trabalhar com a sua pluralidade interna. Jurema Werneck faz uma observação interessante a este respeito:

O feminismo paradoxalmente ao seu próprio discurso ele propõe uma uniformização do ser mulher, o feminismo negro não parte desse pressuposto nunca, a princípio não, é impossível que ele tenha que ficar advogando determinadas coisas.

Mesmo com a ausência de um certo centralismo, nota-se, na fala das mulheres entrevistadas, a necessidade de se buscar um caminho mais lúcido e pluralista para o Feminismo Negro. Ele precisa se libertar do eurocentrismo e da visão “de cima para baixo” também presentes nele, em maior ou menor grau. Esta é uma das preocupações de Sandra Bello ao afirmar que:

... o movimento de mulheres negras tem uma tendência também a ser um pouco eurocêntrico, por mais que ele fale de uma cultura negra. Pois dificilmente se faz aliança com o setor popular, quando se faz... é da mesma forma, com um olhar de águia, de cima para baixo.

Esta preocupação de Sandra não deve ser considerada simples retórica. Num determinado momento da construção do Feminismo Negro, mesmo Lélia González (1982), em um de seus mais importantes textos sobre a mulher negra, tropeça na armadilha ideológica, pois ao nosso ver, entra em contradição quando se refere à mulher negra “anônima”:

*Mas sobretudo a mulher negra anônima<sup>33</sup> sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, ao nosso ver, desempenha o papel mais importante, Exatamente porque com sua força e - corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite-nos a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não recuarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor o do escravo de Hegel - apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (pp.: 103-104)*

Mesmo este texto fazendo um elogio à mulher negra e pobre por sua coragem e determinação no empreendimento de lutas, a frase “*não tem nada a perder*” foi construída a partir da ideologia que entende a situação de vida desta mulher como algo de pouca importância ou sem valor. Perder o barraco é, sim, muito para as inúmeras mulheres negras e pobres que vivem em favelas; perder o filho para o tráfico de drogas, aos 14 anos, é uma punhalada para estas mulheres que depositavam a esperança em seu trabalho promissor; perder os móveis e as roupas nas enchentes tem sido uma tormenta para elas. O que a frase de Lélia

---

<sup>33</sup> Grifos da autora

González reflete é a própria contradição vivida no interior do Movimento Negro e já discutida no Capítulo II, que é a dificuldade de se lidar com a questão das relações de classe, também presente dentro dele.

Sandra comenta que a criação da assessoria comunitária no IPCN - Instituto de Pesquisa da Cultura Negra - *“foi uma tentativa de ligação do movimento negro, que é um movimento formado basicamente de negros de classe média... ou que se transformaram em classe média”*. E a fala de Lélia, militante e antropóloga negra daquela época, traduz a visão que os negros de classe média tinham daquelas que moravam em favelas. É por isso que as idéias trazidas por Pedrina também não discutiam este aspecto, mas sim falavam que as mulheres negras deveriam estar empenhadas em ser um *veículo de transformação para todo o povo negro*.

Ora, as mulheres negras eram e continuam sendo, em sua maioria, pobres. Foram elas que, em seu cotidiano, abandonaram os estudos, para possibilitar que a manutenção da família. Foram elas que assumiram as tarefas domésticas pois, na maioria das vezes, a mãe trabalhava “fora” ou costurava em casa. Foi a menina negra que despenhou o papel de “substituta” natural da mãe na organização do lar, exercendo dupla ou tripla jornada de trabalho, como está presente na fala de Jurema Batista:

... somos as primeiras , as mais velhas inclusive, a saírem das escolas para tomarem conta dos mais novos. Enquanto o menino mais velho não, ele é preservado na escola. A menina tem que sair para tomar conta, fazer comida...

Não podemos esquecer das mulheres negras que são de classe média e que não passam por isso; porém, é nossa tarefa falar da maioria, que infelizmente é pobre e vive nos mais baixos padrões de subsistência.

Foi este perfil de sociedade que propiciou a formação do Feminismo Negro, uma resposta à diversidade em que estávamos inseridas. Foram mulheres com suas histórias, suas lutas em seus respectivos locais de atuação política que se uniram, como fala Sandra Bello:

Nós viemos juntos: homens e mulheres a partir de nossa inserção (eu não sei se foi da nossa inserção ou da nossa chegada) no ponto definido de Movimento Negro, nós fizemos com que ele se ampliasse, pois nós já chegamos sendo... Eu penso muito nessa coisa de chegar ao Movimento Negro: nós éramos! Nós tínhamos uma ideologia.

Assim, o embrião para a construção do Feminismo Negro pode ser detectado nos diversos pontos onde existia reflexão e debate acerca da situação da mulher negra: no movimento de favelas, nos cultos religiosos, nos bairros, no movimento negro e feminista. Foi, portanto, a busca de um conhecimento do que é ser mulher negra numa sociedade que diferencia seus membros segundo gênero, etnia e classe social que possibilitou a

criação do Feminismo Negro. Seu desafio agora, consiste, ao nosso ver, na busca de rumos para a sua consolidação e ampliação, que será objeto de análise no próximo item deste capítulo.

## 2 — *desafios para sua consolidação*

A gente ter uma posição definida sobre isso é uma coisa legal. Outra coisa que eu acho que devemos ter, que agente pode ser o que quiser.. pode ser evangélico se estiver interessado, candomblecista se estiver interessado, estudar se estiver interessado, fazer arte... (Vânia Santana).

Falar de organizações sociais e políticas neste final de milênio é não deixar de lembrar o tamanho das diferenças sociais existentes no Planeta. No que diz respeito ao Brasil, os dados não são muito animadores, uma vez que as estatísticas tornam o Brasil um dos países com os maiores desníveis sociais. Como exemplo podemos mencionar o fato de que, em termos de distribuição de riquezas, os 5% mais ricos da população economicamente ativa ~ aqueles cuja renda ultrapassa os dez salários mínimos mensais ~ detém 40,5% da renda. Por outro lado, os 26,9% que ganham até um salário mínimo por mês (R\$ 112,00), concentram 6,4%

da renda nacional<sup>34</sup>. O mesmo modelo de injustiça social repete-se no campo: 1% das pessoas detém 46% do total de terras.

Ora, diante desse quadro um fato que muito nos preocupa é a situação da mulher negra. Segundo Reichmann (1995), as *“mulheres negras chefes de família historicamente têm sobrevivido com um terço ou a metade da renda com a qual mulheres brancas chefes de família o fazem”* (p.: 499). E, em meio ao processo de globalização em que vivemos hoje, as apreensões são de ordem diversa.

A globalização preocupa várias de nossas entrevistadas e em especial Vânia Santana. Como grande parte da população mundial, elas exigem soluções para os desafios decorrentes deste processo, assim como acesso ao conforto que ela nos traz. Neste sentido, temos que direcionar as ações para resultados que extrapolem a simples constatação dos problemas e tentar sugerir soluções práticas e aplicáveis neste momento de indefinições.

As incertezas que o mercado mundial vive hoje refletem-se no dia a dia das pessoas, e nos encontros de mulheres negras a discussão destas questões tem sido uma constante. Vânia Santana aposta numa dinâmica de

---

<sup>34</sup>Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar /93 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística .

disseminação de idéias e busca de soluções para os problemas do

Feminismo Negro:

... precisamos definir uma agenda mínima, a globalização está acabando com a gente, veio aí para arrasar mesmo.

Do mesmo modo que Vânia, Suzete Paiva também fala com apreensão sobre a globalização observada em Vânia, e aponta para soluções coletivas mais concretos para estes problemas dentro do

Feminismo Negro:

Porque se a gente não se cuida a gente vai perder o pouco que conquistou até aqui. E essa coisa de globalização, reengenharia, daqui apouco nem na favela vamos estar. Com essa redefinição do mundo, com a teoria da lagosta, a gente vai dançar. Então é fundamental que a gente cave estrutura não para si, mas (...) a nível da coletividade (...) O feminismo negro hoje para mim não é estar erradicada num grupo porque sou de um grupo de mulheres. É ser um ser político, pensante e que tenha fundamentalmente a responsabilidade de resgatar e levar esse processo em primeiro momento para quem é liderança local, regional ou rural e, pegar o grosso dessas mulheres que estão espalhadas.

Vânia acredita, ainda, que:

o que você puder fazer dentro de qualquer espaço que você está atuando, que marque que o mundo é desigual sob o ponto de vista de gênero, é desigual sob o ponto



de vista racial, você vai estar fazendo um bom feminismo, você vai estar fazendo implantando um bom feminismo negro, você vai estar implantando uma concepção.

...para mim o feminismo negro tem que ultrapassar o diagnóstico e poder ter a genialidade, a sensibilidade, a sabedoria de propor soluções factíveis soluções ajustadas às realidades específicas, a interesses específicos. O feminismo negro, e aí eu não acho que é um movimento, é uma idéia, pois muito bem, o feminismo é um movimento, mas antes de tudo é uma concepção de vida, é uma concepção de mundo. Acho que o feminismo negro no Brasil tem condições de caminhar na concepção, na idéia.

Assim, para Vânia, a prática coerente das militantes do Feminismo Negro possibilitará a consolidação de uma concepção de mundo menos desigual no momento em que este parece não mais ter fronteiras. E um dos pontos que ela considera prioritários para a autonomia das mulheres negras é o acesso à moradia, a um teto. Em suas palavras,

(...) isso não é técnico isso é fundamental, um teto sobre a sua cabeça, estrutura sua vida, isso é fundamental para as mulheres desde que o mundo é mundo. Acesso a propriedade, acesso ao bem é por onde se constitui seu grau de autonomia: “eu tenho a minha chave, eu abro a minha porto e eu estou segura estou tranqüila”. E as muitas mulheres negras que não tiveram acesso a essa propriedade possa ter, poxa com uma concepção filosófica, isso tem que existir..... Isso é uma idéia.....

Ainda para a Vânia, um dos pontos necessários para alicerçar o Feminismo Negro reside no desenvolvimento de uma ética entre a militância, que acabe com a desconfiança que sempre existiu entre os negros, desconfiança esta disseminada pelo colonizador:

Os brancos sempre desconfiaram da gente... Sempre se sentiram ameaçados diante do contato que poderia levar a uma perda, de um bem, de uma moral, ser expropriado. Eu acho que essa coisa entre nós é dilacerante.... O pessoal está sempre um desconfiando do outro... Tem sempre uma... Aí é o que digo. Eu nunca falei isso para ninguém, mas sempre pensei, pensei.. e tenho pensado muito sobre isso. Que coisa impressionante, né? Como é que a gente conseguiu imaginar que o mal está entre nós, a gente acreditou nessa história.

A teoria de que os negros são fadados ao fracasso e ao insucesso, disseminada pelo colonizador branco, contaminou também os valores no interior do movimento de mulheres negras. Na verdade, esta idéia age de forma simbólica e pouco perceptível, sendo uma preocupação constante em todas as mulheres entrevistadas.

Jurema Werneck faz uma reflexão sobre as dificuldades nas relações atuais entre as mulheres negras. Como se pode observar em sua fala a seguir, ela acredita que a divisão que existe dentro do movimento negro tem relação com a diversidade de mulheres nele envolvida e que não tem sido bem trabalhada:

Na verdade isso acontece porque são mulheres negras assumindo seu próprio caminho, inclusive dentro do próprio movimento... nem todo mundo vai na mesma direção. Isto tem dado muita desconfiança eu acho que no que pese tem também os problemas naturais da convivência humana, ou seja mal caráter de alguns aquelas coisas todas, sacanagem, competição. Mas eu

acho que enquanto movimento ele não reflete o suficiente por causa da diversidade. Por exemplo, tem mulheres muito mais identificadas com o movimento feminista, com as bandeiras do feminismo, e as metodologias feministas. Tem mulheres muito mais identificadas com o movimento sindical e a metodologia sindical. Mulheres muito mais identificadas com a metodologia partidária, etc. etc...mulheres de ONGs que tem ..que fica colhendo (...). Tem de tudo. Tem mulheres que não passam por nada disto, são mulheres que só querem ser negras e ficarem mais bonitas e mais interessantes, entendeu? E esta coisa, invés de juntar, isso divide, que eu acho complicado e desnecessário. Eu não sou muito, uma pessoa muito desconfiada, não desconfio de muita gente, não desconfio de ninguém a maior parte do tempo, então eu fico achando isso super legal, pois tem mulheres muito malucas dentro do movimento, malucas no bom sentido e malucas no sentido patológico também que acho que se dá uma tensão, dá muita coisa interessante.

Estas diferentes vivências das mulheres negras, esta loucura patológica de que a médica negra fala, podem ter relação com as estruturas sociais, nas quais a pressão sobre esta mulher tem sido infinitamente grande. Suzete, por exemplo, faz a seguinte avaliação sobre o Feminismo Negro, no mar de diversidade em que ele se estruturava, apesar da ressalva de que *“eu até tenho medo de falar, mas vamos lá”*:

Por um lado foi bom, tá bom! Pois o pessoal continuou jogando a pedra e fazendo as histórias rolarem, depois tem um segundo momento que se envereda pelo lado da discussão sexista, aí depois vem um outro momento que só tinha notícias - e aí sem nenhum folclore - (...) que eu achei muito ruim que eu não sei se foi verdade ou foi mentira, de algumas mulheres virem falar

comigo que o Movimento de Mulheres Negras estava fora, pois a questão era sexista, mas tinha a outra coisa que era a homossexualidade.

Evidentemente que numa sociedade plural, ao lidar com a diversidade no interior do Feminismo Negro diversas orientações sexuais e prioridades vão aparecer. Se o homossexualismo afastou muitas mulheres negras, por outro lado ele possibilitou um maior aprofundamento sobre este tema, considerado no início um tabu, ou “coisa de mulher branca”.

O que foi interessante neste processo de discussão sobre a sexualidade foi possibilitar que a mulher negra fosse ao encontro desta sexualidade que sempre a colocava em segundo plano. Sandra assim nos fala de como viveu esta experiência durante o VIII Encontro Feminista, enriquecendo este debate:

Para mim aquele Encontro teve um grande significado, porque eu quis participar. eu quero participar.. “quer estar inteira”... eu não quero estar sozinha, queria que outras mulheres também estivessem. E a partir daí, eu fui a SP, falei com mulheres negras de lá... lembro-me que foram 15 mulheres negras de SP nesse Encontro. Foi algo bonito. (...) Foi o primeiro Encontro feminista que eu participei. E ali eu vivi realmente enquanto mulher, na minha plenitude, principalmente na minha sexualidade, eu estava apaixonada... queria viver essa paixão.. queria viver minha sexualidade. (...) Foi uma micro-sociedade, como esta sociedade deveria ser, foi o 9º Encontro Nacional Feminista<sup>35</sup>. Eu sou apaixonada

<sup>35</sup> VIII Encontro Nacional Feminista, que ocorreu em Petrópolis/RJ, de 07 a 10/08/86 e de que Sandra fez parte da Comissão Organizadora.

por ele até hoje. Foi uma vivência muito bonita. este fez parte do meu crescimento. De estar pelada, tomando banho... tomando sol... eu não queria saber muito das oficinas não, porque eu só quis participar da oficina de lésbica, e da oficina de lésbica e da oficina de lésbica. eu estava me trabalhando entendeu? (...) Eu assim minha sexualidade, enquanto lésbica, poder vivê-la de forma bonita e não de forma estereotipada. (...) a partir dali eu me considerei uma mulher feminista. porque ali eu pude traçar a diferença entre uma concepção de luta de sobrevivência e eu enquanto mulher negra: casa, comida, isso, isso e isso, mas tinha outro lado, né? Eu viver, eu Sandra, ser humano Sandra me senti livre, livre, livre...livre!

Neste depoimento evidencia-se a forma como Sandra pode, neste Encontro, reconstruir sua relação com o feminismo, identificando nele a importância sobre a discussão da sexualidade que era negada por algumas mulheres negras.

Suzete também faz uma reflexão sobre a questão da sexualidade, não priorizada pela maioria das mulheres negras:

(...)Eu comecei a freqüentar um pouquinho o movimento feminista e elas só falavam de orgasmo, orgasmo, orgasmo. E eu não sabia como era isso. De novo a bobeira, aí teve um dia depois que eu tinha dado para ele e eu achei ruim - a primeira vez que eu transei eu achei muito ruim, senti um negócio aqui - e saiu dizendo que todo mundo acha que isso é bom, mas é horrível. (...) ele falou assim: no dia que você sentir seu primeiro orgasmo, vai saber o que é. Quando eu senti o meu primeiro orgasmo eu comecei a gritar. Aí eu falei: Poxa vida! E comecei a ter outra concepção de movimento feminista.

A tomada de consciência acerca da influência e da importância do Feminismo Tradicional para o Feminismo Negro, é recente e ainda fluído. Este talvez seja o maior desafio na atualidade. Como muito bem foi observado por Jurema Batista,

Todas nós que chegamos no Movimento de Mulheres Negras teve a influência do feminismo. Acho que não teve ninguém ali que não leu Complexo de Cinderela, que não leu um monte de coisa, que as mulheres brancas liam naquele momento, que não foi influenciada.

Também é interessante mencionar aqui que o exemplo de feminista apontado por várias das mulheres que entrevistamos foi Angela Borba que soube, segundo elas, na maioria dos momentos, ter a sensibilidade de estar atenta para as transformações que levaram à formação do Feminismo Negro. Segundo Jurema Batista:

Vou dizer que Angela Borba não me influenciou? Claro, né? É claro que a gente sempre fazia uma releitura de tudo que era dito. (...) Ela era a que mais falava isso né? Chata prá caramba, mas era isso: ela falava...

Do mesmo modo, Jurema Werneck afirma: “*se existe um modelo de feminista é Angela Borba*”. É evidente que o modelo de feminismo de que Jurema fala não é aquele arcaico ou fosseificado, mas um modelo de que o Feminismo Negro necessita para empreender suas bandeiras e lutas na atualidade. Estas falas mostram-nos como a perspectiva de aliança com

estes setores do feminismo mais avançados pode ser importante para consolidar os objetivos do Feminismo Negro.

No caminho para a consolidação do Feminismo Negro, a educação aparece como bandeira que mais prende a atenção de nossas entrevistadas. Como aponta Barcelos (1992)

*... o que os dados nos revelam sobre os diferenciais na realização educacional dos grupos raciais é alarmante. Menos alfabetizados, retidos em patamares educacionais baixos, poucos negros conseguem chegar à universidade. E tão poucos que sequer são suficientes para serem registrados no gráfico. (...) apenas 0,5% de pretos de 20 a 24 anos e 0,4% entre 25 e 29 anos tem o curso superior completo. Para os pardos esses números são 1% e 2,9%, respectivamente. um negro com curso superior é um "sobrevivente" do sistema educacional e, ademais, enfrentará sistematicamente discriminação no mercado de trabalho (p.: 55).*

Os dados contidos na pesquisa de Luiz Cláudio Barcelos (1992) mostram um panorama geral, no qual estão incluídos homens e mulheres negros. No entanto, para as mulheres negras, os dados mostram que sua participação é ainda menor no sistema educacional. Assim, para Jurema Batista,

*a bandeira da educação é uma bandeira forte para a mulher negra ter no terceiro milênio, imagina o terceiro milênio sem educação, né? (...) não é a educação de só ter direito à escola, é educação fora da escola. As que saíram da escola tem que voltar para fazer línguas, computador; as que nunca estiveram lá, tem que ter acesso agora : poder ser alfabetizada via Internet, televisão, sei lá, qualquer coisa. e ela pode fazer... E pensar... tanto recursos na sociedade tem que*

servir para nos ajudar, né? Tem que colocar esse recurso à nossa disposição.

A bandeira da educação (Figueira, 1990) é, portanto, um desafio para o Feminismo Negro. Assim, temos que estabelecer medidas para diminuir a defasagem escolar existente na sociedade. O Feminismo Tradicional, ao contrário, segundo relatório do 8º Encontro Nacional Feminista, “é marcado pela grande presença de mulheres que têm o curso superior, em muitos casos com especialização e/ou pós-graduação”(p.: 5).

Neste processo educacional, é necessário se investir na modificação dos valores e visões acerca da mulher negra. Sabemos, no entanto, que reagir à violência simbólica não é tarefa fácil. As experiências de afirmação da etnia e cultura negras, vividas pelos afro-brasileiros no início do século, apesar da perseguição policial, talvez sirvam como bússola nesta caminhada. Valemo-nos mais uma vez de Moura (1995), para registrar o importante papel desempenhado por Tia Ciata, na década de 30, possibilitando uma alternativa cultural, política e social para os negros no Rio de Janeiro:

*Havia na época muita atenção da polícia às reuniões dos negros; tanto o samba como o candomblé seriam objetos de contínua perseguição, vistos como coisas perigosas, como marcas primitivas que deveriam ser necessariamente extintas, para que o ex-escravo se tornasse parceiro subalterno “que pega no pesado” de uma sociedade que hierarquiza sua multiplicidade.*



*Quanto às festas que se tornam tradicionais na casa de Ciata, a respeitabilidade do marido, funcionário público depois ligado à própria polícia como burocrata, garante o espaço que, livre das batidas, se configura como local privilegiado para as reuniões. Um local de afirmação do negro onde se desenrolam atividades coletivas tanto de trabalho - uma órbita do permitido apesar da atipicidade de atividades organizadas fora dos modelos da rotina fabril - quanto de candomblé, e se brincava, tocava, dançava, conversava e organizava (p.: 100).*

Neste texto, vê-se a violência, inclusive física, vivida pelos negros “libertos” e o papel fundamental desempenhado pelas “Tias” no apoio e na valorização do negro, que estava totalmente abandonado pelo sistema político, econômico e social.

Outro ponto apontado como importante para o crescimento do Feminismo Negro diz respeito à questão da saúde. Para Jurema Batista, uma das bandeiras que une os feminismos - branco e negro - é a luta por creche e saúde. Para ela,

A saúde tem muito a ver com a condição de vida e de stress. Nós sofremos um stress muito pesado, o stress baixa a imunidade e, nós mulheres negras, somos muito estressadas pela sociedade que nos nega o tempo todo.

As situações de conflito vividas pela mulher negra têm sido um das causas do elevado número de negras com problemas mentais. Jurema Werneck, na sua condição de médica, afirma:

Quando você entra num hospício você vê... não que a mulher negra tenha o monopólio da loucura, mas no hospício só tem basicamente mulher negra. Acho que não tem só o monopólio da loucura, mas também o da

desistência... de largar lá... mas, é o monopólio da desistência... são abandonadas nos hospícios

O fato da mulher negra ser responsável pela criação dos irmãos mais velhos e pela manutenção e funcionamento da casa, juntamente com outras pressões que ela sofre em sua vida, acabam levando estas mulheres - que desempenham funções tão relevantes - aos hospícios e ao abandono pelas ruas da cidade. Tal fato mostra que a bandeira da saúde mental é extremamente importante para o Feminismo Negro, e estudos e pesquisas que articulem loucura e etnia<sup>36</sup> são necessários para que se busque soluções para o fato de que, a cada dia, aumenta o número de mulheres negras com doença mental.

Outro ponto importante diz respeito à questão da violência, seja ela física ou simbólica, como já abordamos anteriormente. Segundo Vânia Santana,

Em relação à bandeira, eu sinto uma pena incrível que não tenhamos sido capazes de avançar mais sobre a questão da violência doméstica. De fato é a gravidade (...) Eu fiquei horrorizada, quando li que ela havia morrido queimada pelo marido. Os casos são imensos, e uma derivação disso é o estupro, que é um outro tipo de violência doméstica. São as violências extremas sobre um corpo feminino.

---

<sup>36</sup>Se Sandra Azeredo (1991:131), lamenta o fato de Neuza Santos, autora do livro TORNAR-SE NEGRO, ter abandonado o tema racial e optado por investigar a problemática da loucura, para nós, mulheres negras, este é um dado fundamental, pois cresce a cada dia o número de mulher negras que estão doentes mentais.

Além da violência doméstica, Jurema Batista lembra um outro tipo de violência que toma lugar na sociedade atual, e que é oriunda do tráfico de drogas nas favelas. Esta violência provocou, no seu caso pessoal, inclusive, o abandono da casa onde morava:

... eu tive que abandonar minha casa. Ontem eu vi a matéria daquela família que estava passando pelo Jacarezinho e um menino de 11 anos matou uma mulher, né? Aí um cara disse: “o menino é mais novo que minha filha!”... Estive hoje na minha casa, de manhã, uma casa bonita... minha casa tem cheiro de novo, eu abro minha casa sinto o cheiro, fecho e vou embora. Isto é muito doloroso. eu falo de violência hoje um pouco diferente do que eu falava há cinco anos atrás. Eu fugi da violência, estou fugindo da violência, aliás!

Para Jurema Werneck, essas lutas atuais devem ser potencializadas e devemos ver a importância de cada contribuição. O momento é para ir além da constatação das ausências passadas, e buscar o que podemos juntas construir no futuro. Vânia Santana assim fala sobre o seu sonho e sobre sua visão acerca do Feminismo Negro:

minha filha, .... não ter vergonha de ser o que é, poder trabalhar bastante bem a sua imagem, evidentemente. Não ter uma imagem que seja: “bom, mulher negra é isso e aquilo outro...”. É o que tiver vontade de ser passando por diversos estágios de sua vida de sua faixa etária... Nós somos assim mesmo, nós temos uma vida.... Você não pode se permitir ser... Eu fico muito enlouquecida que a gente possa imaginar que a gente tem 120 anos, 35, 40 e suas necessidades como pessoa vá mudando e, mudando isso, como é que vai se dando

a compressão da sua negritude. O que é ser uma mulher negra velha, como é ser uma mulher negra aos trinta. Se incorporar de coisas que são decência do ser humano. Então, feminismo negro para mim é uma visão de mundo.

É esta visão de mundo que a maioria das entrevistadas espera ver nascer em todas as mulheres e homens negros. Como sabiamente definiu Jurema Batista,

Essa coisa de consciência ampla é uma coisa a ser conquistada. A gente fala muito do ponto de vista de onde a gente está, do que a gente sofre, do que a gente vê, da forma de ver o mundo.

Na verdade, a vereadora aponta para a necessidade de olharmos mais adiante, deixando de investir apenas em territórios pessoais. Existe de fato a necessidade de se tomar consciência de que as ações provocadas por uma pessoa interferem na vida de todos de um modo geral. Como bem disse Schummacher, *“pensar globalmente e agir localmente”*. É este o apelo de Jurema Batista.

Portanto, entendemos ser desafios emergenciais para consolidação do Feminismo Negro, o ataque sistemático à “dor ancestral”, que nos faz girar em torno dos sofrimentos vividos ancestralmente. Isto de certa forma irá destruir os fantasmas e teremos maior tranquilidade e equilíbrio para partilhar coletivamente. Na medida que trabalhamos nossa auto-estima, nos transformamos seguras e poderemos ter ações que possibilitem potencializar as lutas e o combate sistemático à ideologia racista e machista.

## CAPÍTULO V — RELATIVIZANDO NUM BREVE PONTO FINAL

... então a gente quer entrar e para a gente entrar a gente, vai empurrar você também feminista. Isso era uma outra questão que também provocava, e provoca celeuma, não dava para estabelecer aliança nesse nível com o movimento feminista clássico, tinha essa diferença  
(Jurema Werneck)

Como em todo trabalho de pesquisa qualitativa, esta dissertação apresenta um visão do Feminismo Negro, que não pretende ser a única possibilidade, nem tampouco a forma definitiva, pois além de estarmos em constante movimento, nós, mulheres negras, somos diferentes em nossas trajetórias de vida.

Cada mulher negra, pertencente ou não ao Feminismo Negro, poderá ter uma versão diferente para os fatos e eventos aqui apresentados. Este trabalho, portanto, é apenas uma contribuição para que possamos escrever nossa história e socializar nossas impressões acerca dos fatos nela ocorridos.

Vale ressaltar, que este trabalho procurou apresentar olhares, falas e gestos das pessoas que diretamente participaram do processo de organização do Feminismo Negro, uma vez que tem sido comum, estudos sobre a nossa etnia construída por um *Outro* olhar. E neste sentido, as impressões sobre a construção do Feminismo Negro são feitas a partir das análises das bandeiras e lutas nele estabelecidas e analisadas sob nossa ótica.

Considerando, então, que a bandeira de luta é a forma de enunciação de uma situação de opressão, vimos que em nenhum momento da história do Feminismo Tradicional com o Movimento de Mulheres Negras houve a não incorporação das bandeiras de lutas, houve sim, uma distância entre o discurso e a realidade étnica do país. E na relação com o Movimento Negro houve uma mudança qualitativa na incorporação das reivindicações das Mulheres Negras no cotidiano de suas ações.

Todavia, como relativizar é uma tentativa de sugerir algumas conclusões acerca do nosso objeto de estudo podemos agrupar nossas conclusões em torno de três questões principais: a primeira diz respeito ao *enfrentamento do machismo* no interior do Movimento Negro; a segunda fala sobre os *enfoques diferenciados das bandeiras feministas*, levantadas

por mulheres brancas e negras; e a terceira, e última, está ligada a algumas considerações sobre o *Feminismo Negro* em construção.

Recentemente, em conversa com um dos homens mais questionados pelas mulheres entrevistadas, por ser considerado uma das expressões do machismo no Movimento Negro, foi possível identificar uma mudança significativa. Paulo Roberto nos dizia que muitos homens ficaram assustados com o nascimento da organização de mulheres negras. Sem dúvida, para esses homens que dominavam o cenário político na época, foi muito assustador ter que dividir o poder com pessoas consideradas “inaptas” ou “limitadas” para o exercício político.

No entanto, foi de extrema importância o fato das mulheres negras terem estabelecido, no interior do Movimento Negro, um espaço de reflexão e sistematização de suas lutas. Lélia González um dos melhores exemplos a ser mencionado, como liderança, deste projeto de interferência no Movimento Negro. Foi sua ação que, em grande parte, contribuiu para que hoje, em qualquer que seja o encontro, tenha-se o cuidado, inclusive por grande parte dos homens do Movimento Negro, de se incluir a discussão de gênero.

Assim, do enfrentamento inicial nasceu uma relação mais respeitosa entre homens e mulheres negros. Apesar de, ainda hoje, termos que gritar

para garantir nossa participação política. Contudo, é comum homens e mulheres do Movimento Negro e do Feminismo Negro sentarem e discutirem temas amplos e políticas que visem a melhoria de vida da população afro-brasileira, de modo geral.

No caso do Feminismo Tradicional, talvez a relação entre mulheres brancas e negras ainda esteja dando seus primeiros passos, necessitando, portanto, de maiores investimentos de ambas as partes. Porém, ter a consciência de que existe um grande número de bandeiras comuns, a despeito de algumas especificidades, foi uma surpresa também para mim, que tinha como hipótese, no início desta pesquisa, que as lutas e bandeiras eram diferentes para mulheres brancas e negras.

Como ilustração, podemos citar o caso do trabalho, que apesar de não ser uma bandeira nossa, pois desde cedo estávamos no mercado de trabalho, que explorava nossa mão de obra, acabou por se mostrar uma questão comum. Entretanto, ao invés de pedirmos acesso ao trabalho, como as feministas brancas o faziam, solicitávamos os direitos trabalhistas, como foi o caso das empregadas domésticas que se organizaram em um Sindicato, visando reunir forças para reivindicar o salário mínimo, que a maioria não recebia.



Também é oportuno acrescentar aqui, que a luta por creche e por moradia também é comum, apesar dos enfoques destas reivindicações serem distintos, pois culturalmente mulheres negras e brancas são diferentes.

O movimento feminista branco entendia, por exemplo, que a grande questão era a luta contra a opressão enquanto gênero, não reconhecendo a devida importância à opressão étnica. O Feminismo Tradicional não estabelecia uma crítica direta ao modelo econômico ou as relações sociais mais globais, mas que tinha como prerrogativa a participação igualitária das mulheres nesta sociedade. Então as mulheres negras passaram a dizer, que elas estavam sendo mais oprimidas que as brancas.

A resposta das mulheres negras foi em direção à busca da autodeterminação para construir um outro poder ou, para ser mais correta, a busca do exercício do poder. Assim, corroborando com o pensamento de Vânia, não era a originalidade de bandeiras a principal crítica ao Feminismo Tradicional, mas sim a importância de se transmutar estas bandeiras para uma realidade que castigava de maneira diferenciada as mulheres negras. Assim, foi a busca da autodeterminação, que motivou as mulheres negras se organizarem e não a distância de reivindicações de políticas para brancas e negras. Ao criarmos a nova instituição, queríamos

dizer que a partir daquele momento, a representação e reivindicação das políticas públicas para as mulheres negras, passariam a ser feitas não mais por brancas, mas sim pelas negras.

Este movimento em direção à autodeterminação orientava-nos na demarcação do território onde exerceríamos nosso poder, o poder de ser Mulher Negra e se auto representar física e politicamente.

Entretanto, muito ainda havemos de caminhar. Isto porque, o Feminismo Negro traz toda uma marca desta sociedade em que está inserido, o que o faz reproduzir, entre seus pares, todo tipo de relação que luta para eliminar como prática negativa. Isto o leva a cair constantemente em contradição. Como exemplo, basta lermos o VI Boletim Informativo do NZINGA, no ano de 1889, que as tensões vividas no I Encontro de Mulheres Negras, foram inúmeras. Para nós, estas tensões são oriundas de um caminho que ainda está por ser definido. Um caminho no qual as relações ainda estão em construção, assim como, o projeto político que o Feminismo Negro pretende seguir, uma vez que é de conhecimento de todos, que os grupos oprimidos quando ocupam posição de poder, acabam por reproduzir o que tanto criticam.

Com isso é necessário assinalar, que não são apenas as mulheres brancas ou os homens negros que necessitam de reflexão acerca da

diversidade de mulheres na sociedade. Também as mulheres negras precisam investir neste sentido.

Assim, acreditamos que os desafios para o Feminismo Negro, vão desde o desmantelamento do chamado “mito de democracia racial” às alianças entre as participantes deste movimento. Isto porque, como já foi comentado anteriormente, muitas vezes são reproduzidos no interior do Feminismo Negro, as atitudes e conceitos que este movimento repudiava no Feminismo Tradicional e no Movimento Negro.

Talvez Jurema tenha razão quando tenta justificar o que é vivido de tensão no interior do Feminismo Negro. Para ela, isto deve-se ao fato de “estarmos em busca do tempo perdido”, uma seqüela dos tempos da escravidão. Ou como bem definiu uma amiga: “uma dor ancestral”.

Provavelmente se tivéssemos textos de Zumbi dos Palmares, Aqualtune ou Luiza Mahin, quem sabe não estaríamos em outro estágio, que não o de demarcação do território de poder, estaríamos exercendo e ampliando este poder. Mas, todos sabemos que poucas foram as reflexões sobre sua história, implementadas pelo nosso povo, e menos ainda aquela contada com sua própria fala e impressões.

Assim, as mulheres negras que estão em busca da consolidação do Feminismo Negro devem ver no poder da outra não uma ameaça ou algo

perigoso, mas a importância de erradicar o racismo e o machismo na sociedade. Pois, como bem definiu a vereadora Jurema Batista, ser mulher negra

Não é mole não, viu? (gargalhadas). É difícil ser mulher, ser mulher negra é mais difícil ainda. Mas eu acho que a gente tá num processo de ascensão...

E este “processo de ascensão” vem de muitos anos atrás. Ele não iniciou em 1978, quando no IPCN várias mulheres deixaram de ser omissas, como muito bem nos falou Suzete Paiva. Mas pelo contrário, foram as mulheres negras, como já abordamos nos capítulos I e II, nos séculos passados que desempenharam importante papel na organização e na manutenção das tradições culturais e organização política dos negros> Visto que, com o esfacelamento da família africana, foi em torno da mulher que a referência familiar se estruturou. Após a “abolição”, foi esta mesma mulher que desempenhou o papel aglutinador dos negros “livres”, como abordamos no capítulo anterior.

Talvez eu possa estar enganada, mas acredito que, um novo poder deve ser entendido, como aquilo que poderá libertar, não nos acorrentar nas tramas mal estabelecidas e viciadas na cultura dominante, que são estendidas à população como um todo. Pois para Miller (1981) “o poder

teve até hoje ao menos dois componentes: poder para o próprio indivíduo e poder sobre os outros” (pág.: 142).

Finalmente, é importante dizer que os encontros com nossas entrevistadas e os questionamentos destas mulheres negras nos auxiliaram a criar todos os capítulos desta dissertação e a concluir que tudo está em movimento, inclusive a própria estruturação do Feminismo Negro. As visões construídas quando de sua organização e que serviram como ponto de partida não são as mesmas na atualidade.

Gostaríamos de colocar um breve ponto final nesta dissertação com a seguinte afirmação de Jurema Werneck sobre os caminhos do Feminismo Negro:

Eu vejo assim, o que eu estou vendo agora para a década de 90, não é um recomeço, mas um continuar meio tatiante. Há uma insegurança das mulheres que é muito interessante, que é o que vem agora? É o mundo está nesse impasse! Essa insegurança eu estou vendo, mas eu também estou vendo uma coisa, assim... Eu não sei se estou vendo, ou se estou torcendo para que eu veja, não sei. Tem pessoas, que ainda são poucas, mulheres que estão querendo exatamente se meter nisso, não se meter exatamente, são mulheres do movimento, elas estão querendo ....por exemplo, você está fazendo uma tese sobre isso, neste momento que as coisas estão acontecendo, elas estão buscando respostas agora. Você vai e faz a tese, é um caminho para uma resposta. Discute a tese com outras pessoas, outras pessoas fazem outras coisa e são caminhos para essa resposta. E principalmente nesse processo, são respostas

passageiras, nesse sentido, pois o movimento se constrói então são respostas para insinuação do próximo passo que daqui à pouco é outro, é outro, é outro. Eu não tenho assim particularmente uma visão pessimista, que eu tenho impressão que várias pessoas tem que eu já encontrei. “Há essa coisa, já acabou, como está acontecendo com o feminismo, já era” Eu não acho não, pois tem uma coisa que é vital, você saber que está fazendo parte de uma coisa que se move, das coisas que se movem. Tem gente que precisa que as coisas se movam, outras precisam que as coisas fiquem onde estão. Acho que essas mulheres que precisam que as coisas se movam, não param, entendeu? Não param! Elas não estão paradas agora, estão isoladas, cada uma fazendo o seu. Mas eu acho que também tem, quando se encontram sempre tem uma esperança do “vamos fazer qualquer dias desses”. Eu já encontrei várias pessoas, só essa semana, que me disseram “vamos fazer qualquer dias desses”. Vamos fazer qualquer coisa, ou para ir ao Fórum, ou uma reunião para discutir sexualidade como é o caso da Helena do IBAM, ou apresentar a tese sobre literatura negra, no caso da Conceição Evaristo. Tem mulheres que andam fazendo e querem marcar para fazer qualquer dia desses. A Glória da UNSP, que está querendo marcar há um tempão uma reunião do que ela viu em Bejim, por exemplo, ela já saiu contando por aí, mas ela quer contar mais. Coisas assim, vamos fazer qualquer dias desses, querem juntar mais mulheres para trocar idéias,

## BIBLIOGRAFIA

- Agenda da Mulher Negra. — Rio de Janeiro: CACES, 1989
- AZEREDO, S. — A questão racial na pesquisa. São Paulo: FCC/DPE, 1991.
- Teorizando sobre Gênero e Relações Raciais. Estudos feministas, Rio de Janeiro, tomo 5, nº especial, p.203/16, 1994
- BARBOSA, W. do N. e SANTOS, J. R. — Atrás do Muro da Noite. (Dinâmica das Culturas Afro-Brasileiras). Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.
- BARCELOS, L. C. — Educação: um quadro de desigualdades raciais. Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro - Asiáticos, Rio de Janeiro. Nº 23, dez, 1992.
- BAREMBLITT, G. — Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- bell hooks — Vamos afalar a verdade sobre o feminismo. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: CIEC,UFRJ, Vol.I, nº 1, 1994.
- Intelectuais Negras. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: IFCS, UFERJ - PPCIS/UERJ.1995
- Boletim Informativo NZINGA: Coletivo de Mulheres Negras. Rio de Janeiro, nº 06, 1989
- BONINI, A , LEMOS, R.O et alli, — E por falar da mulher na Música Popular Brasileira. Anais da Reunião Anual da SBPC: São Paulo, 1996

- CARNEIRO, S. — Gênero, raça e Ascensão Social. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: IFCS, UFERJ - PPCIS/UERJ, 1995
- CARISE, I. — A Arte Negra na Cultura Brasileira. Editora ARTENOVA, sem data.
- DEUS, P. de. — Para que serve o machismo e o racismo?. . Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro-Brasileiros: Rio de Janeiro, Gráfica Portinho Cavalcanti - Conjunto Universitário Cândido Mendes, N.º 8-9, 1983
- ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS, II. Relatório Final, Salvador, 1991
- ENCONTRO NACIONAL DE FEMINISTA, 8º. Relatório Final, Rio de Janeiro: Petrópolis, 1997.
- ENCONTRO LATINO AMERICANO E DO CARIBE FEMINISTA, 3º. Relatório Final, São Paulo, 1985.
- EUBEIN DOS SANTOS, J — Os Nagôs e morte. Petrópolis: Vozes, 1984 (3ª ed.)
- FERNANDES, F — Circuito fechado. São Paulo: HUCITEC, 1978
- FIGUEIRA, V.N. - O preconceito racial na escola. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes Estudos Afro-Asiáticos, nº 18: RJ: 1990.
- FREYRE, G. — Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975
- GIACOMINI, S — Mulher e Escrava. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- GOMES, H. T. — As marcas da escravidão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/EDUERJ: 1994.
- GONZALEZ, L. — A mulher Negra na Sociedade Brasileira. Tendências: Editora Graal - RJ: 1982.
- GONÇALVES, M. — Expostos, Roda e Mulheres: a lógica da ambigüidade médico-higienista - in Pensando a Família



- no Brasil. Rio de Janeiro: Co-Edição Tempo/Editora da UFRJ, 1987.
- GUEERTZ, C. — A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A.: 1989.
- HALEY, A — Malcolm X. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- HEILBORN, E ARRUDA, A in NEVES, M. G. R. — Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUER/NEMPP; Madrid, Instituto de la Mujer, 1995
- HOLANDA, S.B. de — Raízes do Brasil. 6ª ed.. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora - Instituto Nacional do Livro, MEC, 1971
- JACOBI, P. e NUNES, E. — Movimentos Sociais Urbanos na Década de 80 Mudanças na teoria e na prática. Espaço e Debate. Revista de estudos regionais e urbanos - Vol. III ~ nº 10: 1985.
- Lima, L. L da G. — Rebeldia Negra e Abolicionismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981
- LEMOS, R. — Justiça Ambiental: Uma bandeira para o Movimento Negro no Terceiro Milênio. Rio de Janeiro, UFRJ (mimeografado), 1995.
- MASSI, M. — Vida de Mulheres. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992
- MEMMI, — Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977
- MIES, M. — Meio Ambiente e Controle de população. Palestra proferida na Câmara Municipal de São Paulo, 1991.
- MILLER, J. B. — A mulher a procura de si mesma. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.
- MOURA, C. — Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.

- MOURA, R. — Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural, 1995
- MUNANGA, K. — Algumas reflexões críticas sobre o conceito de negritude no contexto afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro Asiáticos, 1983
- PETIT, V. — La Reproduction. Caderno de Pesquisa: São Paulo: Nov/1992.
- PIRSIG, R.M. — ZEN e a arte de manutenção de motocicletas ~ uma investigação sobre valores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 (9ª ed.)
- QUEIROZ, Variações sobre a técnica de gravador no registro de informações de vida. São Paulo: CERU e FFLCH/USP (Col. Textos 4), 1983.
- SALLE, V. — O Negro no Pará. Pará: Ministério da Cultura e Secretaria Estadual da Cultura Fundação Cultural do Pará "Tancredo Neves", 1988.
- SEMINÁRIO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS, I — Relatório Narrativo e Financeiro: São Paulo, Atibaia, 1993.
- SILVA, C. O homem e a mulher no mundo moderno. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1969.
- REICHMANN, — Mulher Negra Brasileira: um retrato. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: IFCS, UFERJ - PPCIS/UERJ, 1995
- RIBEIRO, D — O Brasil como Problema. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996
- RIBEIRO, M. — Mulheres Negras Brasileira: de Bertioga a Bejing. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: IFCS, UFERJ - PPCIS/UERJ, 1995
- ROUANET, H. — Identidade e Diferença: uma tipologia. Sociologia e Estado. Vol. IX. Rio de Janeiro: Relime-Damaré, 1994

- SAFFIOTI, H. — Rearticulando Gênero e Classe Social; in Costa, A O e Bruschini, C.— Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SANTOS, J. E. — Os Nagôs e a Morte. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SHWARCZ, L. M. — O Espetáculos das Raças: cientistas instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SKIDMORE, — Preto no Branco. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989
- SAPNADLEY, P. J. — Participant Observation. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1980.
- STRAUSS, C-L. — Raça e História: In Debates - Raça e Ciência, I: Perspectiva - São Paulo, 1970.
- THIOLLENT, M. - Notas para o debate sobre pesquisa-ação, in Brandão, C.R. - Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- TODOROV, — A Conquista da América. São Paulo: Martins Torres, 1983.
- WINANT, H — Repensar a raça no Brasil. Sociologia e Estado. Vol. IX. Rio de Janeiro: Relime-Damaré, 1994
- WOOORTMANN, K — A família das Mulheres. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro e CNPq. Biblioteca Tempo Universitário 82, 1982

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 01 - Ogboni	pág.: 49
Fig.02 - Mulheres Negras em Bertioga	pág.: 85
Fig.03 - Mulheres Negras em Bertioga	pág.: 105
Fig.04 - Jurema Batista	pág.: 171
Fig. 05 - Jurema Werneck	pág.: 174
Fig.: 06 - Sandra Bello	pág.: 178
Fig.: 07 - Suzete Paiva	pág.: 180
Fig.: 08 - Vânia Santana	pág.: 183

JUREMA BATISTA

## LISTA DE APÊNDICES

### *QUEM SÃO ESTAS MULHERES?*

JUREMA BATISTA, 171

JUREMA WERNEK, 174

SANDRA BELLO, 178

SUZETE PAIVA, 180

VÂNIA SANTANA, 183

## JUREMA BATISTA



Poxa, quando eu fizer meu livro não vai ter mais graça, não vai vende! (risos). Eu nasci na maternidade de São Cristóvão, sou filha de Dona Raimunda e seu José Macaco, devia ser Macaco, pois ele era preto, né? Me chamavam de caquinha, quando eu era pequena: "macaquinha". É... quando eu era pequenininha me chamavam de caquinha, diminutivo de Zé Macaco, que era macaco porque era preto, porque minha família era bem negra. E... depois... engraçado, eu nunca me lembrei disso na análise. Eu vou fazer análise hoje (risos). Eu fui criada no Morro do Andaraí com muitas dificuldades. Meu pai era alcoólatra, minha mãe era alcoólatra.. foi preso por causa do alcoolismo. Bebeu no final de semana e matou uma pessoa. E minha mãe sempre trabalhou em casa de família. Eu tive contato muito grande - acho que isso influenciou minha vida. Eu oscilei entre a miséria e a opulência o tempo todo. A minha mãe dormia no emprego, em casas lindíssimas que tinha piano, cristais, mesas, salas, saletas, piscinas e eu morava... nos fins de semana eu ia dormir num quarto que era 2X2, que não tinha banheiro, onde a gente defecava no jornal e jogava pela janela, não tinha luz: era lamparina. Então eu oscilei muito nessas duas realidades.

Desde pequenininha. Eu nunca fui acomodada com a pobreza, nunca fui. Você também, né? Eu me lembro quando eu brincava e dizia para as meninas que eu não iria morrer pobre, elas morriam de rir. Dizia para elas: "é ruim de eu morrer aqui, nesse negócio, heim!". As meninas diziam que eu era metida. Eu não tinha uma visão socialista do mundo, eu tinha uma visão de querer coisas boas porque eu conhecia o lado bom da vida. Eu passeava com os patrões de minha mãe. Eles me levavam no cinema, esse gosto que tenho pelo cinema veio daí. Segunda feira é dia de eu ir ao cinema, é mais barato. Então eu cresci muito com essa coisa de sensação de que eu estava no lugar errado, é claro tem umas coisas espirituais que eu acredito também. Eu tinha a missão de ter nascido lá e acho que essa missão está acabando de ser cumprida agora, não tenho mais que ficar morando lá a vida toda.

Eu sempre me achava mais avançada que o pessoal da minha época, sempre achava que era mais avançada porque não pensava do jeito que as pessoas passaram: aquela coisa tão pequena. Virgindade! Álcool! Drogas! Eu não queria ficar falando como aquelas pessoas falavam. Foi muito engraçado que logo me vi bebendo muito e fiquei muito assustada quando eu estava bebendo. Até que tomei consciência do problema e fui buscar recuperação no grupo anônimo. Cresci, mas eu nunca me adaptei aquela situação que achava que não merecia. Como as pessoas que viviam naquela situação não mereciam viver assim. Comprei um computador belíssimo para minhas crianças. Acho que toda criança deve ter um computador, televisão. Esses bens devem ser popularizados. (...) Eu acho que esse meu incômodo com a situação social só iria resolver com por via educacional. Então busquei educação para isso. Fui estudar, fui dar aula no Mobral e, por conta disso, todas as coisas que eu fiz foi para mudar. Eu achava que se eu tivesse educação eu iria ganhar bem, no princípio foi isso mesmo. Eu não tinha uma visão socialista de mundo, tinha uma visão cristã de mundo e ainda tenho, né? Eu achava que não iria mudar o mundo, mas achava que podia fazer alguma coisa. Então eu comecei dar aulas no Clube Santo Agostinho. Eu achava que já estava fazendo a minha parte, pois se eu aprendi alguma coisa, poderia passar para o outro. Era uma visão cristã, não era socialista, não entendia de política ainda. Depois veio a Associação de Moradores, que a gente fundou. A Associação de Moradores foi criada porque uma pessoa morreu e, a partir daí, eu abri o mundo para mim. Eu entendi que a gente não morava ali porque Deus queria, de repente parece que Deus foi quem colocou a gente ali, né? Falam para a gente se acalmar, que é mais fácil "passar um camelo no buraco a agulha do que um pobre no reino do céu" (...) Eu nunca acreditei nisso. (...) Eu sempre tive muita coisa na minha formação... testemunha de Jeová... Freqüentei missa numa época, eu queria fazer primeira comunhão, mas disseram que eu era muito grande e eu não fiz. Freqüentava Centro espírita...uma salda! Uma salda minha formação e tem mais isso, a pobreza e riqueza. E eu não me conformei. Depois de entrar na Associação descobri o PT, a morte de D. Lídia - era o fim da Ditadura - quando a gente foi estava brigando pela anistia. Olha, eu sei que eu fui levada, eu acho que é muito espiritual mesmo. Eu sei que fui levada por muitos ventos, né? Quando vi, estava fazendo um monte de coisa, até compulsivamente. Estava no Movimento de Mulheres, Negro, no Movimento pela Anistia, no DCE da Universidade - participei do centro Acadêmico - fui participando de tanta coisa que aprendi. Aprendi que a gente vivia naquela favela porque tinha uma tal luta de classe, que uma minoria tinha direito a tudo e deixava a maioria na miséria. Aí para mim estar no PT foi uma coisa de luta mesmo. De acreditar que poderíamos mudar, que posso mudar! (...) Contaram tanta mentira para a gente, colocaram a gente para ser subjugado. Então, é isso mesmo, é uma reação natural ter raiva do branco. Pior que tem gente que é assim até hoje. (...) Agora acho que a gente

está vivendo um momento muito legal, né? (...) Eu estou pensando nos projetos que a gente vai fazer este ano, de afirmação positiva da gente. Acho que foi importante denunciar e trabalhar a auto-estima, para foi fundamental. Eu tenho que achar que eu sou capaz de ser governadora, senadora. Já optei por isso. Gosto de fazer isso. Você gosta de ser pensadora, tem que pensar que você pode ser uma pensadora aqui. A minha filha, Viviane, adora basquete, ela tem que ser o máximo. Nyanui quer ser juíza, tem que ser o máximo de juíza. Minha filha quer ser, ela vai ser. (...) O que é diferente do que nossos pais fizeram com a gente, pois nos falavam: "imagine, ser negro juiz? Você vai ser a única, vai ser a primeira". Então eu penso assim, que seja a primeira de uma série. Fora isso, eu acho que todo mundo deveria fazer análise (risos) Um divã popular para todo mundo: JÁ PARA ANÁLISE. Eu poderia fazer um projeto, ANÁLISE POPULAR! (...) é uma barreira mesmo o direito De subida da pessoa e aí, quando você conjuga as duas coisas, o racismo e o machismo dizem que nosso papel é ser doméstica mesmo. Minha filha Vivi queria trabalhar numa lojinha por cem reais (..) não estou facilitando a ida delas para o trabalho, a gente teve tudo facilitado para ir trabalhar desde pequena. Para ninguém deve trabalhar antes da Universidade. Todos deveriam ter tempo para estudar. De preferência com um carro para ir e vir bem da faculdade. Esse é o meu sonho.

Eu sou médica formada pela UFF em 1986. Vou fazer dez anos. E agora, eu estou fazendo mestrado em Engenharia de Produção, na COOP, com um projeto de banda de Mulher Negra. Estou no CRIOLA, como coordenadora de saúde, que não quer dizer nada, pois coordenadora lá não quer dizer nada, mas é isso que eu sou. Mas acho que tem uma coisa nessa coisa de movimento que coisa de eu estar no CRIOLA isso implica numa outra reflexão que começa abandonada nesse processo mesmo, o que é uma ONG e o que uma ONG tem a ver com o movimento? Isso é só uma reflexão... ninguém tem resposta, não sou eu que vou ter, não sei não.

Eu sei disso agora, eu sou empregada de cozinha assinada de CRIOLA, eu sei, não sou voluntária, mas eu sou mulher, e sou uma pessoa só. É uma questão que ainda não gera desconforto e não gera uma reflexão tanto quanto necessária. Ameaça ter uma



## JUREMA WERNECK



Eu sou médica formada pela UFF em 1986. Vai fazer dez anos. E agora, eu estou fazendo mestrado em Engenharia de Produção, na COOPE, com um projeto de Saúde de Mulher Negra. Estou no CRIOLA, como coordenadora de saúde, que não quer dizer nada, pois coordenadora lá não quer dizer nada, mas é isso que eu sou. Mas acho que tem uma coisa nessa coisa do movimento essa coisa de eu estar no CRIOLA isso implica numa outra reflexão que comece abandonada nesse processo assim, o que é uma ONG e o que uma ONG tem a ver com o movimento? Isso é só uma reflexão... ninguém tem resposta, não sou eu que vou ter, não sei não.

Eu sei duas coisas, eu sou empregada de carteira assinada de CRIOLA, eu seja, não sou militante, mas eu sou militante e sou uma pessoas só. É uma questão que ainda não gera desconfiança e não gera uma reflexão tanto quanto necessária. Ameaça ter uma

reflexão sobre isso aí, desaparece. Isso não é só no movimento de mulheres negras, mas é também. Porque ONG nenhuma é movimento. O pessoal lá do CRIOLA não gosta muito quando eu falo, pois uma ONG é uma empresa mesmo, tem obrigação dos impostos, tem obrigação de prestação de contas, de contabilidade, tem prestação de contas a quem lhe financia, tem suas obrigação e tem também quer dizer...o Programa da ONG em muitos pontos pode ser comum com o movimento.

O CRIOLA por exemplo, que é uma ONG ligada ao movimento, ou qualquer outra ONG ligada ao movimento por exemplo, o CEAP, tem programa em comuns, ou até que surgem aí no movimento, ou que surgem voltados para o movimento. Por que a ONG não tem essa coisa de...o seu trabalho é no campo social, mas é mais amplo. Por exemplo, o meu trabalho na área da saúde da mulher, saúde da mulher não chega a ser uma bandeira do movimento das mulheres negras, não é uma bandeira urgente do movimento de mulheres negras, porque as mulheres estão pensando mil coisas ao mesmo tempo, então não tem...mas é uma bandeira urgente, mas mesmo assim é uma coisa que eu acho, que dedico minhas horas de trabalho, ou seja não cumprimos à rica as deliberações do movimento. Ainda que eu ache, não só eu que acho, mas lá em CRIOLA, a gente acha que a gente tem e a gente está tentando organizar a coisa de tal forma que a gente também preste contas à esse movimento, assim, no sentido... Porque não somos tão isoladas assim, é uma empresa que não surge do nada e nem para o nada. Ele é uma referência, mas ainda assim, ela não é essa coisa, ela não é o movimento, ela não traz em si todas as coisas do movimento. Eu acho que a questão da presença de ONG, no movimento de mulheres negras não tem muita ONG, na verdade só tem duas, ONGs estruturadas como ONG, que é o Gueledès e CRIOLA, só tem essas duas nesse momento que eu conheça, tem uma série de grupos, mas ONG com essas responsabilidades legais de empresas, de contas e tudo, só tem essas duas, mas o que já é uma coisa razoavelmente. Eu tenho a certeza que por exemplo, lá no Seminário Nacional de Salvador, uma das coisas que esvaziou bastante, uma proposta que tinha lá, que não era nem mais nem menos interessante, que era a proposta da Rede Nacional de Mulheres Negras, que foi construída pelo Gueledès e pelo CACES, que não é uma ONG do movimento, mas que às vezes participa do movimento, se aproxima do movimento, pois é uma ONG em outra condição, né? Mas essa proposta de Rede Nacional de Mulheres negras, o que esvaziou essa proposta - ora era uma proposta que poderia ser mais discutida, não chega a ser ofensiva, reeedeee, uma nomenclatura nova para forum nacional, essas coisas todas - mas o que afastou as pessoas da proposta da Rede, é que a rede da forma que a proposta estava estruturada era uma rede que pressupunha sedes, que eram ONGs, e só tinham duas ONGs e Criola. E as pessoas não confiam em ONGs, não tem certeza para que servem, desconfiam das pessoas que trabalham para as ONGs, por que são remuneradas. Não que as pessoas dos grupos não recebam também esse mesmo dinheiro que vai para as ONGs, mas que as ONGs são mais explícitas, por que afinal, o movimento existe e o movimento movimenta dinheiro também, a gente não pode fingir que o dinheiro que entra no movimento entra pelas mãos das ONGs, simplesmente, entram também pelo...mas as pessoas desconfiam. Então essa proposta foi bastante esvazia, não só pelo fato de quem propôs, porque também as pessoas estavam lá com problemas de confiar em algumas pessoas, mas também era uma proposta que reforçava o papel das ONGs no movimento e que o movimento que considera ou considerava naquele momento, que aquela não era a melhor saída de reforçar o papel das ONG. O que diga de passagem que eu...de CRIOLA foi eu e Geni, que também nós concordávamos, porque a gente acha que esse movimento não é um movimento de ONGs, movimento de ONGs é outra coisa, esse movimento é de mulheres negras, então não tem que

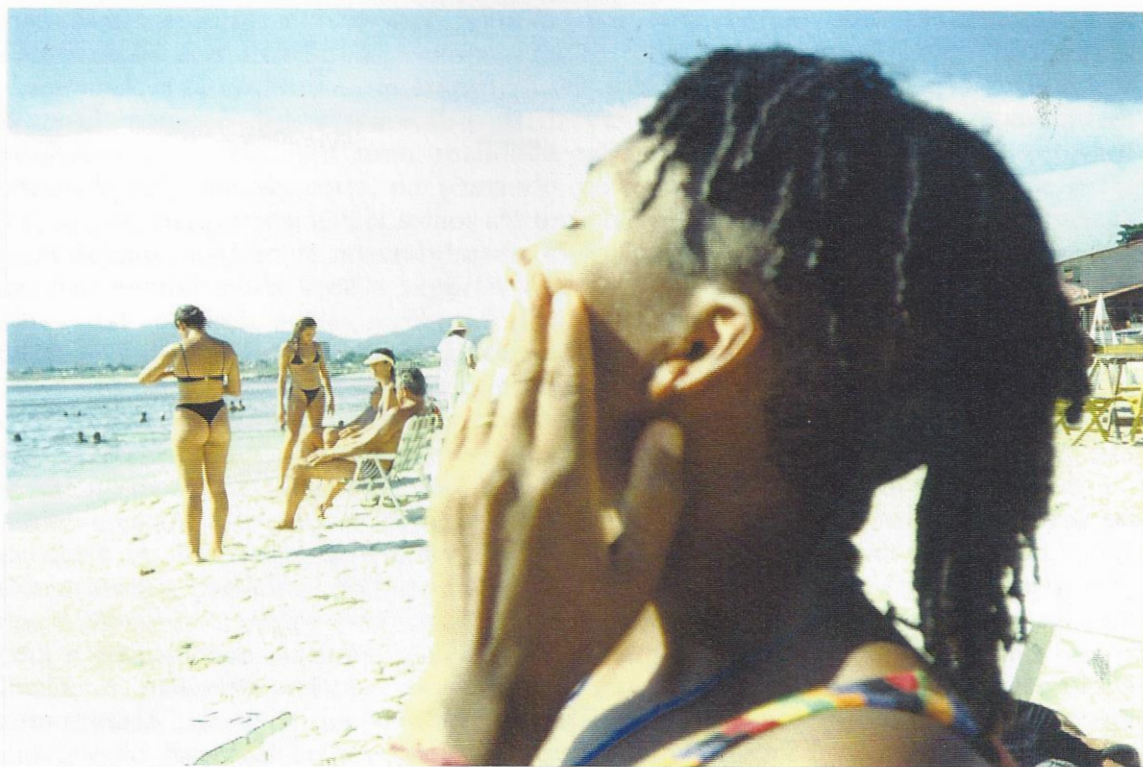
reforçar o papel de ONGs, mas não foi porque a gente falou isso, que as pessoas não votaram na proposta de rede. Votaram porque simplesmente era uma proposta que reforçava ONG, não porque a definição do movimento é definição que é um movimento de mulheres, mas era contra ao aumento do poder das ONGs, que já tem algum poder, porque tem computador, fax, dinheiro todo dia. Poxa, outros grupos tem dinheiro...bom, tem grupo também que disfarça a gente sabe que no Brasil...no Rio não tem tantos grupos de mulheres negras, mas fora do Rio tem grupos, coletivos que recebem financiamento igualzinho, igualzinho, igualzinho, há muito mais tempo inclusive. Antes de existir GUEDELÊS, e o Gueledês já existe há muito tempo e esse povo já estava ganhando dinheiro. Mesmo assim esse povo disfarça e finge que não é disso, não é daquilo e finge que não está acontecendo.

É uma questão da confiança e da desconfiança. Quem é merecedor da confiança, ou seja, qual é a mulher negra? Quem é que é a portadora da negritude? Uma mulher que trabalha numa ONG é menos portadora pelo menos, não merece essa confiança toda, porque ela é considerada, à princípio, uma vendida. Podia se considerada uma empresária social, mas não ela é considerada uma vendida que é completamente diferente. E eu discordo, não é porque eu estou nessa posição, mas eu não acho que ela seja uma vendida, mas eu acho que ela seja uma empresária. Uma empresária social sim, com outras responsabilidades, não estamos tratando de lucro, não estamos tratando de rendimentos financeiros, estamos tratando de fomentar outras discussões ou pelo menos potencializar.. esses recursos estão ali porque essas coisas existem, por o movimento social existe, ONG só existe porque o movimento social existe, ou porque o movimento social necessitou se aparelhar melhor, pois ficava naquela coisa do voluntário, voluntário e ficou muito mais difícil, aí se construiu essas empresas sociais que é uma categoria que ainda não está bem definida juridicamente, nem nos impostos, é o maior debate. Mas, de qualquer forma, foi do movimento social que surgiu a necessidade de se aparelhar melhor, mas que no que se aparelhou, danou a desconfiança. Eu acho que como nas ONGs e como nos movimentos, existem pessoas realmente bandidas que não merecem nenhuma confiança, mas não é prerrogativa de ONG ou não é prerrogativa de quem não é de ONG, a sinceridade ou a desconfiança, mas eu acho que esse negócio da ONG, é uma coisa que o movimento de mulheres negras - só tem duas ONGs de mulheres negras no Brasil, ou talvez três se a gente considerar o coletivo de mulheres negras da Bahia, porque como é essa história de coletivo, eu tenho a impressão que é uma ONG, mas eu não conheço muito de perto - tem outras ONGs, mas que é do pessoal que vem do movimento sindical, do movimento negro, essas coisas todas, mas ONGs de mulheres negras só tem essas duas ou três, então o movimento ao mesmo tempo que considera legítimo - e quem toda razão - utilizar esses recurso essa coisa todas, ao mesmo tempo tem um medo, acho que é um medo salutar de largar o poder nessas mãos, porque essas mãos tem outros compromissos, tem esse compromisso mas também tem outro, mas também tem um medo que é um medo por causa da presença do dinheiro, porque não é um medo porque está fazendo essa reflexão política, porque não é bom reforçar esse lado e não o outro. Tem medo do dinheiro, a coisa do dinheiro, o dinheiro permanente.

As ONGs não tem tanto dinheiro assim, tem ONG que tem muito dinheiro, mas as do movimento negro, não, nenhuma que eu conheço do movimento negro tem muito dinheiro. Mas, tem ONG que tem muito dinheiro que movimento de fato milhões e milhões de dólares, o movimento de ecologia, de criança e adolescentes, mas de qualquer forma não está na mão dos negros,... ainda, né? Mas de qualquer forma a presença do dinheiro virou um pecado mortal, é porque você tem um orçamento fixo, não se extingue com a tarefa, se extingue com a tarefa também, não a tarefa de do

movimento de se organizar um encontro como um encontro que se extingue ao fim do cronograma do encontro. Com a ONG não, termina o encontro a ONG permanece com seu orçamento maior ou menor, mas de qualquer forma permanece. Como é que lida com o dinheiro, o movimento não sabe, mas isso não é prerrogativa do movimento, mulher negra em geral, tem uma dificuldade de encarar o dinheiro, porque tem mil significado, geralmente o dinheiro a maior parte do tempo do nosso ponto de vista das mulheres negras estava na mão do inimigo, então quando o dinheiro chega...eu fico imaginando uma mulher negra que fica rica deve ter um...não tem muitos mas também deve ter lá seus problemas. Eu fico vendo as mulheres negras de classe média, salvo as exceções de qualquer forma, a maioria tem um sentimento, não um sentimento, mas uma prática que tem uma dívida com os mais pobre. Estão sempre doando, sempre dando, eu não acho isso errado, não eu também faço isso, é isso mesmo nós também passamos por isso, recebemos muitas doações, essas coisa, então estamos sempre doando, mas acho também que é por causa dessa coisa do dinheiro que queima em nossas mãos da gente. E a coisa mais ridícula que as mulheres negras de classe média tem um pouquinho de dinheiro, mas parece que é uma fortuna tal que matou de fome um continente, então a gente tem que ficar correndo atrás da culpa, ou sei lá se é a culpa, mas acho que muitas tem esse tom de culpa, assim, mas outras não. Por exemplo, eu vivi muito e acho que você também, né, da doação. Como a gente vai estudar sem doação, como a gente vai comer sem doação? Não tinha alternativa, então a gente doa mesmo, já doe para gente que fala mal de mim, (risos) sabe aqueles empréstimos? Hoje eu não faço muito isso, assim aleatório eu não faço não, pois o meu dinheiro foi muito difícil para se ganhar.

## SANDRA BECCO



Eu sempre militei ...mas iniciei minha militância no movimento de favelas, ou seja lutando por melhores condições de vida na favela, aquelas coisas ...saneamento básico e tal. Começo a partir de 1975 ... quando ....é...onde eu morava...no Morro dos Cabritos quando cinco núcleos iam ser despejados, ou seja 140 famílias. Ai todos ficaram, fica...ficamos desesperados e tal. O que fazer? O que fazer? E neste período uma das favelas do Rio bastante organizada, a nível da resistência da remoção, era favela do Vidigal. E a partir daí em busca da solidariedade nós nos unimos e a partir.... com esta situação eu me inseri mais organizadamente no movimento. Ai eu já comecei a fazer parte da Comissão, a secretaria da Associação de Favela, que é uma coisa que depois eu quero falar, que geralmente, nós mulheres na comunidade, a gente começa a participar da Associação de Moradores, o papel que nos é destinado, possível, é a...é a... Secretaria feminina da Associação ou ser secretária, não é? E mais com o passar do tempo...eu fui conhecendo outras comunidade como Rocinha, Vidigal, Guararapes, Andaraí. Fomos fazendo amigos...e tal... conhecendo mais gente...aí você vai discutindo vai saindo daquela visão do seu umbigo. E discuti-se a necessidade de nós, nos organizarmos de estarmos mais presentes na Associação, num cargo mais de mando... e tal. E a partir daí as mulheres começam a... a... querer reivindicar a direção mesmo da... da... das Associações de Moradores. Como temos vários exemplos. E com minha militância de favelas e tal... cheguei perto do movimento... cheguei próxima do Movimento Negro Porque me aproximei do movimento negro? Porque dentro de mim eu também sentia que por morarmos numa comunidade de maioria negra...a questão racial....olhava o meu contorno e via ...Poxa, porque vivemos assim? E dentro da comunidade mesmo, as vezes

discriminação do nordestino que não gosta do negro... aquela briga toda... aquelas piadas discriminadoras. E vendo nossa realidade, mulheres levando porrada todos os dias... apanhando. Os homens sempre saem, as crianças ficam, as mulheres põe, sendo mãe sem nenhum auxílio dos homens que conceberam aquelas crianças é a esterilização é a ligação de trompas...Então todas estas coisas estão... nós fomos observando e tá entrando... tá entrando... O que fazer com isso? Pô esta realidade é mutável, como é que vamos? E a partir eu quis entrar em contato com outras mulheres de favela. Era uma realidade negra, estas mulheres também estavam passando pela mesma coisa, ou passando, ou vendo esta realidade. O que de certa forma, pela nossa consciência somos até um pouco privilegiadas, né? De não estarmos num degrau máximo de miserabilidade. Este suporte - não é nem financeiro - mas a questão mental ajuda você a suportar e se prevenir de determinadas situações. E a partir daí conheci outras mulheres. Ah! vamos freqüentar reunião de mulheres e tal... E deu a idéia de formar aí um encontro...foi...é... o primeiro encontro de Mulheres de Favelas e Periferia... que teve ajuda da nossa primeira parlamentar, e conseguimos mobilizar outras mulheres de várias comunidades... isso foi em.....197..... .....1978 ou 79, mas depois a gente pode conferir. Foi um momento de... Quer dizer esta década final de 70 e início de 80 foi um momento de muito crescimento para o Movimento, foi um momento que mulheres negras de periferia ou de favela, que começaram a participar... começaram a participar...! Começaram a participar do movimento negro propriamente dito...De levar de querer que o Movimento Negro uma Começaram a querer do movimento negro uma aliança com a comunidade. Algumas instituições fizeram assessoria comunitária, que nem o Paulo, o primeiro marido da Jurema... seu irmão! Foi a primeira assessoria comunitária....do IPCN, foi uma tentativa de ligação do movimento negro, que é um movimento formado basicamente de negros de classe média... e tal... ou que se transformaram em...(classe média). E nós víamos com toda sede , com toda garra de unir...de ampliar o espaço do Movimento Negro, ou seja que ele concebesse também que a favela era uma extensão territorial que nós deveríamos fazer parte ou já fazíamos parte e queríamos ser reconhecidos... e aí foi criado o movimento negro de favela e de periferia sempre um complemento, uma costela de Adão... sempre essa situação estava se perpetuando. E a partir daí teve o primeiro Encontro de Mulheres de Favela e Periferia...o segundo encontro de mulheres de favela e periferia, isso em 79. Em 86...86?... Em 84., 85, teve o primeiro Encontro Estadual de Mulheres Negras... (eu lembro que foi em 87). Em 1987 o primeiro encontro Estadual de Mulheres Negras, em Moquetá... foi um encontro que com muitas dificuldades conseguimos financiamento. Não existia ainda uma tendência, de y, x ou z. Esse Encontro foi convergente, foi a união das necessidades, das necessidades, do contato, do desejo de se organizar. A sua organização foi muito bonita. Claro que tinha divergência, mas não eram divergências de princípio. Era um momento de arregimentar... não se aprofundava nas diferenças ideológicas, e tal. O Primeiro Encontro Estadual de Mulheres Negras, para mim marcou no sentido de: "é necessário...é necessário que as mulheres negras discutam suas espécies enquanto mulheres negras. E... para se contrapor do feminismo clássico e tradicional.... Agora como vamos fazer isso, não sei.

## SUZETE PAIVA



Com meu nome mesmo, Suzete Paiva dos Santos, a guerreira, cara a cara com Rosalia. (risos). A mulher do trevo, eu tenho uma logomarca, que é um trevo com as cores da Unidade Africana. Eu era atleta, vivia lá no interior do subúrbio, de Realengo, atleta estilo sul americano, fui barrada no baile pois mamãe diz que filha dela não fazia atletismo não ia virar menina machorra. Isso me marcou muito, sempre com um toque de rebeldia na família. Eu era diferente na família como até hoje, mas com o passar do tempo isso passou a ser um elogio e não uma pecha. Aí eu fui para o ginásio, ainda peguei a admissão, sempre estudei em escola particular perto de casa. Eu não tive uma infância muito tranqüila, pois minha mãe já tinha levado um susto com o meu pai, pois ele me rapta com sete para oito meses. Ela só vai me resgatar com um ano. E de um ano até os sete eu fiquei com um pé na terra e outro na cova porque eu voltei com debilidades físicas e minha vida era toda plantada dentro de casa. As brincadeiras com as menina, quem quisesse brincar comigo tinha que ir à minha casa. Era escola de fundo de quintal.....Eu me lembro

que por conta disso eu fui crescendo, estudei numa escola chada Renê, que o cara batia para cacete, até que um dia eu me cansei daquilo, saí da escola e fui para a Nicarágua, que é uma escola da elite pública, no centro da praça do Realengo, eu demorei a chegar, minha mãe passou mal, caiu, aí foi me procurar e foi quando eu cheguei com uma novidade que a partir daquele dia eu estaria numa escola pública. Fui dali para o Gil Vicente, que o diretor era um ara graduado, da marinha, que era Ivan Constante Vof March, tem até uma escola com o nome dele, comecei a fazer atletismo escondido, porque eu literalmente apanhava na escola, mas isso dava-se pela preocupação dela me ver longe de novo. Até que um dia teve um negão me procurando que era o meu tio, e aí todo mundo ficou escondendo, todo mundo ficou assustado, um negão de 1:30 m. com um enorme beijo, como eles diziam, né? Diziam, esconde que é o pai, dali sai e fui fazer escola técnica, passei mas não fui. Ganhei uma bolsa para fazer o pré técnico. Tentamos uma escola técnica local, como não conseguimos encontrar o meu pai para comprovar renda, fui para na escola normal..... (volta a questão do rapto)..... Até recentemente eu estava fazendo exame de fezes, pois eu tinha ameba, quando a gente se lembra vai lá e faz o exame, né? Eu fui para o Júlia ... morei durante um ano na casa dos patrões de minha tia. mamãe era costureira, modista, foi babá, morou no Palácio Guanabara. É me manteve até recentemente na faculdade particular, na Santa Úrsula, eu não acreditei na minha competência que tinha passado para a UERJ e não fui ver aquela porra. Pô direito na santa Úrsula, minha mãe de santo chegou com um jornal e mostrou o meu nome para a UERJ com quatro mil e tantos pontos, e eu fui no último dia e me remanejaram na a USU. (...) Meu primeiro vestibular foi para a CFET eu passei... eu tinha feito edificações, mas eu botei mecânica (...) eles ficaram impressionados com o meu esforço... eu tinha muita dificuldade para desenho... eu podia ter entrado para escola de química... então ela me mandou para a escola norma... Sou professora da escola fundamental, alfabetizadora, pegando os chamados rotulados, "renitentes". Antes era classe especial. Uma vez fazendo uma feira cultural, reproduzimos um texto de Monteiro Lobato, eu estava na peça, mas meu papel era secundário, muito pequenininho. Era do Jeca tatu, eu só flava duas palavra, e nisso eu cresci meio, eu roubei a cena dos atores principais, me tornei muito conhecida. Inclusive tem um professor que dá aula aqui de Matemática, o Walter, que falou para mim que eu estava proibida de dar aula, eu deveria seguir carreira de teatro. eu me empolguei com aquilo e fui parar num grupo de teatro, só tinham dois negros. Eu estive com um pé para entrar no Asdrubal e fui para o garra Suburbana. Nessa época, o Semog andava por lá, ele fazia administração de empresas. Minha primeira forma de organização foi no candomblé. Eu morava perto de uma Assembléia de Deus, eu ia para lá brincar com as crianças. Nos fundos o Axé Apô Afonjá dava para os fundos da minha avô..... Minha primeira forma de organização se dá com oito meses eu entendia que tinha que ficar presa, mas eu me rebelava. E quando eu fugia para rua, quando eu via algum vizinho ou parente vindo em minha direção para me pegar ou me proteger eu já sabia que era um perigo. Quem era o perigo, o meu pai, que estava por perto. Eu saí correndo, gritando. Minhas inserções pelas ruas são as minhas primeiras formas de organização. (...) Um dia eu estava num ônibus e uma pessoa atrás de mim falou assim: Tá falando tanto de consciência, então pega esse jornalzinho aqui para você ler" O SIMBA surge em 75, acho que isso foi 75-76. E eu disse que não tinha dinheiro. Essa pessoa era o Amaury eu jogava meus cabelos assim, e eu a partir dali comecei a curtir amor platônico. Fui morar depois onde ele morou. Eu cheguei toda feliz da vida mostrando o jornal, aí o pessoal caiu de pau em cima de mim, então eu já comecei ver o grupo assim (olho torto) (... ) Aí eu tento me



reaproximar do movimento negro, eu já havia feito o santo, já tinha me formado. Comecei também a ir em bailes militares. Eu tinha umas amigas que sempre me chamavam, aí um dia eu acabei indo. Conheci um cadete lá, ele era negro. Eu fiquei maravilhada: um cadete negro, coisa que a gente nunca via. Comecei a namorar, começamos a ter intimidade sexual. Na época era tirar um piço, tirar sarrinho na coxas ou então botar na portinha. E foi assim que eu peguei uma gravidez virgem. Tô te falando sério, eu ainda tenho os exames guardados. Minha infância lá em casa nunca conversamos sobre sexualidade, minha tia falava que quando eu ficasse moça eu ia ficar assim (e mostrava o moldes para a gente). (...) Hoje eu não sei a quantas anda, até mesmo porque ficou muita seqüela. E todas as vezes que a gente tentava se reunir, eu acho que foram vocês que tentaram se reunir lá no Sindicato o pau rolou, o Sindicato dos Professores, se lembra? Eu acho que tá na hora da gente avançar, sair da linha sexista. A gente tá na linha de mulher, nesta visão sexista, mas ir para uma coisa mais participativa no sentido de curso de formação. Uma organização que se preserve no curso de formação. E ao mesmo tempo, saber como se mescla isso, organização de mulheres negras e movimento negro. Porque só pelo título, parece que são dois movimentos, para quem não é do meio, passa assim, e como é que fica isso? Acho que está na hora de juntar essas questões de negros e negras se respeitarem se disputar o poder sim. E a gente está correndo o risco de perder o pouco que conquistou, quer seja na área financeira, política e econômica. (...) tem uma pessoa na mangueira que tá fazendo um pequeno trabalho, tem outra ali, mas a gente não conseguiu se juntar enquanto mulher, enquanto MN, como um todo. O MN também não está muito diferente. Se bem q a nível do MN, a gente avançou lá atrás com o ENEN, provavelmente que vem sair outros ENENs - Encontros Nacionais de Entidades Negras. (...) Hoje eu estou no MNU, Movimento Negro Unificado. Ele está em vias de se transformar numa organização nacional hoje, a realidade está mais próxima. Ele está organizado em treze estados da federação, né? (..) Nunca fui à encontros de mulheres negras.. cheguei próxima e fui barrada no baile. No encontro nacional já estava tudo lotado.

## VÂNIA SANTANA



Sou historiadora de formação ...tenho uma ...me formei em 84, trabalho em ONG deste 83, trabalhei primeiro no IBASE, durante 7 anos, de 83 à 90. Depois saí para estudar Mulheres e Desenvolvimento na Holanda, depois voltei em 1992 e desde este período trabalho na FASE. Na FASE durante estes quatro anos trabalhei como assistente de direção e agora, estou na área de relações internacionais e, muito provavelmente, a partir do ano que vem ficarei trabalhando com a problemática ligada à gênero e desenvolvimento nos projetos da FASE. Sou carioca, do RJ. Tenho uma filha, Flora, estou casada, Flora tem cinco anos agora. .. O que eu podia dizer mais sobre mim?...Venho de uma família de classe média baixa, onde a valorização da educação foi muito acentuada. Minha mãe foi funcionária pública, aposentou-se venho de uma história de mulheres trabalhando dentro da família. Acho que isso dá um certo panorama... Meu avô foi muito importante nesta formação familiar. Meu avô foi Oficial da Marinha...NEGRO...Baiano. Chegou aqui como oficial de marinheiro e se reformou - quando você sai do exercício - Foi um dos primeiros operadores de rádio submarino. Tem uma história bastante interessante, mas é para montar um pouco esta concepção de subúrbio carioca de Madureira, onde na verdade moravam grande parte dos suboficiais daquele período do século eu venho de uma família que foi construída, se constituiu em Madureira. Acho que isso monta um pouco essa trajetória de imaginar que o caminho da ascensão social se dá a partir da educação e colocando muito claro que mulheres e homens trabalham . Não venho de uma história de família de mulheres que não tem trabalhado. Minha avó embora tenha parado de trabalhar depois que se casou, se casou com 23 anos, antes disto desde 14 anos, não só ela como todas as irmãs trabalharam em fábrica: fábrica de renda,

fábrica de tecidos. Isso é uma coisa importante, pelo menos pelo meu pontos de vista, por onde as coisas passaram, por onde o feminismo chega até a mim. Eu costumo dizer que sou uma feminista e ativista das relações raciais. A minha entrada no feminismo se deu de uma maneira - não por uma trajetória pessoal, do que eu vi dentro de casa, da necessidade de você se emancipar, ter sua autonomia financeira, ter a sua colocação profissional, minha mãe era profissional, é profissionalizada - então isto tem uma história familiar bem concreta e sempre no sentido de afirmar que você tem que lutar pelos seus direitos. Isto foi uma coisa que eu ouvi desde sempre dentro de casa. Quando em 79, durante o período de secundarista, eu fiz parte de movimento de escolas, dentro do Colégio...estudei no Colégio Piedade, tínhamos um grupo de amigos, um gremiozinho, um jornal. Eu durante minha adolescência fiz teatro, fiz dança, enfim, me envolvi com um pessoal que muito rapidamente, por conta do momento mesmo, final dos anos 70, tinha uma ... a necessidade de participação política era uma coisa que passou pela gente. Eu já cheguei dentro da universidade, com uma perspectiva progressista dentro de mim mesmo, por tudo que eu tinha sido mobilizada durante a escola secundária, no segundo grau. Muito bem, então juntou uma movimentação do Movimento Estudantil, que na época quando eu entrei para a universidade tinha claro a participação, mas não consegui perceber o movimento estudantil da universidade, como sendo o meu espaço político. Ao mesmo tempo, eu já naquela época, 79/80, eu já tinha, por conta do que acontecia... os debates porque nós éramos um grupo de estudantes secundaristas bastante ativo fazíamos um monte de palestra, debates na ABI, quando tinha passeatas nós íamos...eu tive acesso então à atividade do movimento negro, IPCN... Conheci logo de frente o Amaury, não só eu como todos os meus amigos daquela turma

(..)No primeiro ano da Universidade, em 80, uma professora minha chamada Fany Tabat, que todo mundo conhece no RJ, me chamou para participar de uma pesquisa que ela estava desenvolvendo no RJ, na época pela FLACSO, que falava justamente sobre a organização de mulheres, o que tinha acontecido de 1980 à 1985 na organização de mulheres no estado do RJ. Então, foi sopa no mel para mim. Nós fizemos uma bateria sobre dois assuntos super importantes para a pesquisa que foi a análise do material, jornais, boletins, produzidos pelo Brasil Mulher, centro da Mulher Brasileira e um outro... Era tudo o que havia sido produzido regularmente e que não era regular - cartilhas por exemplo. E uma outra coisa que era importante para a pesquisa era entrevista com mulheres ativista desses grupo. Na época tínhamos três grandes grupos; Coletivo de Mulheres do RJ, o Centro da Mulher Brasileiro e o Brasil Mulher. Entrevistei várias, uma vinte... Foi aí que eu conheci todo mundo... foi uma coincidência feliz de ter tido a oportunidade, já entrando na universidade tendo o interesse que já vinha desde 77, 78 quando eu entrei no secundário... juntou, então eu tive a oportunidade, não por conhecer as pessoas como o de aprofundar a leitura, qual era a perspectiva, como tínhamos chegado até ali... não só em termos de movimento de mulheres no Brasil, como ao nível internacional. Eu trabalhei com Fany um ano em meio cheguei junto com ela até o inciozinho da criação do núcleo da mulher, quando não tinha quase nada, bem no início, eu era única pessoa que trabalhava com ela, o que me ajudou muitíssimo porque era remunerado. Me ajudou muitíssimo a levar a faculdade, era realmente.... Eu sempre costumo dizer que a de fato responsável pela minha entrada no M de Mulheres da forma como se deu é a Fany, depois uma pessoa maravilhosa que eu conheci que me orgulho muito de ser amiga, que é a Maria José de Lima, a Zezé. A qual sem dúvida é uma grande pessoa. Tem até uma historiazinha engraçada ... é que Fany era uma pessoa que determinadas pessoas viam assim... não sei o quê . E muita gente não quis me dar entrevistando

início, não queira envolvimento com esse pessoal que pesquisa e tal, mas eu falava “ pô eu não tenho nada a ver com isso, tô defendendo o meu”. Estou estudando quero aprender e esse mulherio todo está fazendo isso. Ai a Zezé falou, “não venha aqui fazer a entrevista comigo que daqui nós vamos conversar com uma série de pessoas e depois com a Danda, e depois disso, a ela vai colocar todo mundo para falar com você. Fica tranqüila”. Porque elas eram as mais radicais, as feministas mais radicais do RJ eram as do Coletivo de Mulheres do RJ. Era um racha do racha. E foi com esse grupo que eu mais me identifiquei, ficamos super amigas, participávamos das atividades, das discussões. Foi assim que aconteceu

(...)- Mas com relação de ser ativista é que eu tenho muita consciência da minha negritude, sempre tive uma consciência exatamente como as questões de gênero. Tive essa consciência adquirida dentro de casa, não foi um fato de discriminação racial lá fora que me deu essa concepção. Eu venho de uma família negra, meu pai é branco brasileiro, minha mãe é negra, eu tenho um avô que teve história dentro da marinha, eu venho de um bairro essencialmente de população negra, então não é uma coisa... Conheci um Natal quando menina: Natalino José do Nascimento. Um bairro com duas grandes escolas de samba, então ninguém me disse, nasci sabendo. Na PUC, onde eu estudei, nós éramos 26, havia um grupo de negro... não era uma coisa formal mas, sabíamos exatamente onde nós estávamos, de onde nós vínhamos. de onde saímos, de onde nós estávamos e o mais importante de tudo era o ONDE QUERÍAMOS IR. Isso aí.

(..) O RJ nos anos 80 foi de um nível de produção e de agitação, de intercâmbio imensos, para ter sido vivido imenso, as palestras no Arquivo da Cidade sobre escravismo, o que muito me ajudou na Faculdade, professoras da PUC que estudavam escravismo, o que acontecia na Biblioteca Nacional, o que acontecia dentro da aliança francesa, coisas que aconteciam grátis que hoje você até vê que falta muitíssimo e naquela época com a disponibilidade de estudante deu para freqüentar. Então o que acabou acontecendo com a história das relações raciais, eu fui estudar. Quando eu terminei meu trabalho com a Fany, eu estava no Instituto de relações Internacionais da PUC, e eu fui estudar África, e tinha tanto seminário interessante sobre Brasil-África, o Centro Estudos Afro-Asiáticos, era um local que aconteciam milhões de coisa, entendeu? Fui estudar literatura, fui ler, eu estava dentro da universidade. Aí é que está uma coisa importante, eu agradeço muito a minha família, pelo o que ela imputou em minha em relação à necessidade de estudar. Eu aprendi muito quando diziam para mim que a única coisa que eu tinha que fazer era estudar, na hora de estudar é estudar, na hora de trabalhar é trabalhar. Eu acho que eu soube aproveitar aquele momento que eu estava destinada a estudar, então eu fui estudar e existia um caldo naquela época .... então eu acompanhei a trajetória do MN da melhor forma: me informando, me informando como uma pessoa. É por isso que eu digo assim, tem uma história “AH! desconhecida no MN”, não quem estava no MN me viu lá, agora, ativista eu não era fui fazer ativismo em outros lugares. Fui fazer ativismo no movimento de mulher, porque eu ainda acredito que o mundo está dividido entre duas metades: entre homens e mulheres. Essa divisão é o nós... como se percebe os motivos que fizeram as mulheres acabam optando por fazer seu movimento digamos, autônomo.

(...) Eu acho interessante também que um dia a gente com o rosto pintado de branco. É para lembrar as mulheres negras que querem a todo o custo clarear. É um enfrentamento que a gente tem aí. A gente partiu do pressuposto que todas as mulheres negras querem ser negras e isso não é verdade. Eu não tenho muito uma opinião formada sobre isso não, tem muita coisa para a gente ver, né?